

HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

SOCIOPROFISSIONAIS DE ALUNOS DO PROEJA

Itinerários que contam as vivências do mundo do trabalho

Andrey Giordanio Lopes Salazar
Déa Nunes Fernandes
Eliane Maria Pinto Pedrosa



HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

SOCIOPROFISSIONAIS DE ALUNOS DO PROEJA

Itinerários que contam as vivências do mundo do trabalho

Andrey Giordanio Lopes Salazar
Déa Nunes Fernandes
Eliane Maria Pinto Pedrosa



São Luís- 2024

2024 © TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MARANHÃO**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Carlos Cesar Teixeira Ferreira
Reitor

Lucimeire Amorim Castro
Pró-Reitora de Administração

Maron Stanley Silva Oliveira Gomes
Pró-Reitor de Ensino e Assuntos Estudantis

Carlos Alexandre Amaral Araújo
Pró-Reitor de Extensão

Rogério de Mesquita Teles
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Clarisse Cordeiro Medeiros
Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional

Paula Francinetti de Araújo Tavares
Coordenadora Local do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica ProEPT – IFMA Campus São Luís Monte Castelo

EQUIPE TÉCNICA

Marderson Antonio Frank Silva Nascimento
Projeto gráfico e diagramação

S161h Salazar, Andrey Giordanio Lopes.
História, memórias e experiências socioprofissionais de alunos do PROEJA:
itinerários que contam vivências do mundo do trabalho./ Andrey Giordanio Lopes
Salazar. – São Luís, 2024.
72p.: il.

Produto da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Maranhão, Campus São Luís – Monte de Castelo, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Maria Pinto Pedrosa.

Coorientadora: Profa. Dra. Déa Nunes Fernandes.

ISBN: 978-65-00-98987-8

1. História e memórias. 2. Experiências socioprofissionais. 3. Identidades de trabalho.
4. PROEJA. I. Título.

CDU 374.7:159.953

Marcelle Christine Costa de Sousa – Bibliotecária - CRB 13/550



“Há um trabalho da subjetividade contido nas narrativas orais – aquele através do qual os indivíduos constroem e atribuem significado à própria experiência e à própria identidade -, [...]. Nós trabalhamos com memórias: as narrativas são expressões de memórias, portadoras de saberes localizados historicamente. Os lugares trazidos pelas memórias são referências de experiências vividas no passado e ressignificadas no presente das narrativas.”

Déa Fernandes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
CAPÍTULO I - ANTONIA MARIA, O TRABALHO ENTRE CAMPO E A CIDADE	09
História I: "Os motivos que me levam a trabalhar são minhas filhas [...] eu sempre lutei pelos meus objetivos, para mim e para elas, e é isso que me faz trabalhar em casa de família"	10
CAPÍTULO II - REGINA CÉLIA, A VIDA DE TRABALHO	18
História II: "O trabalho para mim é tipo um estilo de vida, é uma coisa que me faz feliz, é uma coisa que toma boa parte da minha vida"	19
CAPÍTULO III - KATIANA DA SILVA, AS IDAS E VINDAS NO MUNDO DO TRABALHO	31
História III: "Eu não tenho vergonha do meu trabalho, faço o que eu gosto"	32
CAPÍTULO IV - DULCE MARIA, A BUSCA POR FORMALIDADE NO MUNDO DO TRABALHO	39
História IV: "Eu queria trabalhar era formalmente mesmo de Carteira assinada [...] O que eu queria, era que o mercado de trabalho facilitasse a nossa entrada no emprego"	40
CAPÍTULO V - JORGE RODRIGUES, UM MULTIPROFISSIONAL NO MUNDO DO TRABALHO	45

História V: “Eu me vejo como um multiprofissional. Eu posso desenvolver qualquer função. Eu não vejo o desemprego como uma ameaça” 46

CAPÍTULO VI – ELISREJANE BARBOSA, OS DESAFIOS DE UMA MICROEMPREENDEDORA NO MUNDO DO TRABALHO 57

História VI: “Com toda dificuldade que tenho hoje, quero empreender mesmo, montar meu próprio negócio” 58

SOBRE OS AUTORES..... 72

INTRODUÇÃO

O paradidático, *"Histórias, Memórias e Experiências Socioprofissionais de Alunos do PROEJA: Itinerários que contam as vivências do mundo do trabalho"*, foi elaborado em parceria com estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Timon, a obra é proveniente de pesquisa acadêmica a nível de Mestrado e compreende o produto educacional apresentado como requisito à conclusão do curso do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. O livro foi produzido a partir de excerto de dissertação, aborda a área de conhecimento "Memórias de Trabalho" ao explorar o tema das biografias e trajetórias socioprofissionais dos sujeitos público do PROEJA com os quais realizamos a pesquisa, a iniciativa centrou-se também na necessidade de "criação de políticas de produção de materiais didáticos e paradidáticos, tendo como princípios orientadores o respeito à dignidade humana e a diversidade cultural" ¹(BRASIL, 2013, p.512).

A obra apresenta o conjunto de seis textos em formato narrativo em primeira pessoa de autoria de alunos do PROEJA que contam os depoimentos relatados em situação de entrevista, onde o tema gerador de diálogo foram as experiências vivenciadas no mundo do trabalho. A compilação dos textos traz histórias autobiográficas dessas experiências narradas durante a pesquisa, aborda a história de trabalhadores e os arranjos de trabalho atuais sobre o enfoque de um estudo da história do tempo presente que registra a ótica de quem vivenciou dilemas e conflitos trabalhistas da conjuntura econômico política contemporânea. O paradidático foi pensado a partir de um projeto de história oral que adotou a noção de *"coletânea de narrativas"* de ²Thompson (1992, p.303), segundo o autor, estudos em história oral que partem da cooperação de entrevistas e relatos de memórias, podem facilmente dar origem a possibilidade de uma publicação organizada em conjunto com os

¹ BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542 p. < <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acessado em: 07/10/2023

² THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p. Tradução de: Lólio Lourenço de Oliveira.

entrevistados. Parte importante da consecução do projeto exigiu o planejamento coletivo para a reunião do material oral e o debate em torno do tema gerador de diálogo 'experiências vivenciadas no mundo do trabalho', que se estabeleceu como pauta das gravações. Os depoimentos coletados em situação de entrevista foram depois passados da versão oral para a escrita, em seguida os textos foram submetidos a múltiplas revisões tomando o cuidado de não perdermos seu conteúdo, nessa etapa, aprimoramos o documento, com a finalidade de torna-lo inteligível e de fácil leitura optamos por textualiza-lo, ao final das adaptações encaminhamos as narrativas para edição gráfica onde ganharam uma versão literária com estética trabalhada.

O livro em questão, reúne narrativas orais variadas sobre o mundo do trabalho que tem o propósito de multidimensionar a visão do leitor sobre problemas enfrentadas pelos jovens como o desemprego, subemprego, a busca por vaga no competitivo mercado de trabalho, a insegurança quanto a ocupações temporárias, os planos idealizados para a vida profissional, dentre outros. Além de constituírem-se como documentos autobiográficos que registram evidências históricas sobre o passado e presente dos sujeitos, as narrativas dão testemunho das formas particulares e subjetivas como compreendem e representam suas realidades concretas. A leitura do paradidático convida a refletir sobre o contexto em que esses alunos vivem, com a elaboração do produto, o que pretendemos foi empregar o trabalho com projeto em história oral como ferramenta didático-pedagógica possível de ser implementada no contexto de ensino-aprendizagem dos currículos de Educação de Jovens e Adultos.

Dentre as muitas possibilidades a metodologia permite que o professor consiga a melhor socialização das experiências dos alunos acerca do mundo do trabalho em sala de aula e desenvolva práticas centradas nessas narrativas e na discussão do eixo memória, trabalho e identidade. Em relação ao aluno, ao narrar suas memórias se permite enxergar como sujeito que participa do processo sócio-histórico de transformações, enfrenta situações conflituosas em relação a vida. Ao ouvir ou tomar conhecimento das narrativas de outro, é uma história em comum com a sua mesma que pode descobrir, ele pode muito bem a partir dessas narrativas compreender como

é ser uma outra pessoa, estabelecer vínculos de alteridade e respeito as diferenças e até mesmo compreender-se como parte de uma coletividade.

É importante dizer que o produto educacional que desenvolvemos visou atender necessidades específicas do programa PROEJA que constam nas diretrizes que orientam a criação e estruturação dos currículos dos cursos que o programa oferta. O ³Documento Base (2007) do programa estipula como prioridades a educação deste público: (i) – o fomento à produção e publicação de “recursos de apoio à mediação pedagógica baseados no uso das tecnologias de comunicação e interação para a produção e veiculação das propostas pedagógicas” (BRASÍLIA, 2007, p. 61); (ii) – estipula que “as biografias, trajetórias de vida e de trabalho dos sujeitos devem ser reconhecidas e legitimadas pela escola como formas de seu ser e estar no mundo.” (BRASÍLIA, 2007, p. 42-43); (iii) – enfatiza que “é essencial conhecer esses sujeitos; ouvir e considerar suas histórias e seus saberes bem como suas condições concretas de existência” (BRASÍLIA, 2007, p. 43); (iv) – orienta trabalhar temas que “Possibilitem compreender o contexto em que os alunos vivem” (BRASÍLIA, 2007, p. 50); (v) – e abordar a área de conhecimento “Memória/Trabalho” (BRASÍLIA, 2007, p. 51).

Dito isto desejamos boa leitura!

- Os autores -

³ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA**: documento base. Brasília: Mec, 2007. 71 p. < http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_medio.pdf>. Acessado em: 07/10/2023

Capítulo I

“

Antonia Maria, o trabalho
entre o campo e a cidade

”



“Os motivos que me levam a trabalhar são as minhas filhas [...] Eu sempre lutei pelos meus objetivos, para mim e para elas, e é isso que me faz trabalhar em casa de família...”



Apresentação

Eu me chamo Antônia Maria de Sena Rosa Oliveira, tenho Trinta e cinco anos e resido a oito anos em Timon no bairro Pedro Patrício. Antes de morar aqui na cidade eu residia na zona rural do município, no povoado Mundo Novo dos Pretos.

Os motivos da mudança para a zona urbana de Timon

Os motivos que fizeram eu vim para zona urbana foram, minha família e a procura de melhorias no acesso ao trabalho e a educação.

Eu sou uma pessoa que almejo alcançar todos objetivos que planejei para minha vida, posso dizer que um deles é terminar meus estudos.

Para mim foi bastante importante adentrar aqui no IFMA, no curso Técnico em Administração do PROEJA, pois é satisfatório poder voltar a estudar e conhecer novas pessoas e professores.

Também posso dizer que sou muito grata pelo incentivo que minhas filhas me

deram para voltar a estudar. Sempre procurei incentiva-las nos estudos, pois anteriormente não tive essa oportunidade de estudar e concluir o ensino médio.

O trabalho

Atualmente eu trabalho em dois empregos informais como diarista, um deles em casa de família e o outro em uma escola, lá eu realizo a limpeza de todos os ambientes da escola, limpo os espaços, lavo as salas de aulas... Em alguns momentos também cozinho, quando é necessário, mas minha função específica é como zeladora da escola.

Eu trabalho nessa função na escola três vezes por semana, dias de segunda, quarta e sexta e tenho dois dias de folga. Para complementar a semana eu trabalho na limpeza de uma casa de família. Então, trabalho de segunda a sexta em limpezas.

A quanto tempo essa é a minha jornada de trabalho? Já fazem dois anos que mantenho essa rotina, do trabalho para casa, de casa para escola (IFMA).

A forma como ingressei nesses primeiros empregos na cidade? Entrei nesses trabalhos através de indicação, trabalhar nessa área de limpeza é uma coisa que eu sempre gostei de fazer e aprender, mas sempre me dediquei mesmo na limpeza da minha casa porque sempre gostei e levo isso para o meu trabalho, me dedicando cada vez mais.

Lembranças de experiências de trabalho

Minhas experiências de trabalho passadas se dão no interior, na roça, desde os oito anos de idade meu avô me ensinou a plantar e a colher. Com os doze anos já

estava quebrando coco. Mas eu comecei a trabalhar mesmo foi quebrando coco babaçu para sustentar eu e minhas filhas.

Nesse tempo eu não tinha renda nenhuma, eu saía pela manhã cedo ia plantar na roça, quando chegava em casa tinha que varrer, fazer a comida e quebrar os cocos babaçus para a gente poder vender e ter o sustento da nossa família. Nesse tempo a gente não tinha benefício social nenhum.

Tempo de colheita a gente ia colher um arroz, um feijão, uma mandioca para a gente poder vender uma parte e ficar com outra para sustentar a família.

A minha maior lembrança de trabalho é do interior. Para mim era tudo mais fácil, tinha um carvão, um azeite, isso a gente não comprava, eu tinha o meu canteiro com minhas cebolas, eu tinha tudo... E aqui em Timon tudo você tem que ter dinheiro, se você não tiver o dinheiro você não consegue nada, e lá eu tinha toda essa facilidade.

Eu fazia o carvão da casca de coco, a gente plantava as macaxeiras para cozinhar e tomar no café, tinha o coco para tirar o azeite, além de dar para nosso consumo ainda dava para vender uma parte. Era assim a minha vida. A gente plantava o feijão e colhia, ficava uma parte para nós se sustentar e outra também para vender. Sempre dividíamos as coisas assim. Isso era meu trabalho com minha família. Trabalhava dessa forma para sustenta-la. Isso é minha primeira experiência de trabalho que tenho lembrança.

Também lembro que desde os oito anos de idade meu avô me levava para a roça para aprender a plantar, a colher, apanhar o feijão, cortar arroz. O trabalho que ele dava para a gente fazer era pouquinho por ser criança, mas mesmo assim ele levava a gente todo dia.

Eu me lembro como se fosse hoje! Na hora da escola, a gente vinha da roça, onze horas, tomava banho no riacho e voltava para almoçar em casa, em seguida ia para a escola, no outro dia tudo se repetia novamente. Daquela forma a gente ia

aprendendo. Isso tudo eu aprendi com ele e construí minha família.

Hoje, estou casada, eu já tenho duas filhas. Já tem uma que está terminando os estudos e eu estou ensinando para ela, não do jeito que eu passei, mas de outra forma, porque hoje tudo está mais fácil.

Essa recordação de aprender tudo com meus avós foi devido a ter sido criada com eles desde pequena, pois não tive pai, e minha mãe que era sozinha sempre viver trabalhando em Teresina para toda quinzena do mês ajudar no nosso sustento. E assim, meus avós me ensinaram todas as rotinas de trabalho que realizavam.

Se recordo de outras situações de trabalho? Sim! Outra atividade que realizava no interior eram as limpezas das grandes áreas de quintal, tinha muito pé de manga, laranja e caju, essa limpeza se dava para facilitar a colheita das frutas em local limpo. Nós colhíamos a manga, a laranja, eu colhia o caju e tirava a castanha para vender.

É dessas experiências que minha vida de trabalho na área de limpeza começou. Também limpava a casa da minha avó. Devido na época a gente não ter água encanada, íamos ao riacho lavar as roupas e louças, foi dali que fui aprendendo a limpar as coisas de casa. Ajudando minha avó.

A conciliação de estudos e trabalho

Nesse período, como falei, ajudava meus avós pela manhã, a tarde ia para a escola. Com o tempo parei de estudar depois que casei. Casei muito cedo e tive minhas filhas, elas eram muito pequenas e eu não queria deixá-las com ninguém. Depois de um tempo, quando elas estavam mais crescidas, vim morar aqui em Timon e voltei a estudar.

Aqui no IFMA para mim foi uma oportunidade de ser sorteada, está aqui estudando é a realização de um sonho que sempre tive de concluir meus estudos, assim, já se fazem dois anos que estudo no IFMA.

A mudança para Timon: a procura por educação e trabalho

Sobre a mudança da zona rural para a urbana? Posso dizer que o principal motivo que me fez vim morar aqui em Timon foi em relação aos estudos das minhas filhas, porque lá no interior a gente dependia muito de escolas e sempre coloquei em primeiro lugar a educação de minhas filhas. Lá era tudo longe demais, não era como no meu tempo, tudo pertinho.

Também outra questão era a dificuldade de arranjar emprego e as produções do interior já não davam para a gente trabalhar, para a gente vender, não estava produzindo como antes.

Nós ainda temos nossa casa lá no interior e limpamos quinzenalmente, mas também temos nossa casa em Timon. Aqui a gente trabalha e as meninas estudam.

Quando foi para vim para Timon vieram eu, meu marido e minhas filhas. Nesse período passei dois anos morando com minha mãe, depois começamos a trabalhar, compramos um terreno e depois a gente trouxe as outras coisas que faltavam lá do interior, e estamos morando aqui agora.

O trabalho na cidade e o choque cultural

Quando cheguei em Timon achei um pouco difícil me adaptar aqui na cidade. Uma coisa inexplicável! Lá no interior o clima é totalmente diferente, as coisas para mim lá eram mais fáceis. Para eu conseguir entrar em uma casa e trabalhar aqui foi muito difícil. Para mim, foi tipo assim: *“aqui na cidade foi a primeira vez de tudo”*.

Eu sinto muita saudade de lá do interior, só estou aqui devido os estudos das minhas filhas e o meu. A minha filha agora vai terminar o ensino médio e precisa de uma faculdade e lá não tem faculdade e não tem recurso de nada. Eu Tinha que vim para cá! Para mim essa mudança foi um choque tão grande, não é? Que a pessoa não sabe

nem explicar! Só sei que é uma história muito difícil para quem convive.

Os percursos de trabalho que encontrei aqui na cidade são totalmente diferentes da zona rural. Lá na casa que eu trabalho a mulher tem um sítio, sempre aos domingos ela me leva para ir lá. Eu sempre me recordo do meu interior quando vou lá, devido ao sítio dela também está localizado na zona rural. Lá tem tudo que eu tinha no meu terreno do interior. Aí me lembra muito! Tem pé de caju, pé de manga.

Eu sempre falo para ela: *“isso aqui tudo eu já fiz na minha vida passada”*. E lá tem muito coco babaçu. Eu digo pra ela também: *“tudo isso eu quebrava, o coco eu tirava o azeite e pegava um ônibus duas horas da manhã da madrugada pra vim para Teresina para vender a oito reais o litro”*. Ela fala: *“minha filha você sabe fazer tudo isso”*. Eu falo: *“sei”*.

Naquele tempo eu tirava o azeite lá no interior e a minha mãe recebia encomendas com as pessoas de Teresina e eu vinha deixar para vender para as pessoas. Eu recebia o dinheiro e fazia a feira e levava para as meninas lá no interior.

Essa era uma das atividades que eu fazia, também trazia feijão e sacos de arroz para vender em Teresina, vendia o cheiro verde, sempre tinha muita encomenda, azeite também, farinha branca. Era uma vez por ano que a gente fazia farinhada no período de safra da mandioca. Também vendia milho e melancia, a gente já tinha encomendas para trazer uma vez por mês essas coisas. Todo mês eu sempre vinha vender as coisas e fazer as compras. Lá no interior tinham as coisas em mercearias, só que eram muito difíceis, muito longe e eram muito mais caras do que aqui.

A gente pegava o dinheiro das vendas e fazia nossa feira e comprava as coisas e levava. Não dava para comer o mês todo, mas o que faltava a gente comprava por perto de lá mesmo. Esse era meu trabalho trazendo a agricultura familiar do interior para a cidade. Teve um momento que diminuiu muito, diminuiu porque as coisas não tem mais valor como tinham

antes, o pessoal não dá mais valor ao trabalho da gente de lá, e nem as vendas, aí eu tive que vim para cá em dois mil e quinze.

Quando cheguei aqui em Timon primeiro fui procurar a escola das meninas, deixei elas se adaptarem bem, deixei elas crescerem. Também tive que explicar para elas que eu ia trabalhar. Aí a minha filha mais velha cresceu, agora já cuida da outra pra eu poder trabalhar. Comecei a trabalhar há uns dois anos atrás, trabalhando direto, não trabalhava antes em casa de família por medo de deixá-las com alguém, porque ficava preocupada que elas ficassem só.

Esse período que fiquei aqui, sem trabalhar fora de casa, eu trabalhava com vendas de peças íntimas, desenvolvia essa atividade para o sustento da família. Trabalhava com vendas, mas deixei por conta do novo trabalho e porque me dava dor de cabeça. Deus me deu esse trabalho atual que dá para me manter com minhas filhas. A dor de cabeça que falo das vendas era a dificuldade em receber os pagamentos. Sendo isso tudo informal pois nunca cheguei a trabalhar com carteira assinada.

Lembranças que marcaram a vida de trabalho

Se há algum acontecimento que marcou profundamente minha vida de trabalho? Sim! Uma experiência que marcou muito foi a de cortar arroz no sol. A gente entrava na lavoura cinco horas da manhã, encerrava onze e meia cortando arroz naquele sol quente. Também tinha aquele *uruvai* (orvalho) que dava nas palhas do arroz e molhava a gente toda, e aqueles insetos mordendo a gente, tinha uns bichos que esporavam a gente, e era um sofrimento danado.

A colheita daquele arroz para mim é uma lembrança muito ruim que hoje não estou passando, não é? Hoje está muito diferente, mas é muito ruim isso aí, cortar arroz na chuva ou no sol, e tinha que ir todo dia cortar aquele arroz com aquela água dando na cintura. Porque esse arroz era

plantado em região baixa e devido isso era uma área alagada, a gente ficava com a roupa molhada muitas horas colhendo o arroz. E quando colhia o arroz todo pela manhã tinha que botar no sol ao meio dia, a gente chegava e espalhava o arroz naquela lona de plástico e ficava olhando a tarde toda para os bichos não comer. Esse sofrimento de trabalho marcou muito a minha vida. Foi um trabalho muito pesado.

Quando eu trabalhava lá, também não tinha merenda como hoje. Hoje em dia as coisas estão mais fáceis. Eu tomava o café cinco horas da manhã e as vezes não tinha nada, era um café simplesinho e a gente ia para a batalha. Às vezes minha vó fazia cuscuz de milho ralado da roça, mas tinha vez que não dava tempo de ela fazer aí nós só íamos almoçar onze horas, onze e meia. Isso para mim foi um tempo muito marcante na minha vida, de muito sofrimento.

A idade que tinha nessa recordação era uns quatorze anos de idade, e quem vivia nessa luta eram eu, minha irmã, meu avô e os vizinhos que ele sempre chamava pra ajudar a gente nesse trabalho. Isso é um acontecimento que me marca na experiência de trabalho e de vez em quando trago isso na memória.

Isso me marcou de forma positiva, mesmo sendo uma lembrança ruim, era uma questão de trabalho para a gente sobreviver. A gente sobrevivia daquilo. A gente colhia. Era uma obrigação que a gente tinha. Não tinha outra escolha para a gente. Tinha que fazer aquilo dali. Era um meio de vida que a gente tinha antigamente para manter a sobrevivência.

Outra coisa que me marcou foi a diferença do interior para a cidade, para mim hoje tudo é diferente, como limpar uma casa aqui na cidade é totalmente diferente da vida do interior.

A primeira vez que trabalhei aqui com limpeza tive que me adequar, e me adaptei, porque era totalmente diferente do interior. Aqui é cerâmica, é banheiro, tênis... Detalhes! No interior não tinha isso, nosso banheiro do interior era de palha,

nosso chão era bruto, era barro, nossa casa era coberta de palha. Era toda totalmente diferente. Para me adaptar na casa e trabalhar os primeiros dias, foi muito ruim para aprender, não é? Para aprender a limpeza de uma casa totalmente diferente do que a gente vivia no interior. Isso me marcou, tive uma experiência de mudar de uma vida para outra. E foi totalmente diferente, uma mudança do meu interior para a cidade. Mudou o meu modo de vida por completo, mudou o trabalho, o lugar de morar, as pessoas, o clima... Mudou tudo! Tudo, tudo, tudo!

Sobre isso ter mudado minha pessoa? Para mim, eu acho que não! Eu prefiro minhas lembranças de antigamente, hoje em dia não pode sentar numa porta de uma casa, você não pode sair com seus filhos. Lá no interior a gente tinha tanta liberdade de chegar em casa a hora que quisesse, e hoje não, a violência está tomando conta da cidade. Aqui a gente está preso, e lá era uma coisa que não tinha, esse tipo de violência e de criminalidade, a gente saía na rua, ninguém tinha esse negócio lá. Agora você nem pode sair seis horas da manhã para ir trabalhar. Por que? Os bandidos tomaram de conta da cidade!

Movimento de emprego e desemprego

Como eu vivencio os movimentos de emprego e desemprego? Eu percebo que para se empregar tem que ter uma indicação, porque nisso as pessoas já conseguem emprego, sendo conhecidas por outras, e o desemprego está muito alto na cidade, por que muita gente não quer trabalhar mesmo, mas eu acho que vai de uma indicação de alguém que conhece a gente. Porque a indicação é para a pessoa que vai lhe contratar saber tudo que você é, o que você faz e suas experiências de trabalho, não é?

Eu acho que com a indicação é mais fácil de encontrar emprego, porque a gente entrega os currículos e nada, eu acho que só consegue se tiver uma pessoa mesmo lá dentro da empresa. A pessoa bota o

currículo para esperar ser chamada e muitas vezes não chamam, e você tendo a indicação é diferente, eles já sabem sobre você. Um exemplo, é que quando as pessoas lhe indicam, falam: *“A Antônia faz isso! Ela é muito limpa! Ela faz isso desse jeito”*.

Eu passei muito tempo entregando currículo para as lojas como zeladora e nunca fui chamada. Nunca! Nunca! Nunca! Nunca! Nunca ninguém chama! A pessoa não é chamada para uma seleção, e não é chamada nem para uma entrevista. Nunca! E isso vários anos colocando currículo. Coloquei em várias lojas que precisavam de zeladora e nunca me chamaram mesmo precisando, por isso que falo que o que vale e ser indicado. Um exemplo, é o da minha irmã, uma pessoa me procurou dizendo: *“Antônia você conhece alguém que tem experiência em trabalhar em gráfica?”* Eu respondi: *“sim, minha irmã”*. No outro dia ela começou a trabalhar, e isso, por causa da minha indicação, por isso que eu falo, a indicação hoje em dia é melhor devido a confiança, e isso, já fazem seis meses que ela está lá na gráfica. Então no meu ponto de vista essa relação de emprego e desemprego se dá pela indicação. Por isso que eu falo que a indicação hoje em dia é tudo. Se você não tiver indicação você não conhece a pessoa dentro daquela empresa, você não vai ser chamada nunca.

As condições de trabalho

Sobre as condições adequadas de trabalho na minha vida? Na casa que eu estou, eu acho que são ruins, porque lá eles não têm cuidado com o banheiro sabe? Quando a gente vai limpar ele está muito sujo. E aquilo ali eu acho que já faz mal para a saúde da gente, não é? Eu acho que fazem isso de propósito. Eu acho que eles pensam: *“Não! A Fulana vai limpar, pode deixar sujo desse jeito!”*

E como a gente está precisando tem que limpar. Em meu ponto de vista eu acho isso deles. Pois tem muitos lugares que tem gente educada e hoje em dia nem todo mundo é educado. Às vezes a pessoa

trabalha em algum lugar, mas as pessoas não são educadas, não é? Sujam e bagunçam.

Sobre minhas condições de salário, éh... hoje eles são para mim uns patrões muito bons, me ajudam na cesta básica, me pagam uma diária boa, quando eu preciso, me ajudam, até quando eu falo: *“estou precisando. Minha filha está doente, estou precisando disso!”* Eles sempre estão ali para me ajudar. Para mim eles são bons e têm um bom acordo de amizade comigo. Porque tem patrão que a gente chega, lá está! Mil coisas detalhadas para gente fazer! E os meus me deixam à vontade. Já sabem quais as obrigações que tenho que fazer todo dia, então me deixam à vontade, livre, não é? Eles não são de pegar no meu pé, eles não ficam em casa, entendeu? Eles saem pela manhã e chegam meio-dia. Tem vezes que eles passam o dia fora também. Às vezes eles passam o dia fora e eu saio e deixo a chave.

Eles também falam: *“Antônia, se der você faz isso, se não der não é preciso”*. Me deixam à vontade.

Mas até agora ainda não recebi a proposta de assinar minha carteira, para eu ter férias, INSS para a aposentadoria e outros direitos trabalhistas. Mas estou esperando. Pois quero assinar minha carteira e ter direito a tudo que um salário oferece. Isso aí que espero.

As relações sociais no trabalho

Quanto a minha relação social nesses trabalhos? São muito boas, eu me dou bem com todo mundo. Não tenho o que reclamar, para mim, os colegas de trabalho e patrões são ótimas pessoas. A gente conversa, eles me explicam tudo, me dão força até nos meus estudos. Como no caso do curso que eu estou fazendo aqui no IFMA, eles dizem para não desistir, eu até já pensei e achei que ia desistir.

Porque é muito cansativo, você chegar do serviço, cuidar da casa, fazer a comida, e chegar aqui no IFMA e sair tarde da noite, eles me deram muita força para

que eu não desistisse. Mas é muito cansativo, não é? Ter que conciliar o trabalho com os estudos. A gente sai de casa e entra no trabalho oito horas da manhã, sai meio dia para almoçar e fica duas horas de almoço parada lá mesmo, retorna para o serviço às duas da tarde novamente e sai às cinco horas, depois pega dois ônibus para vim para casa, chegando em casa tem que fazer a comida, alguns detalhes de casa, as atividades do curso.

São muitas complicações que levam a gente a pensar em desistir, mas eles me dão força, principalmente o professor João Batista Sousa de carvalho, aqui do IFMA e também minha mãe, meu marido, minhas filhas e meus patrões como já disse. Minhas relações sociais na escola (IFMA) e nesses empregos são todas boas.

Até porque gosto muito do que faço, devido ser na área de serviços de limpeza, estou fazendo o que mais gosto de fazer.

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

Quais as minhas expectativas para o futuro no mundo do trabalho? O que eu queria era encontrar um serviço com carteira assinada em uma empresa ou qualquer outro lugar que não fosse casa de família. Trabalhar em outro lugar com a função de serviços gerais. Porque trabalhar em casa de família é igual estar na minha casa, eu queria que mudasse o ambiente de trabalho, poderia continuar exercendo a mesma função na área de limpeza, mas em um ambiente diferente.

Na casa de família ou na escola privada em que trabalho atualmente não há chances de promoção, devido ser um trabalho informal e o contrato através de acordos de diárias. Na escola, podem até ter condições para me promoverem, mas não querem. Lá funcionam cinco salas de aula, mas mesmo assim não querem fazer um contrato de carteira assinada comigo, isso para economizarem. Já na casa de família eles falam: *“Antônia não posso assinar tua carteira, porque eu não posso pagar teu*

INSS, com custo de vida que está muito caro...”

Eles ficam me enrolando. Às vezes eu vejo que podem, mas não querem, isso me deixa chateada. Aí eu penso comigo mesma: *“um dia Deus vai me mostrar um serviço que seja de carteira assinada com direito a tudo... Ter minhas férias, um ambiente que eu me sinta bem, confortável e que não seja aqui”*. Eu converso isso sozinha na minha mente, todo mundo uma hora reflete o futuro.

Outro sonho que tenho era poder trabalhar em um hospital, um trabalho na área de limpeza de um hospital ou de uma clínica aqui mesmo em Timon. Para ficar perto da minha casa e das minhas filhas, porque qualquer coisa que acontecer já estou perto delas.

Eu ainda cheguei a enviar currículos para uma clínica detrás da rodoviária daqui de Timon, a DNTBRAS (Clínica Odontológica). Mas nunca fui chamada. Mas quem sabe um dia Deus me mostre um caminho melhor, abra uma porta de emprego.

As razões para continuar trabalhando

Os motivos que ainda me levam a trabalhar são as minhas filhas, porque minhas filhas gostam de ter as coisas que um tempo atrás não tive condições de ter, então o objetivo de continuar trabalhando está sendo isso aí.

Uma já vai terminar o ensino médio agora, ela precisa de passagem de ônibus, de tênis, fardamento e tudo, e não tinha como eu dar essas coisas outra hora quando não trabalhava. Nunca deixei minhas filhas pedirem nada a ninguém, na casa de ninguém, eu sempre lutei pelos meus objetivos para mim e pra elas e é isso que me faz trabalhar em casa de família.

Áh! Os dois trabalhos que estou são em Teresina mesmo, um no bairro Ilhotas e o outro no bairro São João, fica um distante do outro e todo dia faço esse percurso. Devido essa distância muitas vezes meus patrões falam: *“Antônia não precisa você*

vir”. Isso quando a casa está muito limpa. E quando não vou não recebo, só recebo se trabalhar. A diária não é muito boa, ela paga apenas cento e vinte reais e ainda tenho que tirar o valor de quatro passagens do meu dinheiro, dois ônibus para ir e dois para voltar, e as passagens estão muito caras. Com o dinheiro que sobra tem vezes que compro os materiais escolares das meninas que estão faltando, a merenda e também uso para as necessidades básicas de casa, como: a minha energia que vem quase duzentos reais, a água vem uns cento e pouco, tem o gás, tudo isso, tem também a internet que eu e minhas filhas precisamos porque estudamos. Tudo pesa. Então os motivos que me levam a trabalhar hoje é minha família e minhas filhas.

A referência de trabalho

A minha referência de trabalho, sou eu mesma. Para mim eu sou uma guerreira, por eu ter que trabalhar, acordar cedo, deixar as meninas na escola, ir para o serviço e ter muita coisa da minha escola (IFMA) para resolver. Eu me sinto hoje uma guerreira. Que nem toda mãe tem uma responsabilidade que eu tenho. Porque você trabalhar para você ter responsabilidade de uma família, cuidar de casa, vim para escola (IFMA), nem todo mundo tem isso.

Eu lhe digo com toda experiência, na minha sala de aula aqui no IFMA tinha muita gente e hoje não tem quase ninguém. Desistiram! Por que? A vida não é fácil. A vida não é fácil de jeito nenhum. Para mim hoje eu me sinto uma guerreira!

Imagens sociais construídas sobre o trabalho de serviços gerais

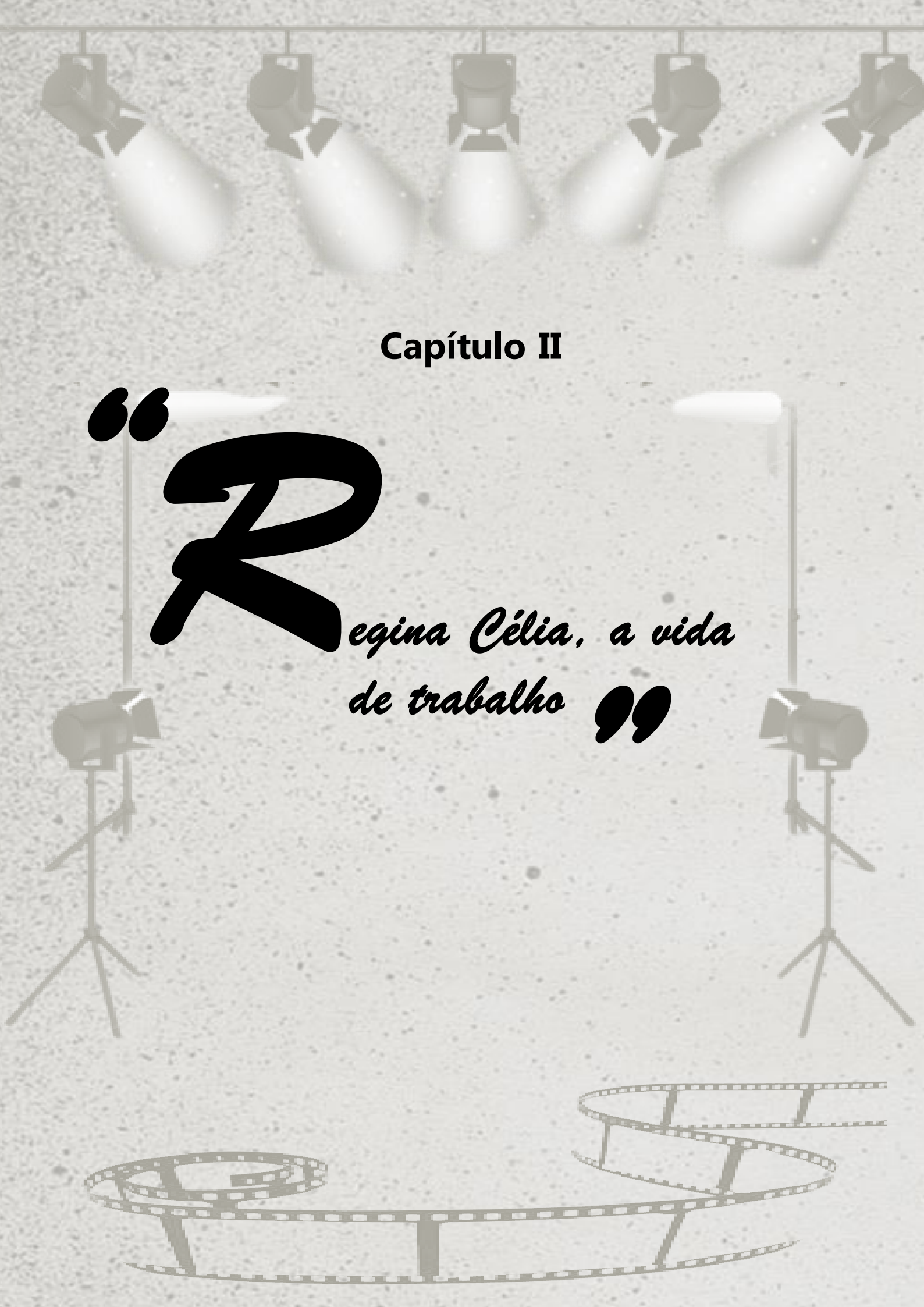
O que eu acho que as pessoas pensam do meu trabalho? É que tem muita gente que debocha da minha cara e fala: *“vai trabalhar em casa de família! vai se humilhar!”*. Tem muita gente que não dá valor a pessoa que cuida de uma casa e faz uma faxina. Muitas vezes eu recebo críticas de pessoa que falam: *“se eu fosse você eu*

não ia não. Para ganhar esse tanto? Eu não ia!” Eu respondo: *“gente tem que ir! Ou pouco ou muito, mas o ruim é o nada!”* Minha avó sempre me disse: *“minha filha é pouco, o ruim é o nada”*. E o povo fala: *“Eu mesmo não ia para casa de Fulano só para ganhar cem reais, pagam só cento e vinte, e ainda vai tirar isso, vai tirar aquilo do seu dinheiro, e você vai ficar com o que? Eu não ia! Ficava mesmo era em casa”*. Eu sempre respondo: *“Eu vou, sabe por quê? Porque eu tenho um trabalho e eu preciso daquele serviço para eu comprar alguma coisa, não é muito não, mas se eu não for, eu não tenho. E se eu ir, é pouco, mas vou tirar o do ônibus e vai sobrar um pouquinho, dá para eu comprar alguma coisa que eu estou necessitando para mim e para minhas filhas”*. Isso quem falava e falam são as pessoas de fora. E o patrão não quer saber de sua história, ele só quer saber se as coisas estão feitas. É isso que acho de meu trabalho, as pessoas não valorizam. Muitas pessoas querem ganhar muito, mas não conseguem nem o muito e nem o pouco. Tem muita gente que está empregado mais não se dedica no emprego e acaba sendo demitido.

Se me considero uma profissional? Sim! Eu me considero uma boa profissional. Porque muitas vezes as pessoas fazem as coisas e não completam seu trabalho e isso nunca aconteceu comigo.

Conclusões

Para finalizar eu gostaria de acrescentar dizendo que queria era trabalhar em outras funções como balconista, caixa... É aquela coisa não custa nada sonhar. Na limpeza ninguém senta, devido ser puxada e cansativa. A gente não para. Por isso queria saber, quais os segredos de conseguir um emprego de carteira assinada? Eu não sei, mas acredito que é estudar, é por isso que estou aqui no IFMA, para ter uma qualidade de vida. Obrigada!

The background is a light gray with a subtle pattern of small dots. At the top, five spotlights are hanging from a horizontal bar, casting a soft glow downwards. On the left and right sides, there are two cameras mounted on tripods, angled towards the center. At the bottom, there are two reels of film, one on the left and one on the right, with film strips extending from them.

Capítulo II

“

R

*egina Célia, a vida
de trabalho*

”

“O trabalho para mim é tipo um estilo de vida, é uma coisa que me faz feliz, é uma coisa que toma boa parte da minha vida...”



Apresentação

Eu me chamo Regina Célia Alves de Lima Andrade dos Santos, tenho trinta e oito anos. Sou piauiense. Nasci e me criei em Teresina. Atualmente resido na cidade de Timon, no bairro Cinturão Verde. Moro aqui há três anos.

O trabalho

Trabalho como auxiliar de serviços gerais. Trabalho remunerado com carteira assinada, vai fazer dois anos. Não trabalho o dia todo, eu ganho por hora trabalhada. Meu contrato tem carga horária de cinco horas trabalhadas por dia, das sete da manhã ao meio dia.

Como eu consegui esse trabalho? Eu estava desempregada, comuniquei a minha comadre e os conhecidos de Teresina, disse que estava procurando emprego. A mãe da minha comadre trabalha na universidade e lá trabalha também uma pessoa que trabalhava na empresa que eu trabalho hoje. O meu patrão comunicou para essa pessoa que estava precisando de duas pessoas pra serviços gerais. A amiga da minha comadre

me indicou e indicou também a filha dela. Enviei meu currículo junto com ela, e de nós duas apenas eu consegui o emprego devido ter passado no teste. Foi uma benção! Isso há dois anos.

SG, como é conhecida a atividade de Serviços Gerais... Eu já tinha trabalhado como autônoma de serviços gerais, já tinha essa prática, só não tinha experiência na carteira profissional. Trabalhei em estabelecimentos que precisavam fazer a limpeza, organizar tudo direitinho, entendeu? Nesses estabelecimentos eu era serviços gerais, mas não era de carteira assinada. Apreendi a fazer o serviço, na vivência, no dia a dia.

Lembranças de experiências de trabalho

Só trabalhei nessa área minha vida toda. Minhas experiências passadas de trabalho, posso falar só do trabalho autônomo. Eu comecei a trabalhar muito cedo, com quatorze anos eu já trabalhava, porque antigamente não tinham as leis que tem hoje, não é? Em relação ao trabalho infantil. No meu tempo não tinha. Eu já trabalhei como babá aos quatorze anos. Trabalhei com dezesseis anos em uma casa de família. E vinha trabalhando um bom tempo assim até eu me casar, ter filhos, vim voltar a trabalhar de novo depois que eu me separei, entendeu? Eu tive esse intervalo nessa jornada. Adolescência pra vida de casada, ter filho e voltar ao mercado de trabalho de novo. Depois de dez anos... Então uma das lembranças que tenho de trabalho é lá de quando era criança, trabalhando como babá, tomando conta de casa de família. Eu na adolescência ainda trabalhei e continuei trabalhando um tempo ainda, mas depois, aos dezoito anos, fiquei em casa mesmo, tomando conta da casa e de



meus filhos. Depois que tive meus filhos eu não trabalhei mais, só vim trabalhar dez anos depois, foi quando eu me separei...

Eu fui trabalhar na casa de família como babá porque lá em casa, nós éramos três irmãos, minha mãe e meu padrasto. A minha mãe vivia mais no mundo trabalhando. Só ficavam eu e minha irmã, mas eu nunca gostei assim de ficar em casa, acho que é de mim mesmo. Fui criada com meus avós trabalhando também. Aí pensei, vou caçar alguma coisa para eu fazer. Ficar só em casa não dá certo. Não foi nem tanto a necessidade básica assim, nem tanto, mas é porque eu não gostava de ficar em casa. Entendeu? Porque eu fui criada trabalhando. Fui criada com meus avós. A gente sempre trabalhou, meus avós trabalhavam e me botavam pra trabalhar em casa mesmo.

Meus avós trabalhavam na Santa Maria, que era o bairro onde a gente morava, em Teresina. Sempre ajudava eles na luta do dia a dia, eles botavam roça e a gente ia lá ajudar na colheita. Ele tinha uma carroça e fazia frete, nós ajudávamos também nesse serviço. Nesse ritmo, não dava para ficar parada. E quando a gente foi morar com minha mãe de novo eu não quis ficar em casa não. Eu pensei, arrumar alguma coisa pra fazer. Então, não foi nem tanto por necessidade, eu trabalhava pra me manter, mas também porque eu não queria ficar dentro de casa. Já estava acostumada. Fui criada em rotina de trabalho. A minha mãe sempre arrumava algum trabalho pra eu fazer, sempre apareceu alguma coisa pra gente fazer. Porque assim, se faltava alguma coisa para dentro de casa, eu tá ali, podendo tá trabalhando, podendo tá ajudando, e tô aqui parada. A minha irmã quando era mais nova, a gente sempre deixava dentro de casa. Aí eram eu e meu irmão que trabalhávamos.

Se o que me moveu a trabalhar muito cedo foi o sentimento de ajudar a família? Também, mas eu acho que foi mais pelo costume do tempo que eu morava com meus avós, a gente já tinha aquela rotina de levantar cedo, cuidar na luta e quando dava

seis horas a gente parava para jantar e dormir, se aquietar. Eu acho que já é mesmo da rotina que a gente já tinha do dia a dia. Entendeu?

Se eu lembro com detalhes dessas experiências de quando era criança e adolescente? Sim. Lembro que o primeiro emprego foi aos quatorze anos, arranjei esse emprego através de uma colega da minha mãe que trabalhava nessa casa de família e falou que lá estava precisando de uma pessoa. E aí a minha mãe me indicou. Eu fui olhar uma menina na época, essa menina tinha uns três anos. Eu olhava, tomava conta dela, banhava, dava o que comer, botava pra dormir, mas era assim, não era aquela coisa muito agoniada não, era tranquilo e quando era final de semana o pessoal gostava de viajar muito. Eu viajei muito com eles pra ajudar a cuidar da menina, pra acompanhar e ir pra shopping, pra tudo, só vinha em casa, de quinze em quinze dias. Lá eu dormia, eu vivia lá. Pra mim na época eu achava assim, meu Deus estou trabalhando! Mas hoje eu vejo que foi para o meu bem a aprendizagem, hoje em dia não tenho muito do que me queixar, dizer que foi ruim, não. Porque eu não acho serviço ruim. Eu não tenho essa dificuldade em relação a serviço. Eu encaro o que for pra encarar, arregaço as mangas e vou pra cima.

Essa experiência como babá foi o meu primeiro trabalho, eu tinha quatorze anos. Foi uma experiência boa. Quando eu cheguei lá a menina tinha algumas manias, que hoje no meu ponto de vista vejo que não é certo, não é? Consegui resolver e fui bem. Eu aprendi muitas coisas, deu pra aprender e conhecer também outras pessoas, eu carrego como uma aprendizagem positiva. Ela pagava direitinho quando chegava no final do mês. Ela também bancava as minhas coisas pessoais, eu não comprava, ela me dizia: *“não precisa comprar, eu todo mês faço as compra e lhe dou.”* O que ela me dava? Me dava roupas e itens pessoais, um perfume, tudo que uma mulher precisava ela dava. Ela ajudava nesse sentido, além de me pagar todo mês. Eu fiquei lá trabalhando com essa pessoa quase



dois anos. Um bom tempo. Tive que sair quando a criança que olhava começou a estudar e aí não precisava mais tanto cuidado.

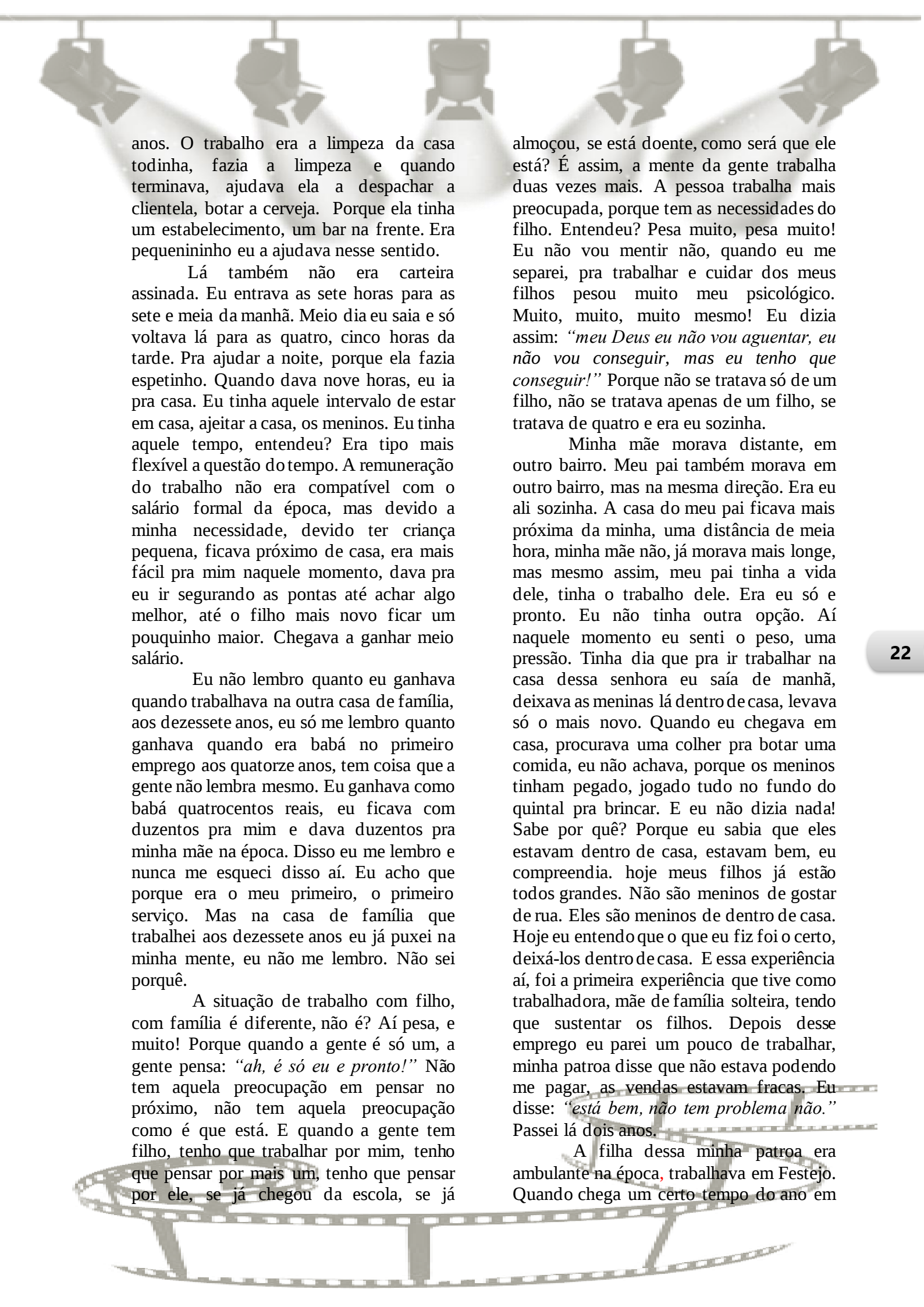
Depois dessa experiência de trabalho como babá, tive em Teresina, outra experiência em casa de família, cuidando da casa. Tinha uma criança de quatro anos e uma adolescente na faixa de onze anos, mas a criança de quatro anos ficava uma parte do tempo comigo e outra com a outra menina, a adolescente. Pela manhã que era o horário que a adolescente estava em casa a criança ficava com ela. A adolescente de onze anos olhava ela e eu fazia todo o serviço da casa, meio dia a adolescente ia pra escola e eu botava a criança pra dormir. Dormia a tarde todinha e não dava trabalho. Além de cuidar das crianças eu lavava, cozinhava e gomava, cuidava de tudo da casa, da limpeza também. Nessa casa trabalhei por um ano. Pagava direitinho e eu estudava à noite também. Lá no mesmo bairro, não é? Não era trabalho com carteira assinada, era um contrato de boca mesmo ali. Eu não residia lá não. Minha madrinha morava na mesma rua da casa onde eu trabalhava. Como não tinha como eu ir pra minha casa na Santa Maria, que era mais distante, eu passava a semana todinha na casa da minha madrinha, lá eu só dormia, porquê pela manhã eu levantava e ia trabalhar. Eu passava o dia no trabalho, quando eu saía do trabalho ia na casa da madrinha só pra tomar banho e ir pra escola. Da escola voltava para casa da madrinha só pra dormir. Era do trabalho pra casa, de casa pra escola. E no outro dia, do mesmo jeito. Eu já estou acostumada com a vida corrida, não é? Nem estranho mais. Não abala mais. Nessa época eu tinha dezesseis pra dezessete anos. Estudava no ensino regular mesmo, não tinha EJA, quando veio aparecer o EJA eu já tinha meus filhos. Era a noite normal, até os dezessete anos eu estudava a noite sem nenhum problema. Porque hoje é só maior de dezoito anos, não é? É, mas na época não, as escolas matriculavam.

Se eu achava sobrecarregado esses trabalhos? Hum! Não. Não porque eu gosto

de trabalhar. É uma coisa que eu gosto. Eu não gosto de ficar é dentro de casa, aí não achava sobrecarregado não, eu tinha que fazer, aquele era meu serviço. Enfrentava, e até hoje na idade que estou, eu não tenho essa dificuldade não.

Passei um ano nesse trabalho, depois fiquei desempregada, mas fiquei estudando. Foi o tempo que eu conheci o pai do meu filho depois do trabalho na casa de família. Quando casei e tive filho passei muito tempo desempregada, eu achava ruim porque eu dependia do meu ex-marido, entendeu? Tudo era ele, tudo ele... Às vezes eu dizia que queria dinheiro pra isso, ele dizia que não tinha e eu sabia que ele tinha, então nessa época me dedicava só a casa, aos filhos. Eu dizia pra mim mesma: *“uma hora eu vou sair dessa. Uma hora os meninos vão crescer, uma hora eu vou voltar a trabalhar e ter minhas coisas.”* E nisso foi se passando dez anos nessa rotina. Eu deixei o trabalho para me dedicar ao lar, à minha família. E tive as crianças, fui casada dez anos. Ele trabalhava e eu trabalhava também em casa, como dona de casa, só que o trabalho como dona de casa nunca é remunerado. Aí passei um tempo trabalhando em casa, eu considero como um trabalho, não é? Como trabalho a dona de casa, né?... Eu me separei, aí eu disse: *“e agora? Como é que eu vou me virar com o menino pra ir trabalhar?”* Eu sou muito espontânea, não sou muito de falar demais, mas não tenho vergonha de chegar e dizer: *“eu tô desempregada.”* Eu disse pra uma amiga: *“se tu souber de alguma coisa me avisa.”* Não tenho vergonha de fazer isso. Falar a real, não é? Penso que se estou precisando, tem uma pessoa que pode ajudar. Já arrumei trabalho dessa forma.

Lá onde eu morava, num bairro ao lado, tinha uma senhora que estava precisando de gente pra tomar conta da casa dela, ajudar ela lá. Eu fui. Na época eu tinha um bebê de sete meses, o mais novo, levava ele junto e fui trabalhar. Lá era uma casa de família, na mesma casa tinha um barzinho pequeno, eu trabalhava de terça a domingo e trabalhei lá uns dois



anos. O trabalho era a limpeza da casa todinha, fazia a limpeza e quando terminava, ajudava ela a despachar a clientela, botar a cerveja. Porque ela tinha um estabelecimento, um bar na frente. Era pequenininho eu a ajudava nesse sentido.

Lá também não era carteira assinada. Eu entrava as sete horas para as sete e meia da manhã. Meio dia eu saía e só voltava lá para as quatro, cinco horas da tarde. Pra ajudar a noite, porque ela fazia espetinho. Quando dava nove horas, eu ia pra casa. Eu tinha aquele intervalo de estar em casa, ajeitar a casa, os meninos. Eu tinha aquele tempo, entendeu? Era tipo mais flexível a questão do tempo. A remuneração do trabalho não era compatível com o salário formal da época, mas devido a minha necessidade, devido ter criança pequena, ficava próximo de casa, era mais fácil pra mim naquele momento, dava pra eu ir segurando as pontas até achar algo melhor, até o filho mais novo ficar um pouquinho maior. Chegava a ganhar meio salário.

Eu não lembro quanto eu ganhava quando trabalhava na outra casa de família, aos dezessete anos, eu só me lembro quanto ganhava quando era babá no primeiro emprego aos quatorze anos, tem coisa que a gente não lembra mesmo. Eu ganhava como babá quatrocentos reais, eu ficava com duzentos pra mim e dava duzentos pra minha mãe na época. Disso eu me lembro e nunca me esqueci disso aí. Eu acho que porque era o meu primeiro, o primeiro serviço. Mas na casa de família que trabalhei aos dezessete anos eu já puxei na minha mente, eu não me lembro. Não sei porquê.

A situação de trabalho com filho, com família é diferente, não é? Aí pesa, e muito! Porque quando a gente é só um, a gente pensa: *“ah, é só eu e pronto!”* Não tem aquela preocupação em pensar no próximo, não tem aquela preocupação como é que está. E quando a gente tem filho, tenho que trabalhar por mim, tenho que pensar por mais um, tenho que pensar por ele, se já chegou da escola, se já

almoçou, se está doente, como será que ele está? É assim, a mente da gente trabalha duas vezes mais. A pessoa trabalha mais preocupada, porque tem as necessidades do filho. Entendeu? Pesa muito, pesa muito! Eu não vou mentir não, quando eu me separei, pra trabalhar e cuidar dos meus filhos pesou muito meu psicológico. Muito, muito, muito mesmo! Eu dizia assim: *“meu Deus eu não vou aguentar, eu não vou conseguir, mas eu tenho que conseguir!”* Porque não se tratava só de um filho, não se tratava apenas de um filho, se tratava de quatro e era eu sozinha.

Minha mãe morava distante, em outro bairro. Meu pai também morava em outro bairro, mas na mesma direção. Era eu ali sozinha. A casa do meu pai ficava mais próxima da minha, uma distância de meia hora, minha mãe não, já morava mais longe, mas mesmo assim, meu pai tinha a vida dele, tinha o trabalho dele. Era eu só e pronto. Eu não tinha outra opção. Aí naquele momento eu senti o peso, uma pressão. Tinha dia que pra ir trabalhar na casa dessa senhora eu saía de manhã, deixava as meninas lá dentro de casa, levava só o mais novo. Quando eu chegava em casa, procurava uma colher pra botar uma comida, eu não achava, porque os meninos tinham pegado, jogado tudo no fundo do quintal pra brincar. E eu não dizia nada! Sabe por quê? Porque eu sabia que eles estavam dentro de casa, estavam bem, eu compreendia. hoje meus filhos já estão todos grandes. Não são meninos de gostar de rua. Eles são meninos de dentro de casa. Hoje eu entendo que o que eu fiz foi o certo, deixá-los dentro de casa. E essa experiência aí, foi a primeira experiência que tive como trabalhadora, mãe de família solteira, tendo que sustentar os filhos. Depois desse emprego eu parei um pouco de trabalhar, minha patroa disse que não estava podendo me pagar, as vendas estavam fracas. Eu disse: *“está bem, não tem problema não.”* Passei lá dois anos.

A filha dessa minha patroa era ambulante na época, trabalhava em Festejo. Quando chega um certo tempo do ano em



Teresina, tem festejo no bairro Poty Velho, Santa Maria, naquela área toda ali próximo, e geralmente cada bairro faz o seu festejo, o Saci faz uma comemoração faz tempo, aí ela me chamava pra trabalhar com ela. Para assar batata, fazer Guaraná da Amazônia. E eu ia, pegava o mais novo e levava. Minha mãe mandava buscar os outros meninos no final de semana, na sexta-feira, porque eu trabalhava sexta, sábado e domingo, aonde tinha uma festa, uma comemoração... Durante a semana eles ficavam comigo, a gente estava junto, final de semana não, porque eu a ajudava ali na luta das vendas da banca. Ali eu ficava, no final de semana, eu estava nos festejos com ela pra vender as coisas. Ela pagava direitinho. Nessa atividade era só sexta, sábado e domingo. Na semana às vezes eu pagava lavado de roupa, faxina. Quando aparecia as meninas me ligavam e eu ia. Era a função de diarista, ia em uma casa e outra que estava precisando.

Depois disso arrumei um serviço. Uma pessoa andou lá em casa e eu disse pra ele que eu estava sem trabalho, ele me indicou um lugar que estava precisando de garçoneiro. Eu fui, e lá eu trabalhei como garçoneiro. Lá eu aprendi a cozinhar, a atender cliente, aprendi várias coisas. Foram cinco anos como garçoneiro nesse estabelecimento. Era um bar muito grande, bem conhecido na área da Santa Maria. Eu não conhecia a dona, fui porque lá tinha uma placa informando que estava precisando de gente. Eu fui, ela me contratou e eu comecei trabalhar. Ela me ensinou a trabalhar nessa área, no atendimento. Ela me ensinou muito bem, até hoje os ensinamentos dela ainda me servem no outro trabalho. Me ensinou a atender, a fazer comida de bar, fazer tira gosto, me ensinou tudo. Lá foi meu aprendizado depois que eu me separei, aprendi muita coisa nesse lugar, muita coisa, entendeu? Quando ela não podia abrir o estabelecimento, mandava eu abrir. Eu abria e quando ela chegava já estava tudo funcionando. Eu sozinha. Lá não era carteira assinada também, era contrato

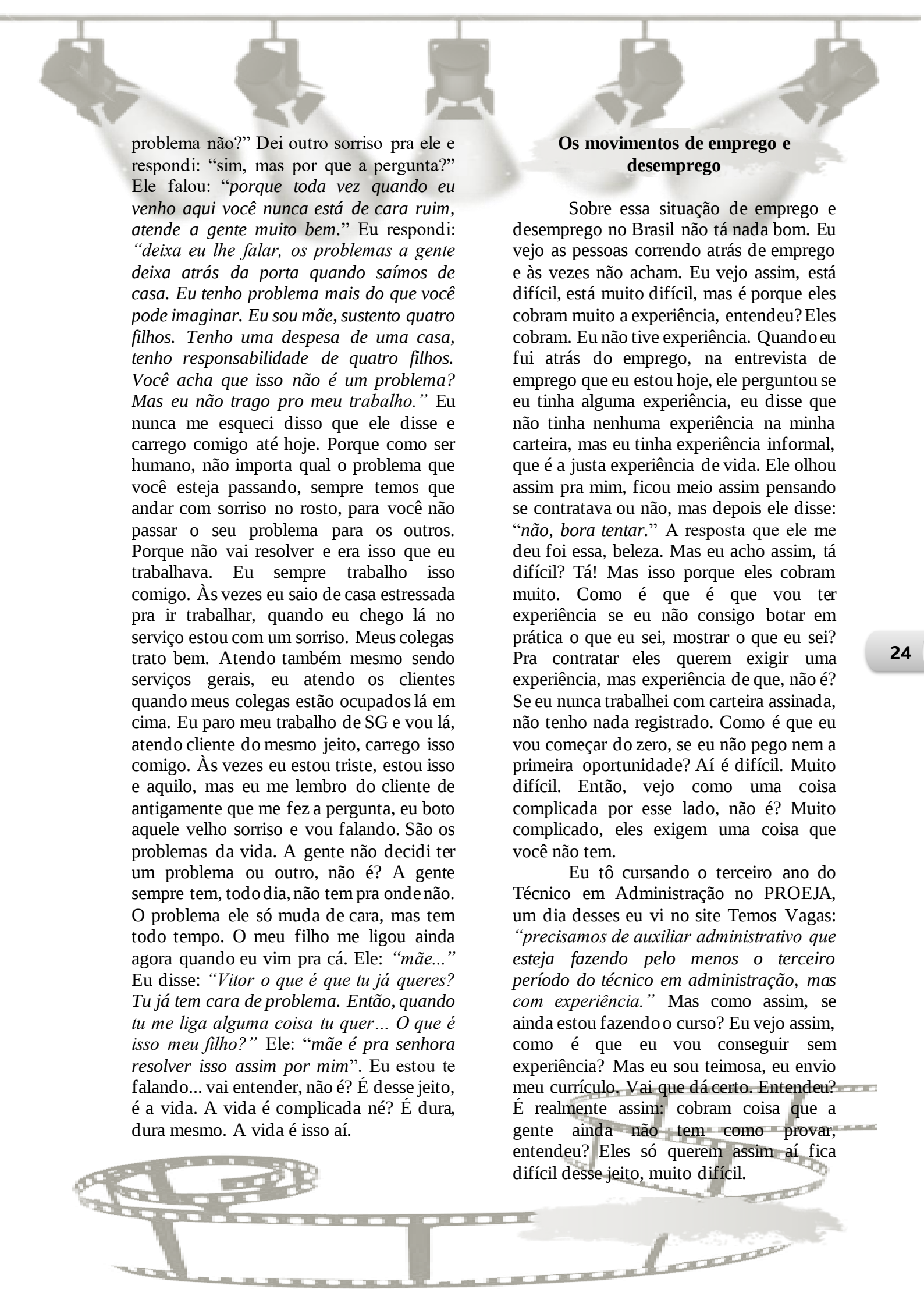
mesmo ali de boca, mas ela honrava com o pagamento. Toda a quinzena eu recebia o meu dinheiro, se eu passava do meu horário ela me dava mais. Tudo que eu fazia a mais ela pagava, recompensava. Foi o lugar em que mais aprendi, porque depois de lá, eu tive a oportunidade de trabalhar por mim mesma.

Quando eu saí ela me compensou, me deu uma... Não sei nem como é o modo de dizer... Uma recompensa, entendeu? Eu saí, mas não saí de mãos vazias, vulnerável. E quando eu saí foi pra botar meu próprio estabelecimento, ela me ajudou, me apoiou. Quando eu tinha dúvida de alguma coisa me orientava. Ela me deu toda orientação que eu precisava.

Mas depois que trabalhei com ela, também cheguei a trabalhar em outros estabelecimentos antes de abrir o meu. Fui trabalhar ainda como cozinheira, mas só pra área de tira gosto, comida de bar, essas coisas. Eu não atendia fora, como eu atendia no anterior. Depois de lá fui botar o meu estabelecimento, eu fiquei com esse negócio durante dois anos, foi o tempo em que eu tive que vir embora pra cá, para Timon. Meu estabelecimento era em Teresina, funcionava na minha residência. Eu vim para Timon e fechei o bar, porque meu ex-marido estava perturbando muito. Como não estava dando certa minha vida lá nesse sentido, eu vim embora para Timon.

Lembranças que marcaram a vida de trabalho

Dessas experiências de trabalho tem uma coisa que me marcou muito e que carrego no dia a dia. Eu atendia os clientes sempre com um sorriso, atendia eles todos mesmo com sorriso. Se você chegasse lá, sem eu conhecer, atendia com toda a gentileza: “boa noite! O que você vai querer?” Com o passar do tempo sempre atendia aqueles clientes todos dessa forma. Quando foi um certo dia, um cliente chegou pra mim e perguntou assim: “*posso te perguntar uma coisa?*” Eu respondi: “diga!” Ele perguntou: “você não tem



problema não?” Dei outro sorriso pra ele e respondi: “sim, mas por que a pergunta?” Ele falou: “*porque toda vez quando eu venho aqui você nunca está de cara ruim, atende a gente muito bem.*” Eu respondi: “*deixa eu lhe falar, os problemas a gente deixa atrás da porta quando saímos de casa. Eu tenho problema mais do que você pode imaginar. Eu sou mãe, sustento quatro filhos. Tenho uma despesa de uma casa, tenho responsabilidade de quatro filhos. Você acha que isso não é um problema? Mas eu não trago pro meu trabalho.*” Eu nunca me esqueci disso que ele disse e carrego comigo até hoje. Porque como ser humano, não importa qual o problema que você esteja passando, sempre temos que andar com sorriso no rosto, para você não passar o seu problema para os outros. Porque não vai resolver e era isso que eu trabalhava. Eu sempre trabalho isso comigo. Às vezes eu saio de casa estressada pra ir trabalhar, quando eu chego lá no serviço estou com um sorriso. Meus colegas trato bem. Atendo também mesmo sendo serviços gerais, eu atendo os clientes quando meus colegas estão ocupados lá em cima. Eu paro meu trabalho de SG e vou lá, atendo cliente do mesmo jeito, carrego isso comigo. Às vezes eu estou triste, estou isso e aquilo, mas eu me lembro do cliente de antigamente que me fez a pergunta, eu boto aquele velho sorriso e vou falando. São os problemas da vida. A gente não decidi ter um problema ou outro, não é? A gente sempre tem, todo dia, não tem pra onde não. O problema ele só muda de cara, mas tem todo tempo. O meu filho me ligou ainda agora quando eu vim pra cá. Ele: “*mãe...*” Eu disse: “*Vitor o que é que tu já queres? Tu já tem cara de problema. Então, quando tu me liga alguma coisa tu quer... O que é isso meu filho?*” Ele: “*mãe é pra senhora resolver isso assim por mim*”. Eu estou te falando... vai entender, não é? É desse jeito, é a vida. A vida é complicada né? É dura, dura mesmo. A vida é isso aí.

Os movimentos de emprego e desemprego

Sobre essa situação de emprego e desemprego no Brasil não tá nada bom. Eu vejo as pessoas correndo atrás de emprego e às vezes não acham. Eu vejo assim, está difícil, está muito difícil, mas é porque eles cobram muito a experiência, entendeu? Eles cobram. Eu não tive experiência. Quando eu fui atrás do emprego, na entrevista de emprego que eu estou hoje, ele perguntou se eu tinha alguma experiência, eu disse que não tinha nenhuma experiência na minha carteira, mas eu tinha experiência informal, que é a justa experiência de vida. Ele olhou assim pra mim, ficou meio assim pensando se contratava ou não, mas depois ele disse: “*não, bora tentar.*” A resposta que ele me deu foi essa, beleza. Mas eu acho assim, tá difícil? Tá! Mas isso porque eles cobram muito. Como é que é que vou ter experiência se eu não consigo botar em prática o que eu sei, mostrar o que eu sei? Pra contratar eles querem exigir uma experiência, mas experiência de que, não é? Se eu nunca trabalhei com carteira assinada, não tenho nada registrado. Como é que eu vou começar do zero, se eu não pego nem a primeira oportunidade? Aí é difícil. Muito difícil. Então, vejo como uma coisa complicada por esse lado, não é? Muito complicado, eles exigem uma coisa que você não tem.

Eu tô cursando o terceiro ano do Técnico em Administração no PROEJA, um dia desses eu vi no site Temos Vagas: “*precisamos de auxiliar administrativo que esteja fazendo pelo menos o terceiro período do técnico em administração, mas com experiência.*” Mas como assim, se ainda estou fazendo o curso? Eu vejo assim, como é que eu vou conseguir sem experiência? Mas eu sou teimosa, eu envio meu currículo. Vai que dá certo. Entendeu? É realmente assim: cobram coisa que a gente ainda não tem como provar, entendeu? Eles só querem assim aí fica difícil desse jeito, muito difícil.

As condições de trabalho

Se dessas atividades de trabalho que já exerci alguma delas já me forneceu condições de trabalho favoráveis como o ambiente, conforto, salubridade, segurança e salário? O que eu ganho hoje é como horista, né? Sai quase o mesmo ganho dos outros trabalhos em que eu trabalhei como autônoma. A diferença é porque eu tenho uma estabilidade e se eu sair vou ter meus direitos, meu FGTS, é isso. Hoje tenho direito a férias, antes eu não tinha férias, hoje nesse serviço concedem férias, então, esse trabalho com carteira assinada traz benefícios, mais estabilidade. Dos trabalhos que já cheguei a ter, o que me deu mais estabilidade foi esse de hoje. Nesse sentido é o melhor, porque devido a minha atual situação, agora como eu estudo, tem como eu conciliar meu trabalho e os estudos. Trabalho lá um turno, um certo período, o outro eu destino para meus estudos. Eu acho melhor.

A conciliação de estudos e trabalho

Em relação aos meus estudos, o Ensino Médio estou concluindo agora, justamente por conta desse tempo que agora tenho para poder estudar. Eu já vinha fazendo o ¹ENCEJA, onde terminei o fundamental e comecei o médio. O ENCEJA é aquele que faz uma avaliação anual, que é aquele do governo federal. Estuda em casa pra fazer esse exame depois. A gente estuda, baixa o aplicativo, baixa os simulados. Só estudava pelos simulados, estudava em casa, pelo celular mesmo sozinha. Terminei o fundamental nele.

Fiz o exame do ENCEJA ano

¹ O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos – ENCCEJA, foi realizado pela primeira vez em 2002 para aferir competências, habilidades e saberes de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental ou Ensino Médio na idade dita certa. O ENCCEJA é realizado pelo INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira em colaboração com as secretarias estaduais e municipais de educação. O Exame é aplicado pelo

passado para concluir o Ensino Médio mesmo estando estudando aqui no IFMA, não consegui obter o certificado porque fiquei devendo matemática e ciências, só essas duas. Assim mesmo, o ENCEJA me deu o direito de fazer o ENEM, agora vou fazer a maratona também porque eu estou devendo só duas matérias. Estou com ensino médio quase todo completo. Então esse ano vou fazer o ENCEJA de novo, só pagar essas duas matérias aí já saio com o certificado. É bom, há muito tempo venho batalhando na questão dos estudos, mais de cinco anos. E eu estudo sozinha, eu mesmo faço minha rotina de estudo. Na época eu tinha um bar, eu fechava o bar, aí eu ficava até uma hora da manhã estudando pelo celular. Durante o dia eu ia tomar conta de casa, ia lá no colégio, no IFMA, mas quando dava à noite, pelo celular, eu mesmo fazia minha rotina, meu tempo de estudo.

Minha vinda para o PROEJA aqui em Timon, foi assim. Mesmo eu fazendo o ENCEJA apareceu a inscrição aqui. Eu disse: *“ah! vou tentar, quem sabe dá certo.”* Eu fiz a inscrição, passei na primeira seletiva, passei na segunda e eu refleti: *“rapaz agora eu vou pra sala de aula!”* O que me motivou voltar pra sala de aula foi a possibilidade de ter um curso técnico, também terminar meu Ensino Médio. Assim, onde eu terminar primeiro o curso dá certo, porque já é o certificado. E o certificado do ENCEJA a gente pega aqui mesmo no IFMA, a gente recebe aqui. Então é bom, e agora nessa modalidade PROEJA o certificado do Ensino Médio já vem com o técnico também, não é? Já agrega no currículo alguma coisa, né?

As relações sociais no trabalho

INEP, mas a emissão do certificado e declaração de proficiência é responsabilidade das Secretarias Estaduais de Educação e Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que firmam Termo de Adesão ao Encceja.

Para mais informações acessar: <
<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/encceja>>. Acessado em 04/09/2023.



Quanto a minha relação social nesses trabalhos? Como era a minha relação com meus colegas de trabalho? Eu me dava bem, graças a Deus. Eu não sou pessoa de ficar debatendo com patrão, só se for no último caso. Então assim, quando eu via que estava errado, aí eu chamava a atenção: *“é assim, assim, desse jeito. está errado.”* Tem casos que é necessário falar, por exemplo, lá onde eu trabalhei como cozinheira sozinha, lá tinha casos que ele chegava e dizia assim: *“ah! Porque que isso não está pronto?”* Eu falava: *“mas eu sou só uma, aqui sou só eu na cozinha, olha o tanto de comanda que tem aí.”* Então, ele vinha. Um deles era dono, né? Vinha e ia me ajudar. Porque eu dizia pra ele, quando ele vinha me chamar atenção, dizia que trabalhava lá sozinha, precisava de alguém que me ajudasse. Um deles largava o serviço e ia me ajudar entendeu? Sobrecarregava, quando estava com comanda pouquinho não, eu me virava, mas quando tinha demais, ele vinha me chamar atenção porque estava devagar, eu dizia: *“não, porque olha, eu estou sozinha.”* E ele mesmo vinha me ajudar, mas nós dois trabalhávamos juntos, e nesse sentido continuávamos de boa, entendeu?

Lá onde trabalhei como garçonzete, era assim, eu dava uma determinada ordem, dizia alguma coisa pra um cliente que queria algo. Se eu dissesse que não dava certo ou que não tinha aquilo e a dona viesse por trás e dissesse que dava ou tinha, eu chamava a atenção dela. Aí chegou uma hora que eu cheguei pra ela e disse: *“oh! vamos trabalhar na balança, com um peso só, senão não dá, porque não adianta eu dizer uma coisa e você vir dizer outra, ou você ou eu, porque quando o cliente chegar e reclamar você vai resolver o pepino sozinha!”* Porque eu ficava muitas vezes por fora do que ela liberava. Aí ficava em contradição. Tínhamos essas indiferenças nesse sentido, mas fora isso... Coisas poucas né? Eram coisas que podiam ser resolvidas e tenho um talento pra resolver as coisas no diálogo. Eu sou desenrolada.

Hoje no trabalho atual eu tenho patrão, tenho gerente, tenho dois patrões. Claro que tem aquele que a gente se relaciona mais diretamente com ele, não é? Eu só tenho o dono e o gerente. Só que o gerente ele só chega no horário que eu já estou saindo. Aí o que acontece? Quando eu chego na empresa, um exemplo... Hoje mesmo eu cheguei e a caixa d'água do vaso do banheiro masculino estava derramando água direto. Não estava enchendo porque a água descia e ia direto. Eu peguei, fiz um vídeo e mostrei pra ele: *“olha está com problemas desse jeito aqui pra você resolver.”* É assim, sempre quando eu chego que tem alguma coisa relacionado a minha área, eu mando pra ele, eu digo pra ele se estou precisando de alguma coisa, mando pra ele no horário que eu estou lá. Aí se acontece alguma coisa tem que passar pra ele ficar sabendo.

Em relação aos colegas de trabalho, lá eu tive muita dificuldade, porque eles não tinham controle de nada, tudo era, como se diz, era a casa da mãe Joana. Em relação aos produtos de limpeza era tudo espalhado, eu começava a limpar as coisas, limpava primeiro refeitório, quando eu ia limpar lá em cima e que voltava, o refeitório já estava todo sujo de novo, foi a hora que eu comecei a bater em cima. Reclamar com os colegas mesmo. Eu cheguei a falar para o chefe, para o gerente e não estava resolvendo. Eu cheguei a começar a reclamar com os funcionários.

Eu chegava e limpava lá embaixo. Eu disse pra eles: *“quem sujar pode limpar que eu não vou limpar mais não. Os produtos de limpeza a partir de hoje, vão ficar comigo, quem quiser alguma coisa me peça.”* Chegou uma funcionária pra mim e disse assim: *“olhe! agora é a gerente aqui da loja!”* Eu respondi: *“não sou gerente agora. Eu não vou é ficar pegando pressão de gerente por causa de funcionário.”* Eu disse desse jeito... *“Quer dizer que ela agora é a gerente”,* pois é... Eu ouvi isso aí. Eu ouvi, ela disse na minha cara, eu disse a ela que eu não ia pegar pressão de gerente por causa de funcionário, erro de funcionário.



Lá sou só eu de Serviços Gerais, tem um caixa, tem um vendedor, tem um pessoal do delivery. Lá é um depósito de bebida, né? Cada um tem uma função diferente, mas se cada um respeita o limite do outro, o local do outro ali... Eu estava passando pano na loja e os funcionários ficavam pra lá e pra cá, sujando. Aí eu disse: *“não... vocês não... não podem esperar secar bem? Se vocês pisarem podem pegar o pano e limpar.”* Porque aí, o meu serviço vai para aonde? Vai ao chão, vai abaixo toda vez.

O banheiro era do mesmo jeito. Tem a tia do dono, ela tinha um negócio de toda vez, eu não terminava de limpar o banheiro, ainda estava molhado, ela sujava. Eu chamei o gerente uma vez, comuniquei a ele. A outra vez eu chamei a atenção dela, e ela nada. Aí eu acho que nesse dia eu estava com minha bisavó (estar mal, chateado, emburrado, estar de péssimo humor) fui trabalhar. Eu terminei de limpar o banheiro, quando eu descii com os produtos de limpeza, vi o banheiro, estava todo sujo. Porque ela se achava a tia... Era parente, era tia do dono do estabelecimento. Eu peguei, tirei a foto e mandei pro gerente, disse assim: *“o banheiro está sujo e eu não vou limpar, porque paciência tem limite e a minha chegou ao fim. Está bem aqui, o banheiro vai ficar sujo.”* Eu fui entre as meninas do caixa e disse: *“não é pra ninguém limpar aquele banheiro. Ninguém, ninguém aqui da loja é pra limpar, pode deixar aquele banheiro sujo, eu quero que o dono chegue hoje aqui na loja.”* Ela saiu pra fazer a entrega, quando ela voltou veio zangada comigo, me pediu o pano, disse pra mim: *“me dê o pano pra limpar esse banheiro. Porque a partir de amanhã eu vou trazer um pano de casa pra limpar esse banheiro.”* Eu respondi: *“isso não é preciso. Eu só reclamo porque eu limpo, a senhora suja, e eu não tenho obrigação de limpar a sujeira de funcionário, eu tenho obrigação de limpar de cliente, a de funcionários não tenho não.”* ... Esse tipo de coisa do trabalho. A situação não me complicou, porque já tinha chegado ao

ponto de o dono chegar para a tia dele e dizer, que a partir daquele momento ele não se responsabilizaria pelos funcionários, quem se responsabilizaria seria o gerente e se o gerente quisesse botar pra fora, podia botar. Ele já tinha avisado a ela, se ela não se ajeitasse, ele não podia mais se responsabilizar, o gerente podia botar ela pra fora porque não tinha nada a ver.

Mas fora isso, graças a Deus, eu me dou muito bem com os meninos e lá tem uma área que a gente passa três dias limpando, a área de bebida, que é muita bebida. Não é serviço que dá pra gente fazer rápido. Eu tiro dessas cinco horas trabalhadas todo o dia, uma hora e meia pra tirar poeira das coisas e lá a gente passa três dias limpando. Quando é dia de mexer nessa área onde ficam as bebidas, como são duas plantonistas, um dia uma limpa, no outro dia a outra se encarrega. A gente limpa a área das bebidas em grupo porque é muito alto e eu não tenho altura pra tá mexendo. Eu fico aqui em baixo recebendo as bebidas e o outro funcionário fica lá.

Tenho essa facilidade em resolver os conflitos porque a comunicação ajuda muito. A pessoa tem que saber se comunicar, tem que saber se expressar e lá esse é um dos focos da gente. E lá, todo mundo, os funcionários, lá no ambiente só ficam nós três funcionários... Quando eu saio ficam só dois, e o pessoal do delivery. O delivery, eles não demoram muito no depósito, não é? Estão saindo direito. Então na área ficam só nós três, como eu saio ao meio-dia ficam só os outros dois. Ali são só nós. Não acho um trabalho puxado, é cansativo porque a gente sobe e desce escada. Fica naquela movimentação, entendeu? Mas eu faço o meu horário, não tenho pressão de ninguém não. Meu gerente diz assim: *“você fez a limpeza principal? Pois pronto.”* A limpeza principal é varrer a loja, passar o pano, lavar o banheiro do cliente, lavar o banheiro dos funcionários, refeitório e escritório. Entendeu? Ele diz: *“se você fez a limpeza principal, está bom demais. Quando terminar você vai tirar uma poeira das*



coisas até dar o seu horário pra você ir embora certo?”

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

Se gosto do meu trabalho? Me sinto satisfeita? Eu gosto do meu trabalho, me sinto satisfeita. Hoje assim, eu trabalho aqui, mas eu poderia muito bem sair daqui pra fazer outra coisa. Eu tô me preparando, vou fazer o concurso agora da Universidade Federal, para Auxiliar Administrativo e vou encarar o ENEM, mas o ENEM meu objetivo é ter ponto pra fazer medicina veterinária. Ser médica veterinária. Estou estudando, vou fazer o vestibular esse ano, acho que a isenção saiu já, já pedi. Mas no momento estou estudando para o concurso de Auxiliar Administrativo na Federal, já tenho umas apostilas, tenho tudo, consegui aqui no IFMA, uma professora me deu essas apostilas, ela ajeita pra mim, porque aqui no IFMA é assim, se eles veem que o aluno tem objetivo, eles ajudam.

Quando a professora veio falar do concurso eu já sabia, já tinha ali o edital, estava antenada, e quando ela falou a turma todinha ficou calada, eu levantei a mão e disse: *“eu já estou por dentro.”* Ela perguntou: *“você vai fazer o concurso?”* Eu disse: *“vou.”* Ela veio e me falou para pedir a taxa de isenção. Eu já tinha pedido. Falei pra ela: *“estou esperando o resultado.”* Quando saiu o resultado, deu certo minha taxa. Agora só fazer a inscrição. Ela disse assim: *“pois eu vou lhe dar as apostilas pra você estudar.”* Então assim, eles apoiam muito aqueles que... quando vê que o aluno tem iniciativa e que o aluno quer alguma coisa, né?

O outro professor falou da maratona. Disse assim: *“você vai fazer essa maratona?”* Eu respondi: *“sim, é a do Enem?”* Ele disse: *“sim, eu vou ajeitar pra tu ir pra maratona.”* Perguntei: *“é aqui mesmo?”* Ele respondeu: *“é aqui, dia de sábado.”* Vai começar, tipo um Intensivão, ele é a outra professora. Ele me deu o contato da maratona, entrei em contato com

ela e ela mandou fazer minha inscrição.

Gosto do meu emprego, mas tenho projeções para o futuro. Estou procurando me capacitar e melhorias. Se no meu emprego tem chance de promoção? Sim. No meu emprego tem chance de promoção. Cheguei a falar lá, como eu estudo, lá pega muito caixa. Até me perguntaram: *“por que você não vai para o caixa?”* Eu disse: *“não tem como, porque eu estudo.”* O caixa fica um período maior no trabalho. Quando eu falei pro meu patrão que eu estava fazendo Técnico Administrativo, ele perguntou logo quantos anos eram. Eu disse: *“é três ano.”* Ele disse: *“pois estude, se forme, quando você se formar a gente tem uma vaga aqui pra você na parte da administração da empresa.”*

Geralmente quando chega o final de ano eu assumo lá duas funções, de manhã eu sou serviços gerais, a tarde até oito da noite eu sou atendente. Final de ano eu ganho mais, pagam extra por fora. Quando chega novembro começa a aperrear, muita correria, muito movimento, aí eu paro o SG, levo meu almoço lá de casa, né? Eu tomo banho, almoço, quando dá uma hora eu já vou pra parte do atendimento. O cliente chega eu tenho que saber o que ele quer, se ele tem alguma dúvida, o que ele está procurando. Eu faço isso. Já fiz curso de atendimento ao público.

Se preferiria outro tipo de ocupação agora? Não, devido à escola, devido a rotina que vou ter agora, desse mês até o final do ano. Eu vou tá fazendo prova, pra mim não dá, prefiro ficar onde eu tô agora, porque eu vou ter uma rotina muito puxada na área de estudo. A função que estou agora, me dá mais um tempo livre. Porque vou ter que fazer o concurso, tem o ENEM, tem o ENCCEJA e tem a maratona. Eu vou fazer tudo, vai ficar muito corrido, entendeu? E ainda tem a aula, rotina mesmo da escola. Eu prefiro ficar mesmo esse ano aonde eu estou, nessa área profissional da manhã até meio dia, está dando pra mim me manter, conciliar as coisas.

As razões para continuar trabalhando

Quais motivos me levam a trabalhar? Eu antigamente dizia que era porque tinha que sustentar meus quatro filhos. Hoje já estão grandes, já se mantêm, mas eu acho que é pra mim mesmo, pra manter minhas coisas, pra me ajudar dentro de casa...O trabalho é costume meu mesmo, eu não sei ficar dentro de casa, não sei ficar parada, gosto de ter uma ocupação. Eu não consigo amanhecer e ficar enganchado no celular o dia todinho, não sei. Eu fico doente quando eu estou em casa, fico deitada e celular lá..., descansando. Quando eu estou em casa é só isso. Mas essa situação é muito difícil de acontecer, só chego em casa só pra dormir. O trabalho para mim é tipo um estilo de vida, é uma coisa que me faz feliz, é uma coisa que toma boa parte da minha vida. Tem o lado financeiro, que tem como a gente se manter, mas para o lado psicológico, o lado de autoestima, pra mim é melhor. Pesa mais por estes lados.

Imagens sociais construídas sobre o trabalho de serviços gerais

O que eu acho que as pessoas pensam do meu trabalho? Eu já trabalhei de babar, dona de casa, garçoneiro, cozinheira, porque eu gosto, porque eu gosto de cozinhar muito, mas assim, meu fardamento hoje é completamente diferente da minha profissão. Meu fardamento é tipo fardamento hospitalar, muita gente pensa que eu sou enfermeira, que eu trabalho no hospital. Já fui barrada não sei quantas vezes. As pessoas perguntam: *“tu trabalhas para hospital?”* Eu respondo: *“gente, eu não trabalho no hospital.”* Então vai no depósito de bebida, mas meu fardamento é de hospital, sem mentira. É aquela roupa mesmo de enfermeira, aquela blusa mesmo normal, não tem jaleco não, e a calça, só que é tudo vermelho igual daquelas enfermeiras.

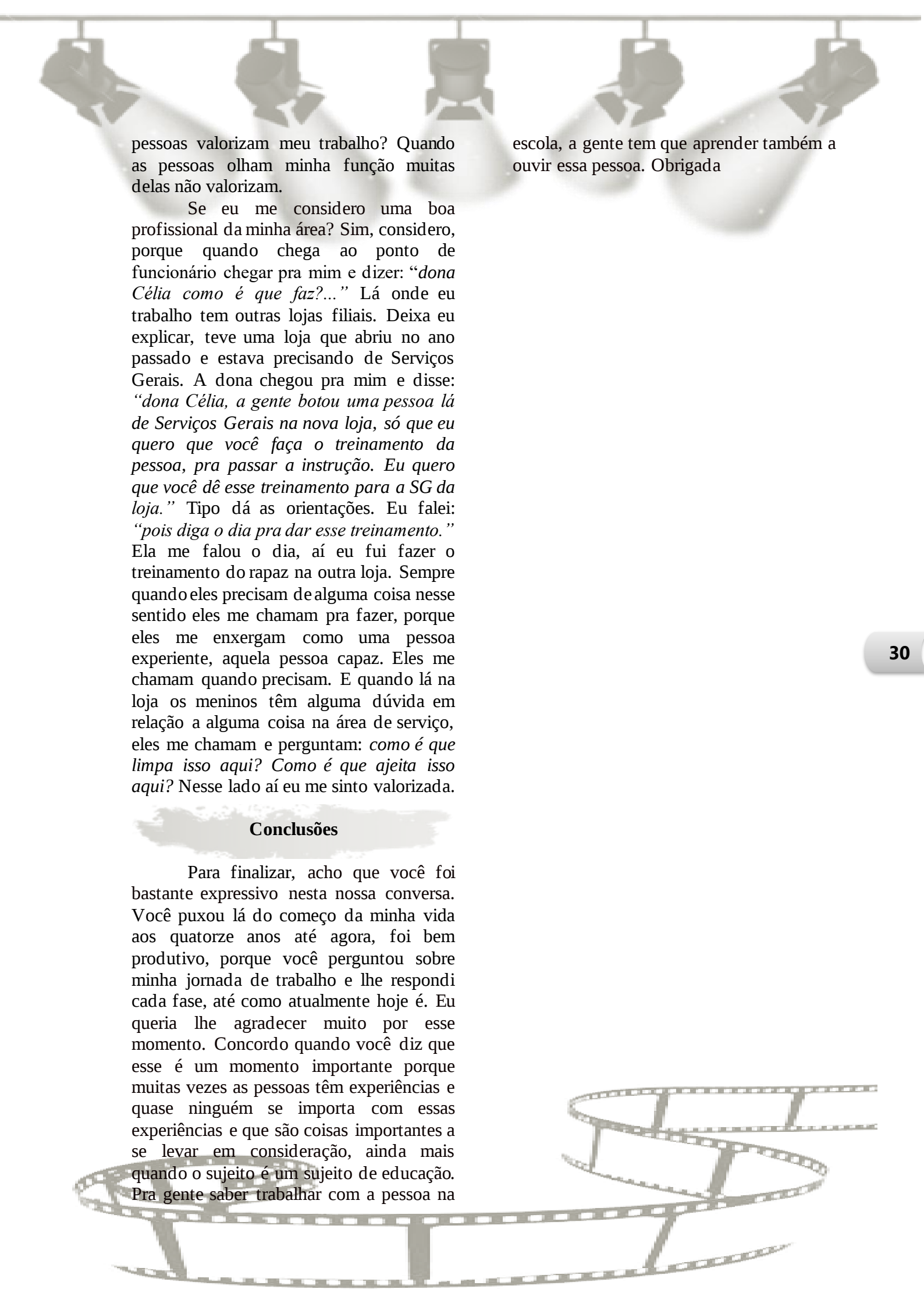
Muita gente pensa que eu trabalho no hospital, quando eu digo que trabalho

nos serviços gerais, as pessoas falam: *“não acredito!”* E respondem: *“mulher, pois eu te juro que pensava que tu trabalhava de serviço de hospital.”* É desse jeito, a pessoa só acredita que eu trabalho realmente no SG porque eu respondo: *“eu trabalho no depósito de bebida.”* As pessoas dizem: *“mulher eu pego ônibus todo dia contigo, jurava que você trabalhava no hospital.”*

Um dia eu vinha do trabalho e desci ali no Mix pra fazer umas compras, aí eu chamei o Uber, o motorista falou: *“está cansada, a rotina de hospital é pesada!”*

Eu ria da cara desse povo, não é? Tem hora que estou tão cansada, nem entro em detalhe. Mas assim, no sentido de serviços gerais o pessoal acha assim, que é muito, muito puxado. O pessoal julga assim. Um serviço puxado. É um serviço que tem gente que tem preconceito em relação a Serviços Gerais. Até lá na empresa tive um pequeno desentendimento com um funcionário, ele só vai lá pra fazer reparações da loja, ele não fica lá, é tipo um técnico pra fazer alguma coisa. Ele estava com dois dias lá, eu tinha lavado o banheiro, ele entrou e sujou o banheiro. Eu disse: *“já está bagunçando, quem foi que sujou esse banheiro? Você sujou?”* Ele disse: *“e você? O que está fazendo aqui? Você veio fazer o que aqui?”*

O que ele quis dizer foi que os Serviços Gerais têm a obrigação de funcionário chegar, sujar e estar ali disponível vinte e quatro horas pra limpar. Isso é tipo como um preconceito do meu ponto de vista. Eu sei porque a pessoa vê a outra como tipo aquele serviçal pra executar aquela mesma tarefa vinte e quatro horas por dia. Eles acham que é tipo um serviço subalterno, tem que servir todo mundo aqui. Eu cheguei pra ele e disse assim: *“olha eu vim aqui pra trabalhar, mas eu não sou paga pra limpar a bagunça de funcionário. Eu limpo uma vez, depois que eu limpei, se funcionário sujar ele tem por obrigação limpar.”* Achei que foi preconceito porque ele quis me humilhar. *“o quê é que eu estou fazendo ali.”* Foi o que ele disse. Pra mim é uma humilhação, me tratou mal. Se as



As pessoas valorizam meu trabalho? Quando as pessoas olham minha função muitas delas não valorizam.

Se eu me considero uma boa profissional da minha área? Sim, considero, porque quando chega ao ponto de funcionário chegar pra mim e dizer: *“dona Célia como é que faz?...”* Lá onde eu trabalho tem outras lojas filiais. Deixa eu explicar, teve uma loja que abriu no ano passado e estava precisando de Serviços Gerais. A dona chegou pra mim e disse: *“dona Célia, a gente botou uma pessoa lá de Serviços Gerais na nova loja, só que eu quero que você faça o treinamento da pessoa, pra passar a instrução. Eu quero que você dê esse treinamento para a SG da loja.”* Tipo dá as orientações. Eu falei: *“pois diga o dia pra dar esse treinamento.”* Ela me falou o dia, aí eu fui fazer o treinamento do rapaz na outra loja. Sempre quando eles precisam de alguma coisa nesse sentido eles me chamam pra fazer, porque eles me enxergam como uma pessoa experiente, aquela pessoa capaz. Eles me chamam quando precisam. E quando lá na loja os meninos têm alguma dúvida em relação a alguma coisa na área de serviço, eles me chamam e perguntam: *como é que limpa isso aqui? Como é que ajeita isso aqui?* Nesse lado aí eu me sinto valorizada.

escola, a gente tem que aprender também a ouvir essa pessoa. Obrigada

Conclusões

Para finalizar, acho que você foi bastante expressivo nesta nossa conversa. Você puxou lá do começo da minha vida aos quatorze anos até agora, foi bem produtivo, porque você perguntou sobre minha jornada de trabalho e lhe respondi cada fase, até como atualmente hoje é. Eu queria lhe agradecer muito por esse momento. Concordo quando você diz que esse é um momento importante porque muitas vezes as pessoas têm experiências e quase ninguém se importa com essas experiências e que são coisas importantes a se levar em consideração, ainda mais quando o sujeito é um sujeito de educação. Pra gente saber trabalhar com a pessoa na



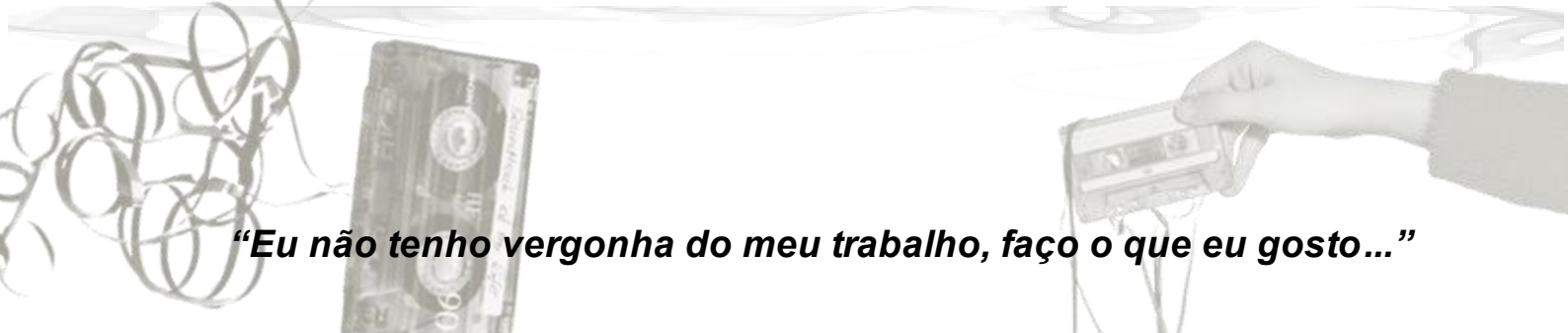
Capítulo III

“**K**

*atiana da Silva,
as idas e vindas no
mundo do trabalho*

”





“Eu não tenho vergonha do meu trabalho, faço o que eu gosto...”



Apresentação

Eu me chamo Katiana da Silva Nunes, tenho quarenta anos, nasci e vivi toda minha vida na zona rural de Timon, no povoado Barraca, próximo a BR - 226 (duzentos e vinte seis), atualmente estou morando aqui na zona urbana de Timon, no Bairro São Benedito.

O trabalho

Sobre meu trabalho atual, trabalho hoje com faxinas em um emprego informal devido não ser carteira assinada, nele eu recebo por diárias, tipo por meio de contrato de boca. É um contrato fixo e toda semana eu vou trabalhar. Os dias que trabalho são dias de segunda, sexta e sábado, mas quando aparecem outros trabalhos por fora também faço.

Esse trabalho é aqui próximo de casa e minha rotina de trabalho funciona assim: eu saio as sete horas da manhã e termino meio dia. Tem outra casa aqui perto que costumam me contratar para cuidar, não é sempre, lá também são só cuidados com a limpeza mesmo, eu cuido da limpeza da casa toda, lavo roupa e louça. Esses dois trabalhos funcionam por meio de diárias. Sou diarista de faxinas. Antes eu trabalhava em Teresina, trabalhava em outros bairros também.

Hoje eu tenho três filhos, e não posso trabalhar muito distante, entende? Meu filho de quatro anos começou a estudar agora e eu tenho que acompanhá-lo. Ah! Eu tenho também os outros filhos, um de treze anos e o de dez. Como somos só a gente, eu não posso trabalhar muito distante. Aqui tenho minha vizinha que me ajuda a cuidar deles enquanto vou para o trabalho. Meus filhos estudam junto com os filhos dela, ela me ajuda muito e a gente vai botando para frente. Devido essa dificuldade de deixá-los com alguém eu não posso trabalhar muito longe e passar o dia todo trabalhando. Quando ela não pode olhar os meninos eu peço ajuda de outra pessoa, e assim vou seguindo. Tem uma sobrinha minha que as vezes toma conta deles, quando ela não pode tem outra pessoa que olha. Para essa pessoa olhar os meninos, eu tenho que comunicar uns três dias antes que vou trabalhar. Porque não posso deixá-los sozinhos.

Qual é minha carga horária de trabalho? A maioria das vezes é das oito da manhã até cinco horas da tarde, isso também depende, as vezes termino as quatro horas ou mais tarde porque nesse tipo de trabalho sempre pedem para fazer uma limpeza geral. Limpeza de tudo, de moveis, roupas... tudo. O que dá para eu fazer, eu faço em um dia. Tem casa que eu já peguei para trabalhar aqui em Timon que não dá para fazer tudo em um dia de trabalho, porque é muito grande. Às vezes tem limpeza que dura de dois a três dias, mas eu não tenho dificuldade de trabalhar assim não. As minhas patroas são bem legais.

Lembranças de experiências de trabalho

Eu executo esse tipo de trabalho desde os meus treze anos de idade. Antes eu morava no interior, eu não tinha condições de comprar minhas coisas, meus pais não eram aposentados, então comecei a



trabalhar assim para ter minhas coisas. Eu comecei a trabalhar aqui na cidade para ajudar meus pais, mas agora estão todos os dois aposentados no interior, moram no interior até hoje. A casa no bairro onde moro aqui em Timon é deles, eles só usam a casa para se hospedar quando vem do interior, mas moram mesmo lá no interior ainda.

Eu lembro de ter trabalhado em Teresina em uma casa de família, para uma senhora, lá eu trabalhava e morava ao mesmo tempo, eu passei sete anos trabalhando e morando com ela. Nessa época eu tinha dezoito anos. Eu trabalhei em Teresina em diversas casas, em quase todos os bairros, por isso eu digo que conheço mais Teresina que Timon.

Sempre foi assim, eu passava um tempo trabalhando aqui em Timon ou em Teresina e quando me cansava eu passava um tempo lá no interior, isso, desde os treze anos de idade. Às vezes eu passava um ano, às vezes seis meses trabalhando e morando aqui, depois voltava para o interior.

Se eu estudava no interior? Sim! Eu estudava no interior, terminei meus estudos muito cedo por lá, porque era até o quarto ano. Eu lembro de ainda ter repetido o mesmo quarto ano várias vezes, não por ter reprovado, mas porque lá não tinha como prosseguir os estudos. De tanto eu repeti já estava era ajudando os outros alunos. Já estava era dando aula para os colegas (risos). Isso na época era porque o papai não deixava eu vim estudar na cidade, não tinha lugar para eu ficar e não tinha o transporte também. Era muito difícil.

Em que lugar eu comecei a trabalhar a primeira vez? Eu comecei a trabalhar em uma casa no bairro Saci em Teresina, lá foi a primeira vez trabalhando, passei três meses nesse serviço. Foi minha primeira experiência, mas não achei ruim não. Sai de lá porque a senhora que era minha patroa me despachou, porque tinha uma outra empregada que saiu e fez um bom trabalho e quis voltar, então a pessoa lá me despachou e contratou a empregada antiga novamente.

Depois que fui demitida me chamaram para voltar a trabalhar, mas eu não voltei, se já estava lá porquê me despediram? A outra chegou e não quis fazer nada, e a patroa achou ruim, eu já fazia tudo, deixava tudo limpo, tudo ajeitado, ela queria que eu voltasse de novo e eu já estava trabalhando em outro lugar e não voltei.

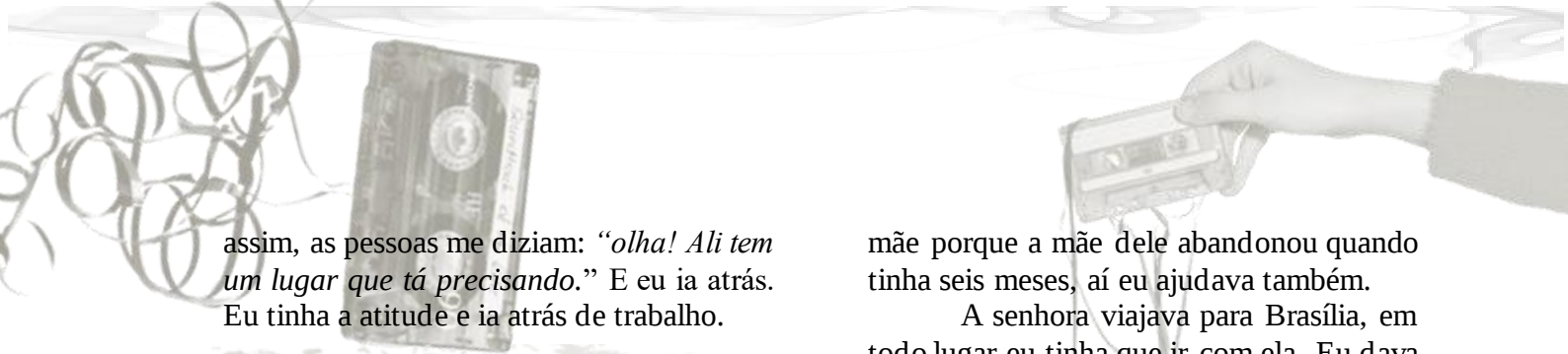
Naquela época tinha treze anos. Como eu me via sendo dessa idade e tendo que realizar os vários trabalhos de uma casa? Quando eu não dava conta de algo nesse serviço, eu informava que não sabia, a patroa também sempre me perguntava se eu sabia, eu respondia que ia tentar, e conseguia, isso, até me acostumar na casa. Era o aprendizado do costume, da convivência, porque lá no interior eu sempre trabalhava e minha mãe me ensinava tudo.

Como eu aprendi a desenvolver as atividades de trabalho? Eu aprendi observando, principalmente a minha mãe em casa, isso faz com que a gente que é gente vá aprendendo o mundo. Foi observando as coisas, como é que as coisas são, como elas funcionam que fui aprendendo.

Na casa em que trabalhei sete anos em Teresina, a patroa tinha muitos filhos que vinham de Brasília, eram médicos, juizes, essas profissões. Eles perguntavam para mim como eu tinha aprendido a fazer as coisas e a cozinhar, porque eles gostavam das comidas daqui da região. Eu fazia banquetes. Fazia tudo que eles gostavam, essas comidas daqui... um Arroz de Pequi, um Arroz com Abóbora, uma Maria Isabel, uma Paçoca. Eles perguntavam como fazia.

Eu assistia também na TV o programa da Ana Maria Braga e anotava todas as receitas, decorava e fazia para eles. Eu confiava que ia dar certo e ia fazendo as coisas, aprendendo no cotidiano o que eu sabia e observando. A comida saía boa e eles aprovavam.

Se eu já fiquei desempregada? Sempre que saía de um lugar arranjava outro trabalho por que não tinha nenhum motivo de ninguém não me querer. Era



assim, as pessoas me diziam: “*olha! Ali tem um lugar que tá precisando.*” E eu ia atrás. Eu tinha a atitude e ia atrás de trabalho.

Lembranças que marcaram a vida de trabalho

Das lembranças de trabalho que marcaram, teve um acontecimento muito ruim de quando eu trabalhei nessa casa que fiquei sete anos. Das pessoas que eu falei que moravam em Brasília e que eu cuidava de uma senhora. Quando eu cheguei lá, ela tinha uns oitenta e três anos, também era doente de Alzheimer, eu cuidava dela. Cuidava de todas as coisas dela. Só não cuidava do dinheiro dela. Isso quem resolvia eram os filhos dela. Cuidava de tudo. O dia todo. Eu morava lá. Eu não dormia a noite não, porque ela não podia ficar sozinha. Era muito bom lá, em tudo. Gosto muito deles, até hoje tenho contato com eles. Ela já faleceu e está com uns 3 anos (três anos). Ah! lá era carteira assinada.

Mas o que me marcou mesmo nesse trabalho como eu falei foi um acontecimento ruim envolvendo uma filha dela que morava aqui que implicou comigo falando que eu estava furtando as coisas da casa, a alimentação, sendo que era ela, a filha, quem consumia as coisas de mais. E eu nunca peguei nenhum palito de fósforo pra mim, entendeu? Nunca fui de pegar nada! Nada! Nada de ninguém!

Chegavam os filhos e netos e se tinha as coisas para usar, eu tinha que fazer a comida para eles. Eles pediam pra eu fazer! Eu fazia! E ainda achavam que a comida estava acabando muito rápido, mas tinha que acabar, não é? Eu achei que eles estavam desconfiando de mim que eu estava roubando, pelas conversas que ouvi. Eu tinha que aguentar e nem trazia nada para mim ou pegava algo para mim. Eu não tinha nem filho na época, eu só ajudava meu pai, minha mãe, não tinha como eu trazer nada. Na época ainda tive a ideia de criar um sobrinho, mas ficava na casa da minha

mãe porque a mãe dele abandonou quando tinha seis meses, aí eu ajudava também.

A senhora viajava para Brasília, em todo lugar eu tinha que ir com ela. Eu dava conta de tudo. Andava em todo lugar com ela. Eu era quem cuidava dela. Se ela tinha que ir eu ia junto. O que mais me marcou foi isso, porque ficaram me acusando de uma coisa que eu não fazia. Eu não fiz, mas eu sei, pediram para que eu voltasse e eu não quis, eu pisei firme! Eu me arrependi de não voltar depois, mas eu não voltei mesmo assim, porque ficava chato pela situação se eu voltasse. Eu fiz por capricho de não voltar mais a trabalhar lá. Porque eu me preocupei na época, se acontecesse alguma coisa como um sumiço maior, e como eu estava mais vulnerável talvez poderiam me acusar, devido eles terem mais poder e isso poderia me prejudicar.

Se eu visitava minha família no interior quando trabalhava lá? Visitava, visitava de quinze em quinze dias, as vezes de vinte em vinte dias, ou mês. Sendo que fiquei assim lá dos dezoito aos vinte e cinco anos. Isso foi lá para o início dos anos dois mil. Esse serviço em que passei sete anos foi o mais longo que trabalhei em casa de família. Passei mais tempo lá, só que já trabalhei em várias casas, passava um ano, dois anos e assim vai. Teve uma casa depois disso em que eu trabalhei uns três anos, foi na época que eu tive meu primeiro menino e sai. Ele hoje tem treze anos.

Essa lembrança de trabalho que me marcou não foi a única. Outra foi de quando trabalhei na faxina em São Paulo, era carteira assinada, na indústria de confecção de roupas, lá na firma trabalhei dois anos, mas tive que vim embora, eu sei porque eu tive um problema na minha tireoide que apareceu na época que trabalhava lá.

Eu fui para São Paulo com minha tia, ela morava aqui, ela foi passar uns dias lá em São Paulo, uns dois meses na casa de um parente, mas como eu arranjei um emprego lá, eu fiquei, e ela voltou.

Isso foi depois que sai da casa de família que fiquei sete anos. Eu sai de lá em dois mil e sete, depois trabalhei três anos em



outra casa, foi quando tive meu primeiro filho. Meu filho tinha três meses. Levei uma criança de três meses para São Paulo e quando voltei para cá, vim com meu outro filho com três meses também. (risos).

Lá em São Paulo tinha um segurança que pegava muito no pé. E eu grávida! Ele queria que eu trabalhasse me forçando, eu passei por muita raiva e estresse. Com um tempo, eu com oito meses grávida apareceu a tireoide, só que eu comecei ir para o médico. Também continuei fazendo o pré-natal.

Se esse emprego era na Capital São Paulo? Não, esse emprego era no interior de São Paulo, na cidade de Cabreúva, no bairro jacaré. Lá eu passei dois anos. Trabalhava lá na limpeza, aí foi que eu tive esse problema da tireoide. Já estava com oito meses de gravidez. Era um serviço puxado! A gente lá, tudo era mais cedo, não tinha chuva, nem sol, nem nada, porque tinha que trabalhar mesmo, de todo jeito. Tinha vezes que mudavam o turno, as vezes eu mudava para tarde.

A viagem era uma hora e meia pra chegar no emprego. Longe! Distante! Eu morava numa cidade e tinha que me deslocar para ir para outra cidade. Saia meio-dia de casa, chegava lá, trabalhava até dez da noite. Quando era pela manhã, saía duas horas da manhã, para chegar as quatro e meia da manhã, e começar as cinco horas da manhã. Eu pegava o trabalho das cinco as quatorze horas. Na volta era do mesmo jeito para ir para casa. Tinha uma folga, trabalhava três dias e folgava um. O transporte era da empresa.

Se o salário compensava o esforço? Sim, compensava. Dava para pagar uma pessoa para olhar meu filho que levei para trabalhar.

Se eu posso detalhar o acontecimento que me marcou? Sim! O Técnico de segurança pegava muito no pé da gente. Ele era meu supervisor, se a gente parava ali, ou sentava, não podia não, não podia descansar. Tinha o horário de descanso que era na hora do almoço ou da janta, mas era só aquele horário. Se ele

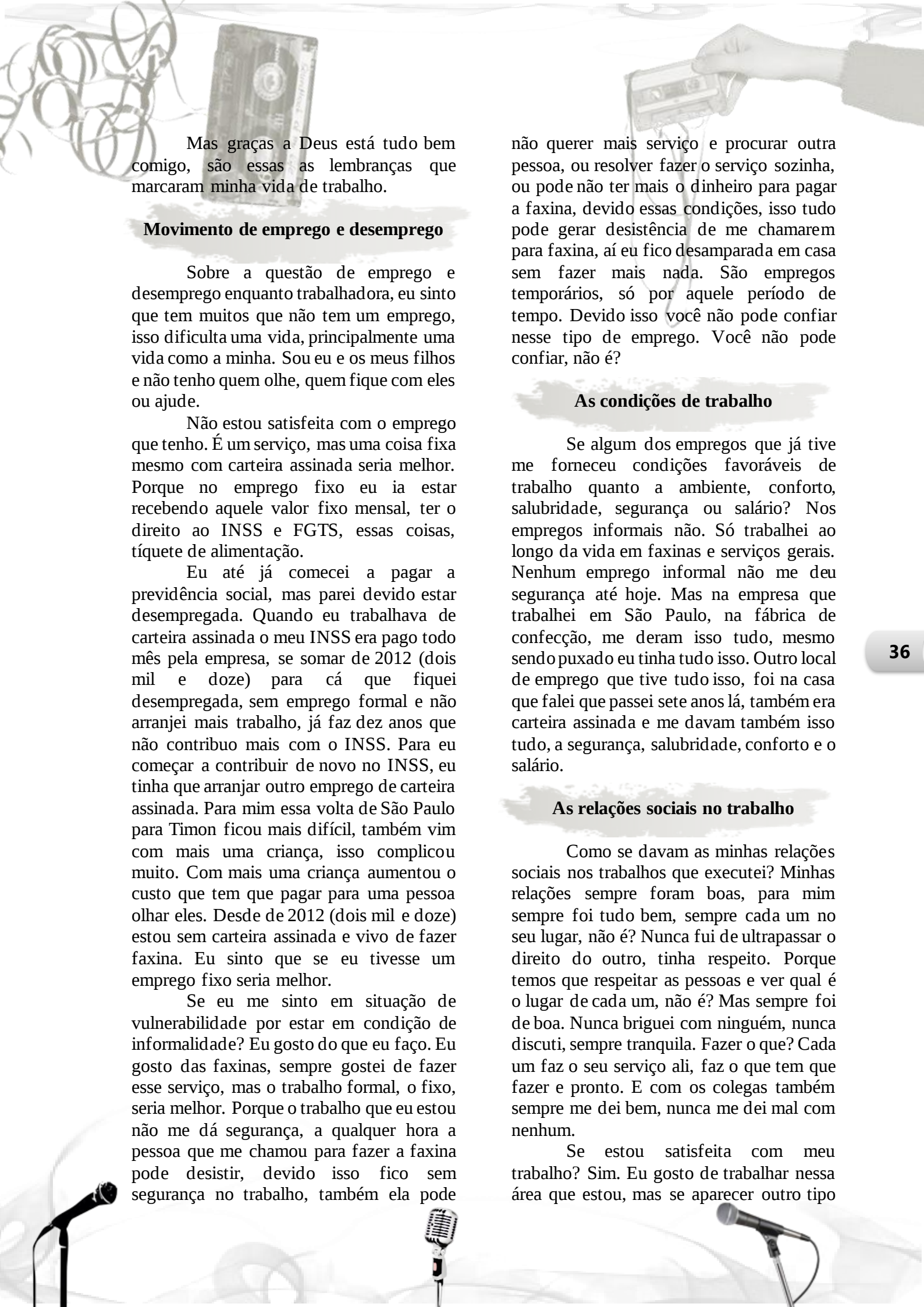
pegasse a gente sentada ou não fazendo nada, ele reclamava.

Nesse dia do acontecido eu estava grávida e passando mal mesmo, tive que me sentar e ele apareceu no quartinho que eu estava, e eu não vi, só quando amanheceu o dia que me chamaram a atenção. A gente chega da viagem toda cansada rodando de ônibus e a pessoa grávida. Já sabe! não é? Cansa! E fica ruim. A gente passa mal e enjoa. Principalmente o enjoo. Ele deve ter visto eu lá passando mal e pensou: *“não vou falar nada agora”*. Sabe o que aconteceu? Eu tomei uma suspensão e eu achei muito ruim. Eu falei que estava me sentindo mau. A dona mesmo, sabia disso e mandou deixar para lá essa ocorrência. Ela sabia que eu estava grávida. Ela era muito boa mesmo.

Se reduziram minha carga horária eu grávida ou me deram licença? Não, não reduziram nem deram licença maternidade, eu trabalhei lá até os nove meses. Só sai porque o médico de lá disse para mim que não era para ir mais trabalhar. Já estava com nove meses! Ele disse: *“Já está com nove meses. Já está para ter essa criança aqui e o pessoal não libera.”*

Esse episódio me marcou, também essa questão da cobrança demais, um trabalho muito puxado, excessivo, e aí às vezes não tem nem aquele olhar: *“não! Ela é grávida, vamos dar mais um tempo pra ela descansar.”* Não é? A gente descansava em dupla e tinha sempre outra que revezava e ajudava enquanto descansávamos, e era só o que dava.

Só que esse trabalho deu certo, e minhas relações nesses trabalhos que tive foram todas boas. E sobre a minha tireoide eu tirei total, foi lá que começou esse problema porque o médico disse que quando a gente se estressa muito, para quem tem o problema, ele evolui rápido. Tem umas tireoides que são dentro e outras saem para fora. A minha era fora, e estava enorme! Eu me consultei e o médico disse: *“olha! Isso aí é o seu estresse de trabalho! Você estando grávida!”*



Mas graças a Deus está tudo bem comigo, são essas as lembranças que marcaram minha vida de trabalho.

Movimento de emprego e desemprego

Sobre a questão de emprego e desemprego enquanto trabalhadora, eu sinto que tem muitos que não tem um emprego, isso dificulta uma vida, principalmente uma vida como a minha. Sou eu e os meus filhos e não tenho quem olhe, quem fique com eles ou ajude.

Não estou satisfeita com o emprego que tenho. É um serviço, mas uma coisa fixa mesmo com carteira assinada seria melhor. Porque no emprego fixo eu ia estar recebendo aquele valor fixo mensal, ter o direito ao INSS e FGTS, essas coisas, tíquete de alimentação.

Eu até já comecei a pagar a previdência social, mas parei devido estar desempregada. Quando eu trabalhava de carteira assinada o meu INSS era pago todo mês pela empresa, se somar de 2012 (dois mil e doze) para cá que fiquei desempregada, sem emprego formal e não arranjei mais trabalho, já faz dez anos que não contribuo mais com o INSS. Para eu começar a contribuir de novo no INSS, eu tinha que arranjar outro emprego de carteira assinada. Para mim essa volta de São Paulo para Timon ficou mais difícil, também vim com mais uma criança, isso complicou muito. Com mais uma criança aumentou o custo que tem que pagar para uma pessoa olhar eles. Desde de 2012 (dois mil e doze) estou sem carteira assinada e vivo de fazer faxina. Eu sinto que se eu tivesse um emprego fixo seria melhor.

Se eu me sinto em situação de vulnerabilidade por estar em condição de informalidade? Eu gosto do que eu faço. Eu gosto das faxinas, sempre gostei de fazer esse serviço, mas o trabalho formal, o fixo, seria melhor. Porque o trabalho que eu estou não me dá segurança, a qualquer hora a pessoa que me chamou para fazer a faxina pode desistir, devido isso fico sem segurança no trabalho, também ela pode

não querer mais serviço e procurar outra pessoa, ou resolver fazer o serviço sozinha, ou pode não ter mais o dinheiro para pagar a faxina, devido essas condições, isso tudo pode gerar desistência de me chamarem para faxina, aí eu fico desamparada em casa sem fazer mais nada. São empregos temporários, só por aquele período de tempo. Devido isso você não pode confiar nesse tipo de emprego. Você não pode confiar, não é?

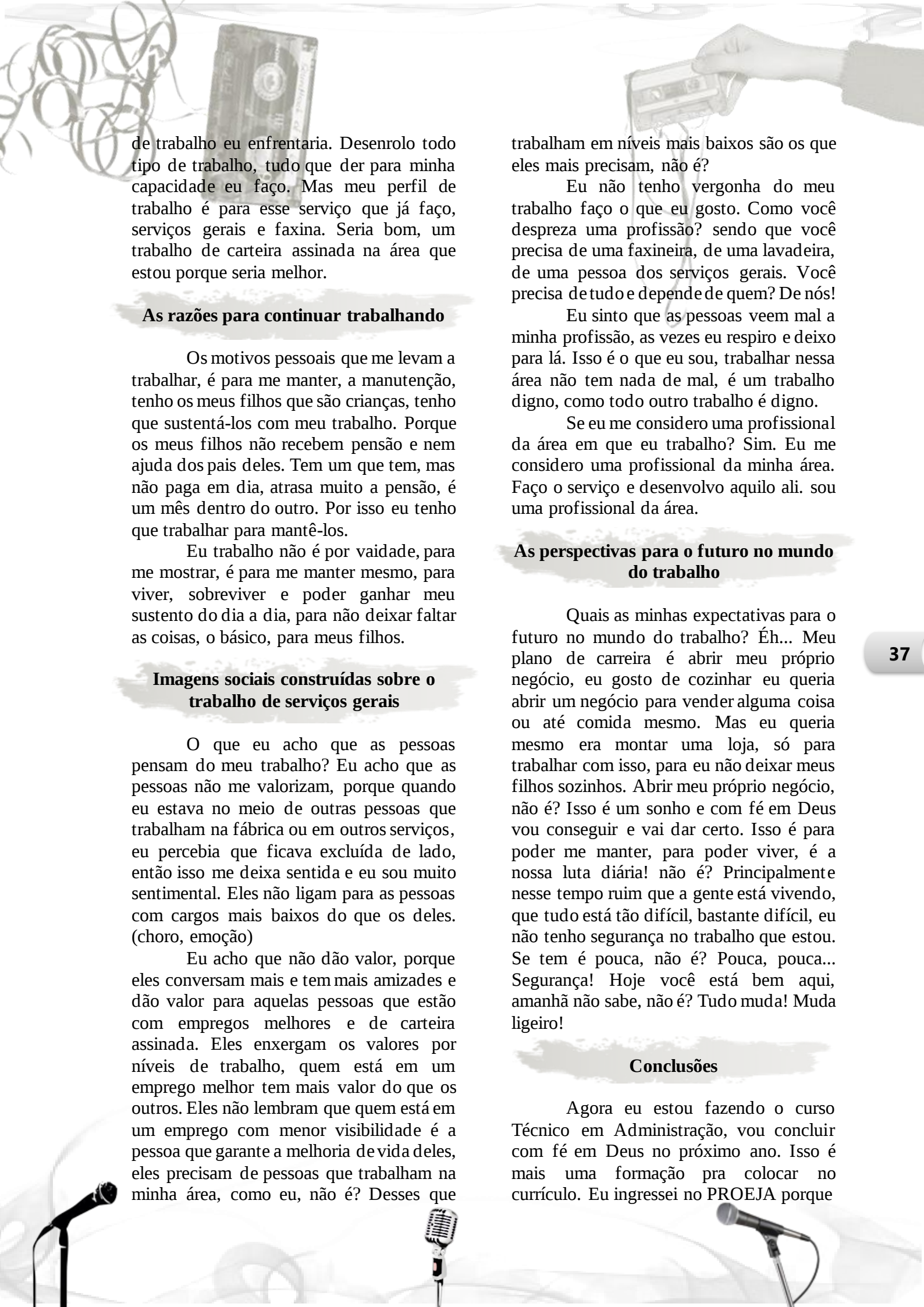
As condições de trabalho

Se algum dos empregos que já tive me forneceu condições favoráveis de trabalho quanto a ambiente, conforto, salubridade, segurança ou salário? Nos empregos informais não. Só trabalhei ao longo da vida em faxinas e serviços gerais. Nenhum emprego informal não me deu segurança até hoje. Mas na empresa que trabalhei em São Paulo, na fábrica de confecção, me deram isso tudo, mesmo sendo puxado eu tinha tudo isso. Outro local de emprego que tive tudo isso, foi na casa que falei que passei sete anos lá, também era carteira assinada e me davam também isso tudo, a segurança, salubridade, conforto e o salário.

As relações sociais no trabalho

Como se davam as minhas relações sociais nos trabalhos que executei? Minhas relações sempre foram boas, para mim sempre foi tudo bem, sempre cada um no seu lugar, não é? Nunca fui de ultrapassar o direito do outro, tinha respeito. Porque temos que respeitar as pessoas e ver qual é o lugar de cada um, não é? Mas sempre foi de boa. Nunca briguei com ninguém, nunca discuti, sempre tranquila. Fazer o que? Cada um faz o seu serviço ali, faz o que tem que fazer e pronto. E com os colegas também sempre me dei bem, nunca me dei mal com nenhum.

Se estou satisfeita com meu trabalho? Sim. Eu gosto de trabalhar nessa área que estou, mas se aparecer outro tipo



de trabalho eu enfrentaria. Desenrolo todo tipo de trabalho, tudo que der para minha capacidade eu faço. Mas meu perfil de trabalho é para esse serviço que já faço, serviços gerais e faxina. Seria bom, um trabalho de carteira assinada na área que estou porque seria melhor.

As razões para continuar trabalhando

Os motivos pessoais que me levam a trabalhar, é para me manter, a manutenção, tenho os meus filhos que são crianças, tenho que sustentá-los com meu trabalho. Porque os meus filhos não recebem pensão e nem ajuda dos pais deles. Tem um que tem, mas não paga em dia, atrasa muito a pensão, é um mês dentro do outro. Por isso eu tenho que trabalhar para mantê-los.

Eu trabalho não é por vaidade, para me mostrar, é para me manter mesmo, para viver, sobreviver e poder ganhar meu sustento do dia a dia, para não deixar faltar as coisas, o básico, para meus filhos.

Imagens sociais construídas sobre o trabalho de serviços gerais

O que eu acho que as pessoas pensam do meu trabalho? Eu acho que as pessoas não me valorizam, porque quando eu estava no meio de outras pessoas que trabalham na fábrica ou em outros serviços, eu percebia que ficava excluída de lado, então isso me deixa sentida e eu sou muito sentimental. Eles não ligam para as pessoas com cargos mais baixos do que os deles. (choro, emoção)

Eu acho que não dão valor, porque eles conversam mais e tem mais amizades e dão valor para aquelas pessoas que estão com empregos melhores e de carteira assinada. Eles enxergam os valores por níveis de trabalho, quem está em um emprego melhor tem mais valor do que os outros. Eles não lembram que quem está em um emprego com menor visibilidade é a pessoa que garante a melhoria de vida deles, eles precisam de pessoas que trabalham na minha área, como eu, não é? Desses que

trabalham em níveis mais baixos são os que eles mais precisam, não é?

Eu não tenho vergonha do meu trabalho faço o que eu gosto. Como você despreza uma profissão? sendo que você precisa de uma faxineira, de uma lavadeira, de uma pessoa dos serviços gerais. Você precisa de tudo e depende de quem? De nós!

Eu sinto que as pessoas veem mal a minha profissão, as vezes eu respiro e deixo para lá. Isso é o que eu sou, trabalhar nessa área não tem nada de mal, é um trabalho digno, como todo outro trabalho é digno.

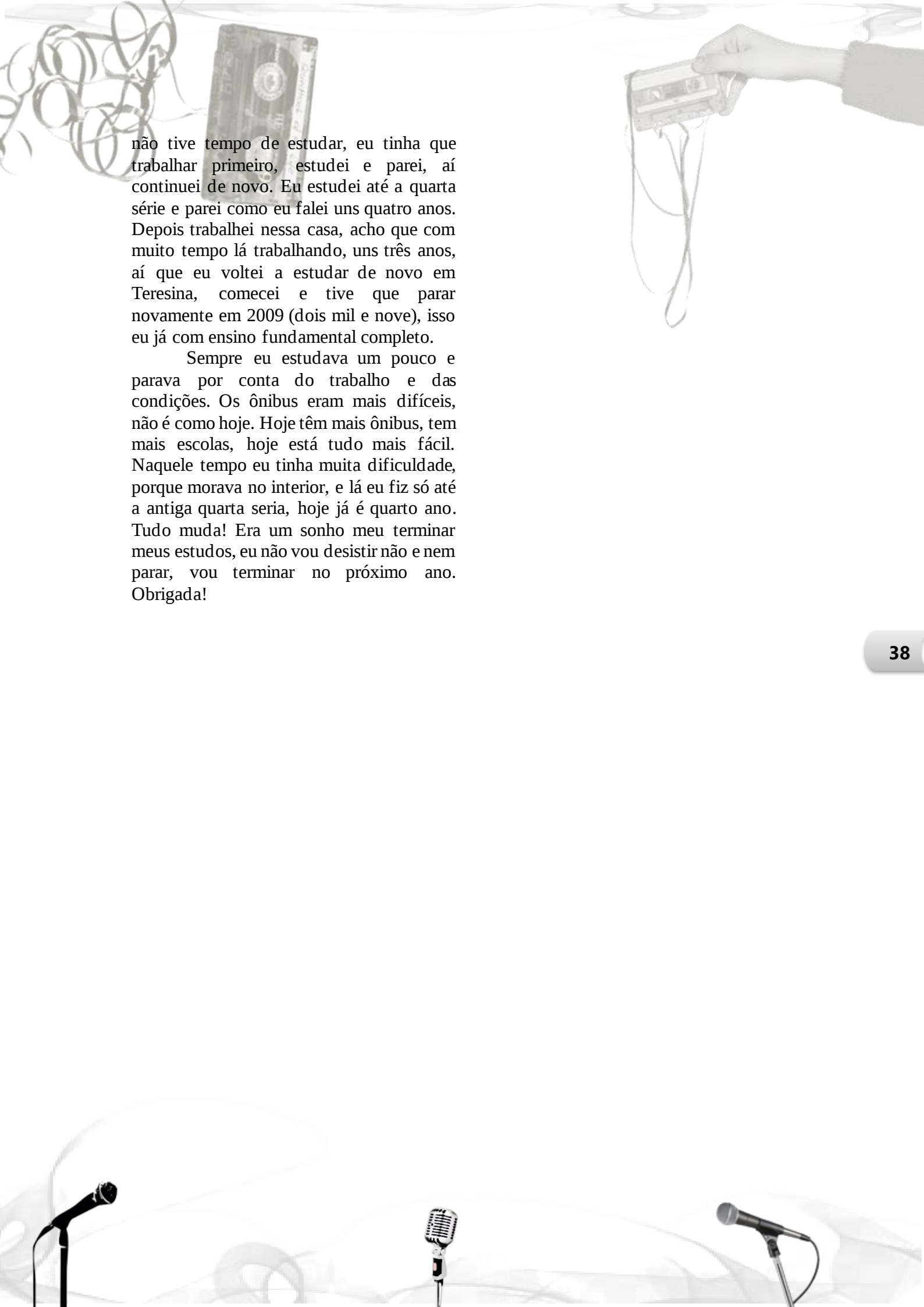
Se eu me considero uma profissional da área em que eu trabalho? Sim. Eu me considero uma profissional da minha área. Faço o serviço e desenvolvo aquilo ali. sou uma profissional da área.

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

Quais as minhas expectativas para o futuro no mundo do trabalho? Éh... Meu plano de carreira é abrir meu próprio negócio, eu gosto de cozinhar eu queria abrir um negócio para vender alguma coisa ou até comida mesmo. Mas eu queria mesmo era montar uma loja, só para trabalhar com isso, para eu não deixar meus filhos sozinhos. Abrir meu próprio negócio, não é? Isso é um sonho e com fé em Deus vou conseguir e vai dar certo. Isso é para poder me manter, para poder viver, é a nossa luta diária! não é? Principalmente nesse tempo ruim que a gente está vivendo, que tudo está tão difícil, bastante difícil, eu não tenho segurança no trabalho que estou. Se tem é pouca, não é? Pouca, pouca... Segurança! Hoje você está bem aqui, amanhã não sabe, não é? Tudo muda! Muda ligeiro!

Conclusões

Agora eu estou fazendo o curso Técnico em Administração, vou concluir com fé em Deus no próximo ano. Isso é mais uma formação pra colocar no currículo. Eu ingressei no PROEJA porque



não tive tempo de estudar, eu tinha que trabalhar primeiro, estudei e parei, aí continuei de novo. Eu estudei até a quarta série e parei como eu falei uns quatro anos. Depois trabalhei nessa casa, acho que com muito tempo lá trabalhando, uns três anos, aí que eu voltei a estudar de novo em Teresina, comecei e tive que parar novamente em 2009 (dois mil e nove), isso eu já com ensino fundamental completo.

Sempre eu estudava um pouco e parava por conta do trabalho e das condições. Os ônibus eram mais difíceis, não é como hoje. Hoje têm mais ônibus, tem mais escolas, hoje está tudo mais fácil. Naquele tempo eu tinha muita dificuldade, porque morava no interior, e lá eu fiz só até a antiga quarta série, hoje já é quarto ano. Tudo muda! Era um sonho meu terminar meus estudos, eu não vou desistir não e nem parar, vou terminar no próximo ano. Obrigada!

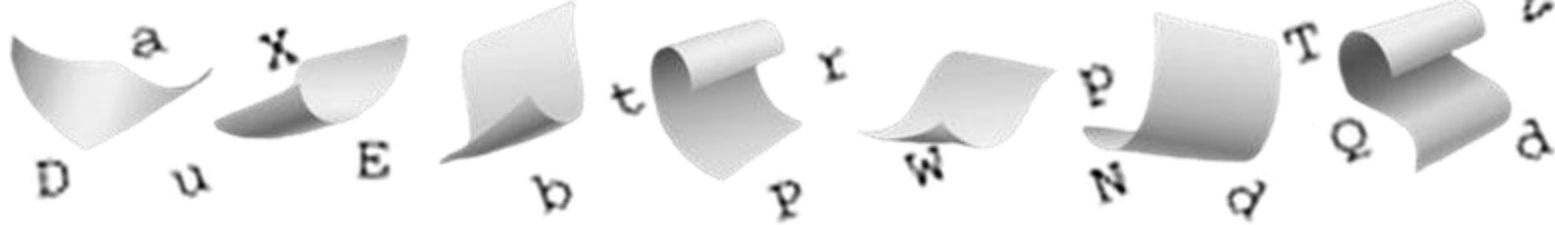
Capítulo IV

“

D

*ulce maria, a busca por
formalidade no mundo do
trabalho”*





“Eu queria trabalhar era formalmente mesmo de Carteira assinada [...] O que eu queria, era que o mercado de trabalho facilitasse a nossa entrada no emprego...”



Apresentação

Eu me chamo Dulce Maria da Silva Nascimento, tenho vinte e três anos. Eu também nasci e resido em Timon a vinte e três anos. Eu nasci e me criei no bairro Parque Piauí II e atualmente eu estou morando no bairro Júlio Almeida aqui em Timon mesmo.

Eu me defino como batalhadora e guerreira, não é? Porque para mim o dia é muito corrido devido eu cuidar de uma criancinha de três anos que é minha filha. Agora que ela tá na escola eu estou procurando serviço e venho para o IFMA à noite estudar. Estou na luta.

O trabalho

Eu trabalho atualmente realizando

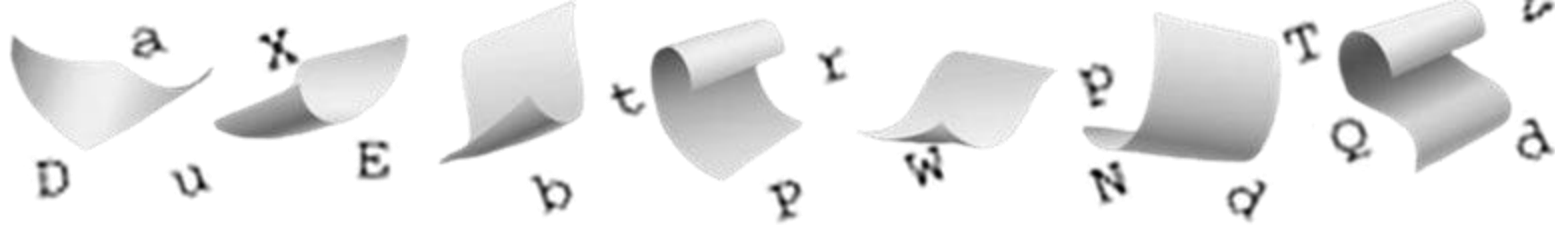
bicos em trabalhos informais como diarista. Funciona assim, de vez enquanto aparecem faxinas, quando dá para conciliar com a minha rotina de dona de casa eu vou. Eu cuido da limpeza de tudo. Mas normalmente no dia a dia eu estou à procura de um serviço formal.

Quando eu estou com uma faxina para fazer costumo chegar cedo, às sete horas geralmente, que é o horário de costume. Lá eu limpo, varro, só não faço comida. Normalmente quando termina o meu serviço eu já posso sair, dependendo da pessoa que me contratou. A pessoa que me contrata é quem determina meu horário. Quando a pessoa não diz nada eu faço meu próprio horário, termino e vou embora cedo. A pessoa me paga e eu saio cedo. Terminando o serviço está ótimo. Eu executo esse tipo de trabalho desde que eu constituí família, acho que já faz uns cinco anos. Mas eu nunca fui parada assim não, eu sempre procurei trabalhar.

Como eu ingressei nesse tipo de trabalho? Eu comecei a realizar esse tipo de trabalho por necessidade financeira mesmo. Faço quando aparece algo para trabalhar. Quando eu decidi me juntar, morar com meu marido, iniciei esse tipo de trabalho para ajudar dentro de casa. Eu aprendi a realizar esse tipo de trabalho em casa mesmo, é um aprendizado que faz parte do dia a dia, das atividades que já desenvolvia em casa.

A experiência com o trabalho doméstico de diarista veio também do meu primeiro emprego como babá quando ainda era criança, me contrataram para ser babá, parte do serviço nessa casa que trabalhei era de limpeza, tinha que limpar todo o ambiente também. Eu fui pegando o ritmo e limpando. Eu só não me garanto na parte de fazer comida mesmo, a única coisa que eu não faço. Essa experiência de trabalho aconteceu na infância. Eu adquiri essa





experiência ao longo do tempo, peguei o ritmo e comecei a trabalhar.

Lembranças de experiências de trabalho

Se tenho lembranças do meu primeiro trabalho? Sim. Como eu disse, eu comecei a trabalhar como babá, cuidando de criança mesmo, isso faz um tempo. Nessa época eu tinha nove anos. Já cuidava de menino pequenininho. Eu acho que comecei dos nove aos dez anos, ou eram doze? Foi por aí, comecei a trabalhar com essa idade. Hoje tenho vinte e três anos, mas comecei bem cedo cuidando de criança mesmo.

Na época foi meu pai que arranjou esse emprego para mim, meu pai trabalhava, não é? Ele trabalhava e a patroa dele tinha duas criancinhas dentro de casa, precisavam de alguém para tomar conta delas, passei a cuidar das crianças enquanto meu pai trabalhava, eu fazia a diária como babá para a patroa dele, olhando as crianças dela. Ali já considerava como serviço, ela me pagava. Isso quando eu era criança, comecei a trabalhar bem cedo. Essa foi minha primeira experiência de trabalho, lembro como se fosse hoje. Daí em diante, para eu não ficar parada, para pegar o ritmo, continuei nesse serviço. De lá pra cá, o que eu mais quero é trabalhar em um emprego formal.

Como me via sendo criança e tendo que executar esse tipo de trabalho? Eu Comecei a trabalhar, mas não conhecia a rotina desse tipo de trabalho. Eu fui me virando e aprendendo. Lá eu fazia o entretenimento da menina com brincadeiras, brincava com ela, realizava também outros serviços domésticos e nisso já dava para ajudar lá, a mulher, a patroa do meu pai. E no final do dia ela me pagava. Ali eu levava como um tipo de serviço, não é?

Se eu achava pesada essa rotina de trabalho na época? Eu não tinha noção. Eu não tinha noção disso não, devido ser nova. De lá para cá continuei trabalhando nessa área fazendo todo o tipo de serviço, sempre

procurando o meio de trabalhar. Não gostava de ficar parada.

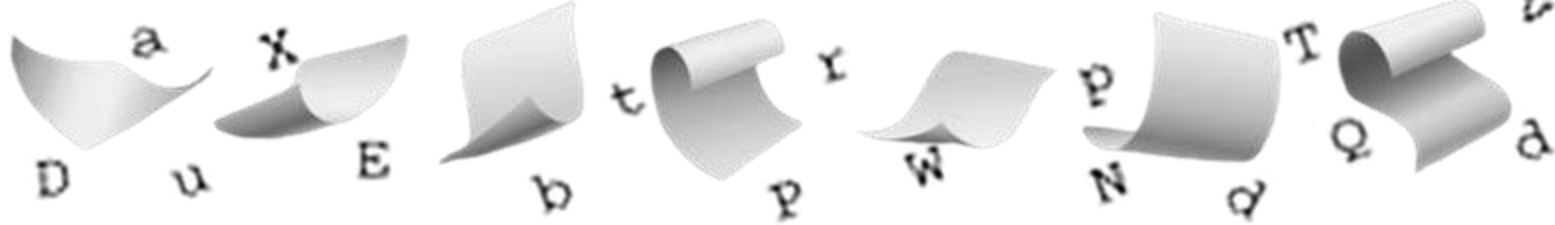
Lembro também que já trabalhei para uma senhora, eu dormia na casa dela e fazia companhia. Mas isso foi depois do trabalho como cuidadora de criança, eu já era mais grandinha. Depois do trabalho como babá eu trabalhei como cuidadora de idoso. Fazia companhia, passava a noite com essa senhora, ela tinha um problema de saúde, não podia dormir só. Ainda era menor de idade, embora esses trabalhos todos tenham sido informais e o ganho pouco, sempre fui remunerada.

Outras experiências de trabalho que eu lembro são mais recentes, de uns cinco anos atrás quando já estava casada, todas as experiências informais, nesse período trabalhei três meses como babá em uma casa de família aí parei e fui chamada para trabalhar em uma pequena padaria próximo da minha casa, trabalhei lá de três a cinco meses, a padaria fechou e fui despedida, de lá para cá fiquei fazendo pequenos serviços e faxinas por meio de diárias.

Lembranças que marcaram a vida de trabalho

Se das lembranças de trabalho que tenho, há alguma que me marcou profundamente de forma positiva ou negativa? Lembro que nesse período que venho trabalhando nesses últimos cinco anos tive um problema, isso foi antes do trabalho na padaria. Eu fui contratada para ser babá de uma criança, contrato de boca mesmo, quando eu aceitei o trabalho me disseram que era só para cuidar da criança e fazer a limpeza da casa, mas ao longo desse serviço a minha patroa começou a aumentar a minha carga de trabalho, ela passou a exigir que eu lavasse roupas pesadas do marido e dela. Eu trabalhava na casa dela e ainda tinha que levar um sacolão de roupa para minha casa e lavar. Eram roupas pesadas que não estavam no contrato que foi firmado de boca. Depois, já tinha que fazer outras coisas a mais sem receber um pagamento justo. Nesse caso foi ficando





muito pesado pra mim. Isso foi durante esses cinco anos agora, depois que casei, acho que eu tinha dezoito anos quando isso aconteceu, foi antes da padaria. Ela tinha me contratado de boca para uma coisa, mas lá na hora foi totalmente diferente, aí o trabalho ficou cansativo ao ponto de não querer mais e sair de lá. Ela ainda se irritou, me pagou só a metade do salário do mês e não quis pagar o restante que me devia. Essas coisas, esses acontecimentos é que me fazem não ver nada positivo em relação ao trabalho, ainda não vi nada de positivo, ainda estou esperando, ainda.

Movimento de emprego e desemprego

Sobre a questão de emprego e desemprego? O que eu posso falar? Ah! Sei não, não sei nem como falar, porque eu estou à procura de um emprego, não é? Eu não tenho o ensino médio completo, dificulta muito, aí eu estou aqui no PROEJA. Sempre estou procurando trabalho, mas está muito difícil, nunca encontro um trabalho com o meu perfil de experiência, algo que me encaixe. As empresas preferem quem tem o ensino médio completo ou quem tem experiência na carteira, isso é o que a gente mais vê. Devido eu não ter experiências acaba dificultando encontrar trabalho, nunca tive um emprego formal com carteira assinada, acho que isso se deve principalmente porque um dos requisitos para ter esse tipo de trabalho que eles solicitam é ter experiência profissional comprovada na carteira. Fora a experiência as empresas não querem saber de mais nada, para mim, a experiência profissional e a conclusão do ensino médio ainda continuam sendo o problema principal para conseguir emprego. Devido não ter concluído o ensino médio eu procurei me profissionalizar aqui no IFMA no curso Técnico em Administração, porque ajuda muito a conseguir o trabalho formal.

Eu também acho que quando o assunto é conseguir trabalho, para os homens fica mais fácil, eles conseguem

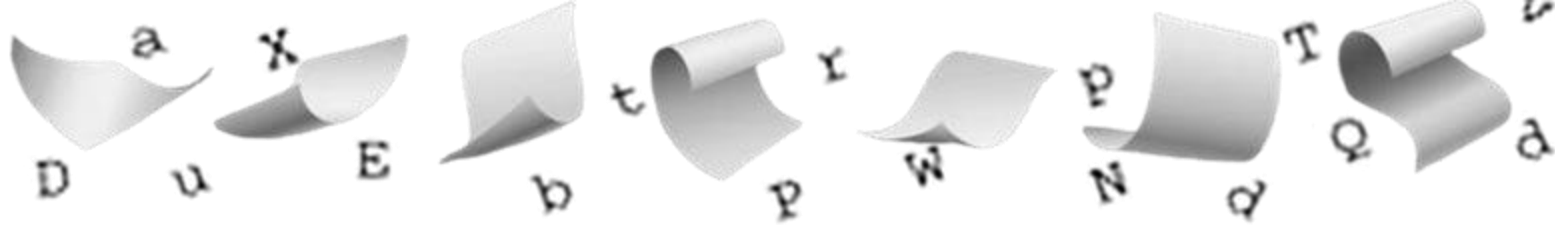
trabalhar com coisas pesadas, já para as mulheres fica mais difícil. Para mulheres só tem trabalhos como os de cuidados de casa, serviços de babá e faxinas, essas coisas. Então, fica muito difícil também para as mulheres encontrarem esses tipos de trabalho. Não é uma coisa tão fácil de encontrar esses empregos. Por isso eu procurei concluir meu ensino médio, vim estudar aqui no IFMA, para ter os requisitos que pedem e encontrar um emprego formal para conseguir trabalhar. Essa é a questão. O que me impediu de concluir o ensino médio? Foram muitos problemas que aconteceram na minha vida. Devido isso não pude continuar estudando.

Como me vejo enquanto trabalhadora a procura de emprego? Eu acho o mercado de trabalho em Timon parado, não é? Tem poucas vagas de trabalho, tem poucas empresas e lojas, eu acho parado demais para conseguir emprego. Por isso, costumo procurar emprego em Teresina, não é? Isso é uma coisa comum que acontece aqui, sempre quando procuramos emprego, procuramos lá em Teresina, ou em outro estado, não é? Sinto que as coisas estão melhorando agora, está fluindo agora. Estou sentindo. Mas a procura mesmo é em Teresina, que é em outro estado.

O ritmo de emprego em Teresina é mais fácil, eu acho que é por conta de ser capital e tem mais oportunidades. Aqui em Timon, quase não vemos vagas de emprego mesmo. Aqui temos pouca oportunidade. Em Teresina existe mais chances. Aqui a gente procura emprego e não encontra, eu acho que em Teresina temos mais oportunidade de trabalho, mais chances de conseguir uma vaga.

E enquanto trabalhadora, enquanto mulher, mãe, esposa como é para mim está desempregada? Eu me vejo em uma situação muito ruim, não é? Na situação que estou dependendo do marido, só ele trabalha dentro de casa, é horrível, e as coisas ficam pesadas para manter. A gente fica dependendo de auxílio, de ajuda de governo para viver, logo porque as coisas estão





muito caras, tem inflação e a ajuda do governo é pouca, e não dá pra nada, não é?

As condições de trabalho

Se dessas atividades de trabalho que realizei alguma me deu condições favoráveis como conforto, salubridade, segurança e um bom salário? Não. Nenhuma. Esses trabalhos foram apenas temporários para me ajudar na vida financeira em algum momento, mas nenhum me deu conforto. Nunca foi uma coisa assim, confortável, não. Trabalhava nesses empregos mais pela questão de precisão mesmo. Trabalhei porque estava precisando ajudar a família. Conforto mesmo não. Assim, era pouco o que eu ganhava, mas ajudava, não é? Mas recebia dinheiro.

As relações sociais no trabalho

Sobre a relação com os patrões, com as pessoas no trabalho? O único problema mesmo, foi o que eu citei agora pouco. Que foi o conflito que eu tive com a senhora que tinha me contratado. Ela me contratou falando uma coisa, que era pra cuidar do neném, lá na prática eu fazia coisas que não estavam no contrato como as roupas e outras coisas que ela queria que eu fizesse, no mais procuro sempre ter um bom relacionamento com os patrões e com as pessoas do trabalho sempre.

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

Quais as minhas expectativas para o futuro no mundo do trabalho? Eu queria trabalhar era formalmente mesmo de carteira assinada. Ter meu salário, não é? Porque geralmente esses trabalhos que são bicos eles não dão uma segurança. Eu penso em fazer faculdade futuramente, mas pra hoje a minha meta é conseguir um emprego em um ponto de comércio mesmo, um trabalho como vendedora, um trabalho que possa me dar conforto. Já na faculdade

penso em me formar e trabalhar na parte da necropsia, sendo perita médica, na parte da medicina legal que cuida da necropsia. Eu acho interessante.

As razões para continuar trabalhando

Os motivos pessoais que me levam a trabalhar? O que me move a trabalhar? O que me move a trabalhar é minha filha mesmo. Penso que trabalhando eu poderia dar algo melhor para ela, não é? E as dívidas também, nesse caso ajuda, porque eu não gosto de ver meu marido trabalhando só, pesa muito para ele, se eu trabalhasse poderia ajudar, em um relacionamento as duas pessoas têm que se mover, não pode ficar parado. Também tenho a minha referência de trabalho que é meu pai, que nunca ficou parado, sempre trabalhou. Eu sou filha adotiva, mas aprendi isso com ele.

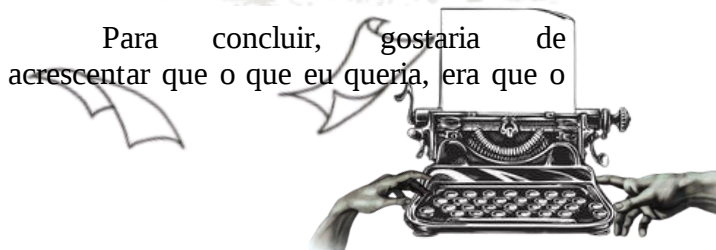
Imagens sociais construídas sobre o trabalho informal

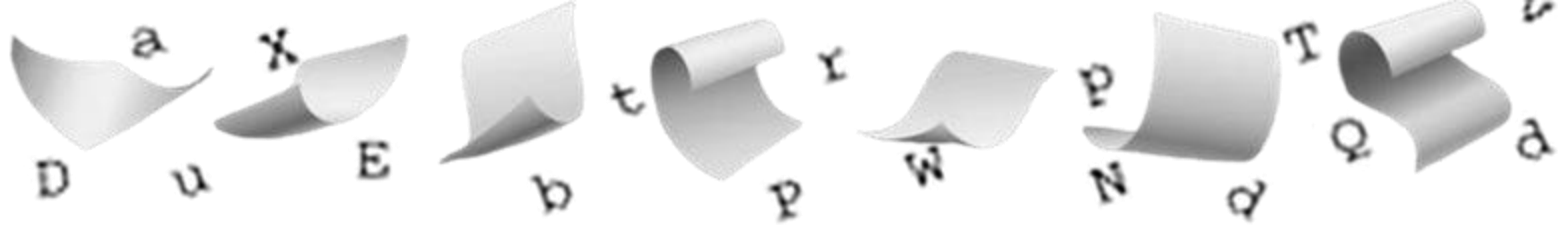
O que eu acho que as pessoas pensam do meu trabalho atual? Eu acho que as pessoas não veem com bons olhos esse tipo de trabalho, pois as pessoas valorizam mais a imagem de quem trabalha formalmente. Olha, eu com vinte e três anos, já era pra está trabalhando, comparando com outros jovens da minha idade. Eu nessa idade já era para ter terminado meu ensino médio, está na faculdade e trabalhando formalmente em alguma loja ou em outro local, tendo meu salário com todos os meus direitos de carteira assinada. Eu acho que as pessoas não valorizam meu tipo de trabalho.

Se me considero uma profissional de alguma área? Sim. Só mesmo da área de limpeza mesmo que é o que sei fazer, eu me garanto nesse serviço. Sou uma boa profissional nessa área, faço com gosto e faço o serviço correto.

Conclusões

Para concluir, gostaria de acrescentar que o que eu queria, era que o





mercado de trabalho facilitasse a nossa entrada no emprego, pois as coisas estão difíceis de mais. E é só isso mesmo. Ah! Queria acrescentar também que já morei um tempo em São Luís fazendo bicos. Eu morava na época com minha amiga dividindo as despesas, viajei para lá na esperança de arranjar trabalho. Lá eu trabalhava como faxineira. La era mais fácil encontrar as diárias de faxinas. Eu fui para lá a convite de uma amiga, a procura de emprego. Passei em São Luís um ano morando com ela e o marido dela. La o trabalho era pesado, mas minhas patroas me tratavam bem. Para terminar aqui queria dizer que a Dulce Maria é uma guerreira batalhadora, sempre à procura de emprego, está bem? Fiquei muito feliz com a oportunidade de poder ter essa conversa e poder ser ouvida sobre o assunto.

Muito obrigada!

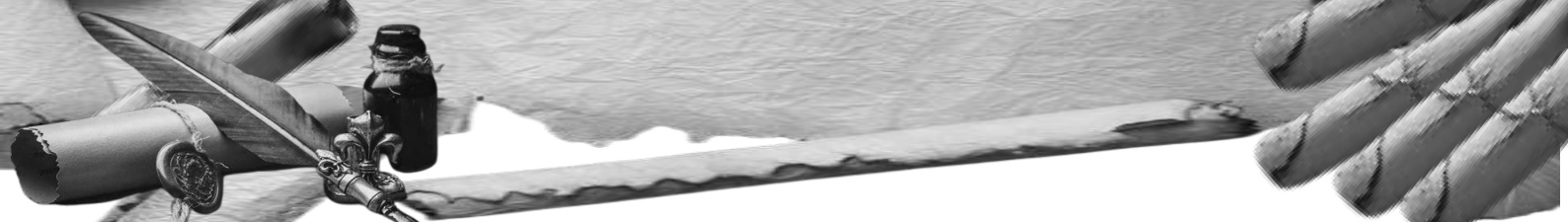




Capítulo V

“
Jorge Rodrigues, um
multiprofissional no mundo
do trabalho **”**



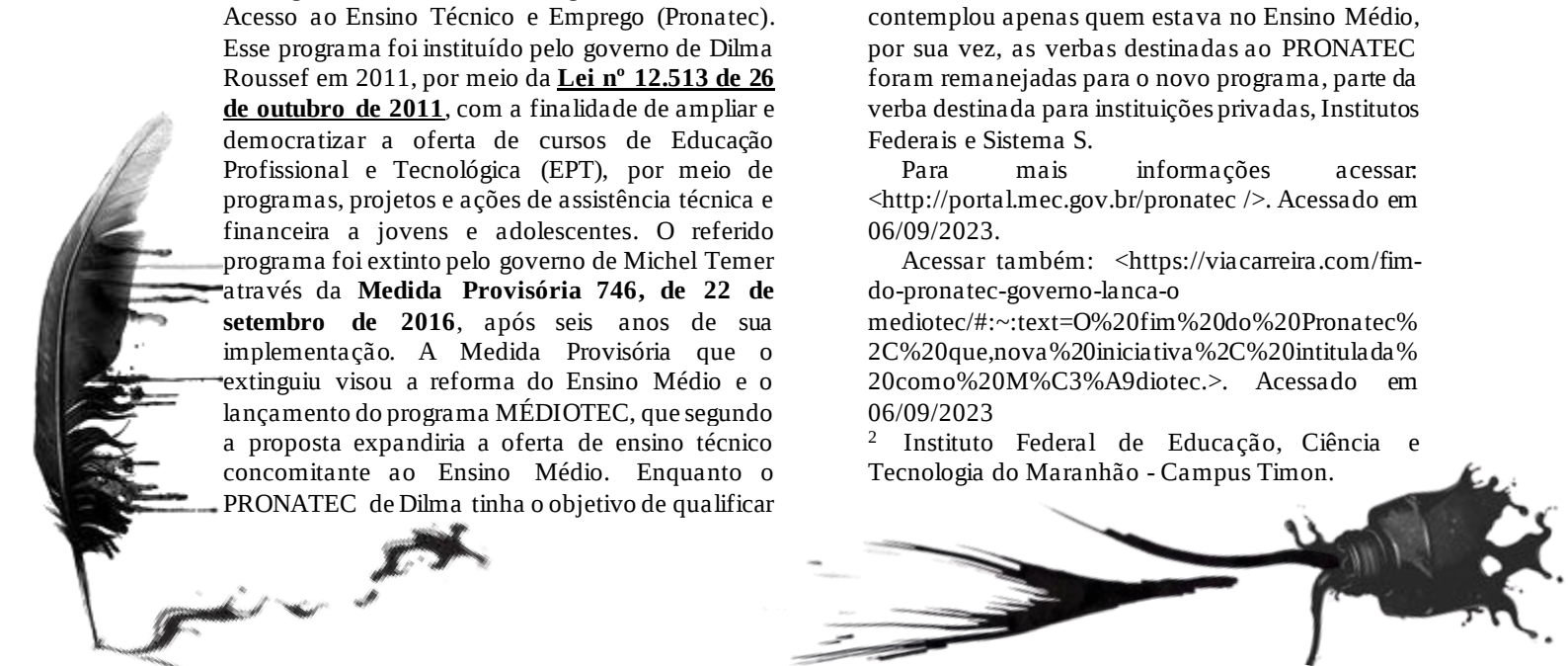


“Eu me vejo como um multiprofissional. Eu posso desenvolver qualquer função. Eu não vejo o desemprego como uma ameaça...”



Apresentação

Meu nome é Jorge Rodrigues dos Santos, tenho quarenta e três anos e resido em Timon esse mesmo tempo, eu nasci aqui e sou timonense de raiz, hoje moro no bairro Parque Piauí.



¹ A sigla faz referência ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Esse programa foi instituído pelo governo de Dilma Rousseff em 2011, por meio da **Lei nº 12.513 de 26 de outubro de 2011**, com a finalidade de ampliar e democratizar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira a jovens e adolescentes. O referido programa foi extinto pelo governo de Michel Temer através da **Medida Provisória 746, de 22 de setembro de 2016**, após seis anos de sua implementação. A Medida Provisória que o extinguiu visou a reforma do Ensino Médio e o lançamento do programa MÉDIOTEC, que segundo a proposta expandiria a oferta de ensino técnico concomitante ao Ensino Médio. Enquanto o PRONATEC de Dilma tinha o objetivo de qualificar

O trabalho

O meu trabalho atual é em um emprego informal por meio de um contrato avulso pela prefeitura de Timon, pois minha carteira não é assinada.

A atividade que desenvolvo nesse trabalho é de auxiliar administrativo, nele, eu preparo documentações como, ofícios, declarações, relatórios da área do serviço em que eu estou inserido.

Trabalho oito horas diárias, somando quarenta horas semanais, nos turnos da manhã e da tarde. Muito puxado! Eu executo esse trabalho há sete anos.

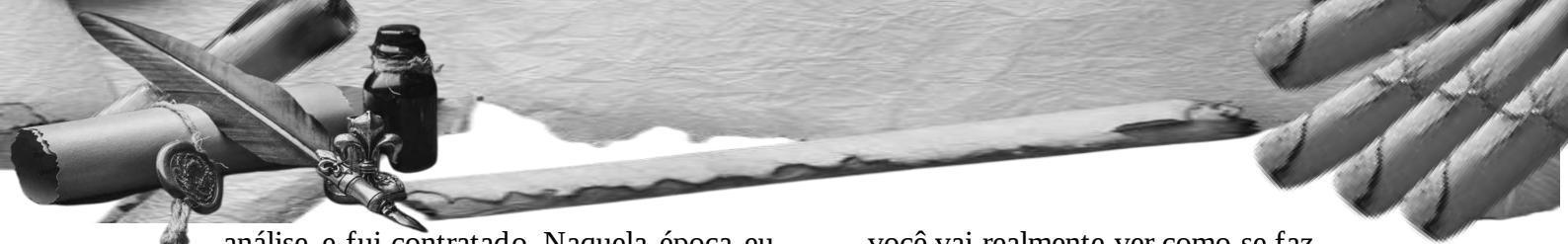
Por incrível que pareça, ingressei nesse trabalho logo após ter concluído o curso de Auxiliar Administrativo na modalidade de Formação Inicial e Continuada – FIC, pelo ¹PRONATEC, em 2013, quando haviam surgido os primeiros cursos. O campus ²IFMA – Timon, na época, era uma das instituições que ofertavam os cursos do programa PRONATEC, eu fiz a inscrição e fui selecionado para cursar. Quando terminei o curso a prefeitura da cidade havia aberto um processo seletivo para contratar pessoal para essa função, eu levei o currículo para

todos os brasileiros, a iniciativa de Temer contemplou apenas quem estava no Ensino Médio, por sua vez, as verbas destinadas ao PRONATEC foram remanejadas para o novo programa, parte da verba destinada para instituições privadas, Institutos Federais e Sistema S.

Para mais informações acessar: <<http://portal.mec.gov.br/pronatec/>>. Acessado em 06/09/2023.

Acessar também: <<https://viacarreira.com/fim-do-pronatec-governo-lanca-o-mediote/#:~:text=O%20fim%20do%20Pronatec%2C%20que,nova%20iniciativa%2C%20intitulada%20como%20M%C3%A9diotec.>>. Acessado em 06/09/2023

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Timon.



análise e fui contratado. Naquela época eu já tinha concluído o Ensino Médio a um bom tempo, mas não encontrava vagas de emprego, passei muito tempo desempregado, quando encontrava vaga era só temporária. Como essa seleção foi com base na análise de currículo, acredito que o curso me ajudou muito, também acho que passei na seleção pelo respaldo do nome da instituição IFMA, que me ajudou muito.

Como eu aprendi a desempenhar essa função? Como eu disse o trabalho lá é na parte de elaboração de documentos, envio e recebimento de documentos. Sobre a experiência nessa área, eu ainda não tinha nenhuma, o curso me deu uma base, me deu um embasamento sim, mas quando eu cheguei no ambiente de trabalho a realidade era totalmente diferente daquilo que eu havia visto no curso. Eu fui me enquadrando e me adaptando, dependeu muito da minha boa vontade de querer fazer e trabalhar. Eu fui aprendendo tudo na prática. A gente tem aquela fundamentação científica que aprende na escola, a teoria, mas quando vai lá para o trabalho aí que

você vai realmente ver como se faz.

Lembranças de experiências de trabalho

Sobre minhas experiências de trabalho anteriores a essa, lembro que já fui office boy, fazia cobranças de uma empresa, entregas de cartas de cobrança, passei três meses nesse trabalho adquirindo experiência, também já trabalhei em um emprego como Auxiliar de Médico Veterinário em uma clínica veterinária em Teresina, lá eu trabalhei por cinco anos, mais recente trabalhei também em uma loja de pet shop, trabalhei em call center, já trabalhei como garçom e animador de festas infantis em uma empresa de eventos, na infância e adolescência também trabalhava com minha mãe que era feirante, sempre trabalhei e estudei.

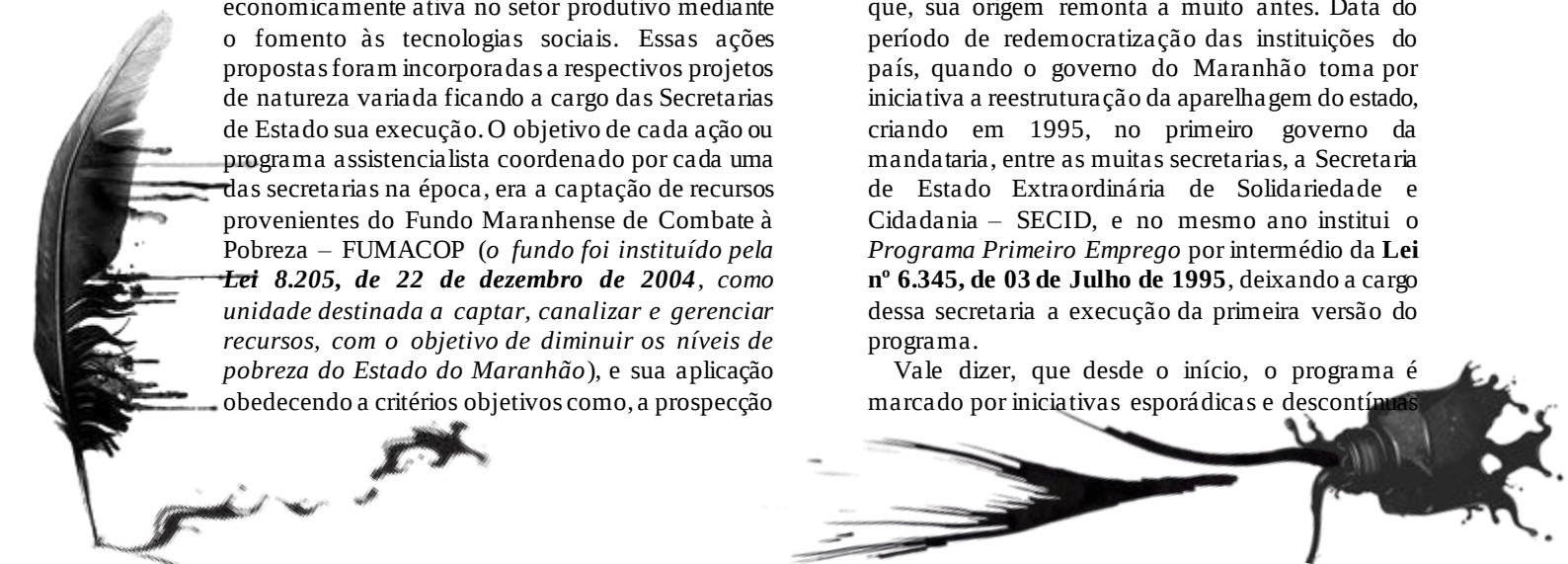
Eu lembro que o emprego como office boy fazia parte de um programa que surgiu do governo do Maranhão, do primeiro emprego em 2009 aqui em Timon, era o programa do ³*Estágio Viva Meu Primeiro Emprego*, do governo da Roseana.

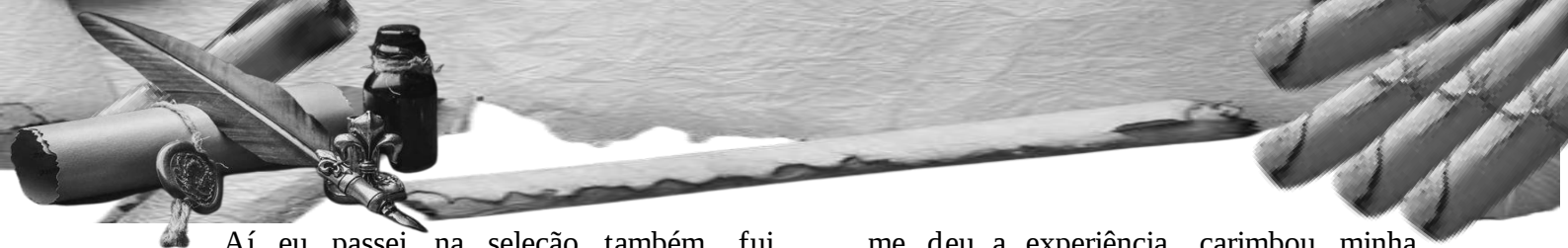
³ O programa mencionado fez parte de um conjunto de ações coordenadas pelo poder executivo do estado do Maranhão que visaram o fortalecimento de políticas públicas para a superação da pobreza e redução das desigualdades sociais mediante a prestação de serviços assistenciais de proteção básica a pessoa. Constituíram-se eixos de enfrentamento, a superação dos altos índices de mortalidade infantil; o combate à toda forma de violência; o fomento a participação das mulheres nos espaços econômicos; o combate ao racismo, sexismo e discriminação por gênero; o apoio à agricultura familiar; o fortalecimento de oportunidades econômicas e de inserção de pessoas na faixa economicamente ativa no setor produtivo mediante o fomento às tecnologias sociais. Essas ações propostas foram incorporadas a respectivos projetos de natureza variada ficando a cargo das Secretarias de Estado sua execução. O objetivo de cada ação ou programa assistencialista coordenado por cada uma das secretarias na época, era a captação de recursos provenientes do Fundo Maranhense de Combate à Pobreza – FUMACOP (o fundo foi instituído pela **Lei 8.205, de 22 de dezembro de 2004**, como unidade destinada a captar, canalizar e gerenciar recursos, com o objetivo de diminuir os níveis de pobreza do Estado do Maranhão), e sua aplicação obedecendo a critérios objetivos como, a prospecção

do público alvo em municípios de menores IDH e IDHS, com concentração de grupos populacionais específicos para em seguida implementar as medidas paliativas.

Embora o programa *Estágio Viva meu Primeiro Emprego*, apareça aqui no contexto do terceiro governo de Roseana Sarney, entre 2009 a 2010, com tal nomenclatura, como mais uma das ações ligadas a um plano amplo de combate à pobreza e desigualdade subsidiado pelo fundo estatal FUMACOP, e que posteriormente em meados do seu quarto mandato, entre 2012 a 2014, o programa tenha tido sua continuidade passando a se chamar *Estágio Viva Primeiro Emprego*, deve-se ressaltar que, sua origem remonta a muito antes. Data do período de redemocratização das instituições do país, quando o governo do Maranhão toma por iniciativa a reestruturação da aparelhagem do estado, criando em 1995, no primeiro governo da mandatária, entre as muitas secretarias, a Secretaria de Estado Extraordinária de Solidariedade e Cidadania – SECID, e no mesmo ano institui o *Programa Primeiro Emprego* por intermédio da **Lei nº 6.345, de 03 de Julho de 1995**, deixando a cargo dessa secretaria a execução da primeira versão do programa.

Vale dizer, que desde o início, o programa é marcado por iniciativas esporádicas e descontínuas





Aí eu passei na seleção também, fui chamado, foi três meses nesse programa. Assim peguei a experiência. Porque tinha um carimbo na carteira da gente para provar que passou pela experiência profissional desse programa de primeiro emprego.

Logo após, eu consegui o emprego de Auxiliar de Médico Veterinário na clínica veterinária em Teresina. Lembrando que o emprego de office boy ele foi o meu primeiro emprego, eu tinha de 28 para 30 anos e ainda não tinha conseguido nada.

O programa foi muito bom porque

entre os vários governos e que só a partir de 2009 passa a contar com fundo próprio para execução quando então a ação pôde ser retomada.

Adotando o mecanismo de *Intermediação de Mão de Obra* (IMO), e incentivo fiscal, o programa cooptava empresas que tendo o vislumbre de mão de obra gratuita e sem muitas burocracias conveniavam-se. Em geral o público visado pelo programa eram adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos incompletos e pessoas de 18 a 30 anos que não possuísem vínculo empregatício ou registro anterior na Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS. São marcas características do programa o aspecto aligeirado que previa em suas cláusulas contratuais o prazo máximo de 90 dias para preparo profissional em minicurso e realização do estágio. O programa permaneceu praticamente o mesmo em todas as suas versões alterando apenas a nomenclatura, há no entanto algumas pequenas mudanças que julgamos pouco relevantes ocorridas no transcorrer da passagem de uma versão a outra. Na primeira versão de 1995, a iniciativa intitulada *Programa Primeiro Emprego* aparece sob a responsabilidade da Secretaria de Estado Extraordinária de Solidariedade e Cidadania – SECID, devendo ser executada e gerida com recursos limitados desta secretaria o que dificultou um maior raio de alcance do programa a nível estadual. Em sua segunda versão em 2009, alterado pela **Medida Provisória nº 064, de 25 de novembro de 2009**, o programa foi intitulado *Estágio Viva meu Primeiro Emprego*, e passou a contar com fundo de manutenção próprio subsidiado pelo FUMACOP o que possibilita que as ações do programa se estendam a mais municípios, nessa fase, fica a Secretaria de Estado do Trabalho e da Economia Solidária - SETRES, a incumbência de coordenar as ações do programa nos municípios. A terceira e última versão do programa, a de 2012, chamada *Estágio Viva Primeiro Emprego*, instituída pela **Medida Provisória nº 129, de 20 de Junho de 2012**, teve a frente da ação a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SECTEC

me deu a experiência, carimbou minha carteira com experiência que passei pelo programa. Não era como uma experiência profissional que consta com leis trabalhistas, não. Esse carimbo lá na carteira era apenas para provar que trabalhei e passei por uma empresa e obtive a primeira experiência de trabalho.

Porque, sem a pessoa ter experiência eu acho que dificulta muito arranjar o primeiro emprego. Devido a experiência, se você não tiver, eles não dão a oportunidade para a gente ter experiência. Ter o curso é

em parceria com a Universidade Virtual do Maranhão – UNIVIMA, que ofertou minicursos profissionalizantes de extensão na modalidade semipresencial, nessa etapa o programa pretendeu contemplar 12 mil jovens em todo o estado, o público de oferta foi limitado a faixa etária entre 18 a 30 anos. As despesas decorrentes da execução da Medida Provisória foram subsidiadas por créditos orçamentários próprios do estado, repassados à Universidade Virtual do Maranhão – UNIVIMA, instituição responsável por executar e coordenar o programa.

Para mais informações tomar notas em: MARANHÃO. **Lei nº 6.345, de 03 de julho de 1995**. Diário Oficial do Estado. Poder Executivo, São Luís, ano. 1995, nº 130, de 07/07/1995, página 11.

MARANHÃO. **Medida Provisória nº 064, de 25 de novembro de 2009**. Diário Oficial do Estado. Poder Executivo, São Luís, ano. CIII, nº 226, de 25/11/2009, página 5-6.

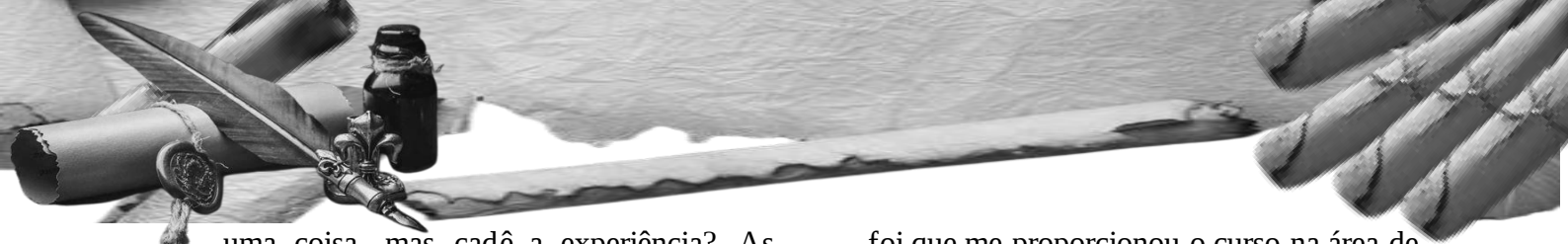
MARANHÃO. **Lei nº 9.086 de 16 de dezembro de 2009**. Diário Oficial do Estado. Poder Executivo, São Luís, ano. CIII, nº 245, de 22/12/2009, página 32-33.

MARANHÃO. **Medida Provisória nº 129, de 20 de junho de 2012**. Diário Oficial do Estado. Poder Executivo, São Luís, ano. CVI, nº 119, de 20/06/2012, página 1-2.

Maranhão. **Perfil da Administração Pública**: Administração Direta: elementos históricos, competências, legislação. Secretaria de Estado da Administração, Recursos Humanos e Previdência / Superintendência de Modernização Administrativa. 2ª. Ed. São Luís, SONPAD, 2015. v.1, n.1. 188 p. Disponível em <https://www.segep.ma.gov.br/fckeditor/userfiles/perfil_administracao_volume_I.pdf>. Acessado em: 06/09/2023.

<<https://www.fapema.br/governo-lanca-programa-estagio-viva-primeiro-emprego/>>. Acessado em 06/09/2023.





uma coisa, mas cadê a experiência? As empresas não dão a oportunidade pra gente ter experiência. E o pior é que as empresas exigem isso, a experiência.

O programa para mim serviu muito, foi muito bom. Houve um treinamento antes, de quinze dias, com minicursos, orientações trabalhistas, para que a gente conhecesse como se comportar, lidar de acordo com a função que você se inscreveu. Meu treinamento foi baseado naquilo que eu tinha optado. Tinha várias opções de trabalho, você colocava dois tipos de opção na profissão que você pudesse desenvolver na atividade trabalhista. Quem foi selecionado teve o treinamento baseado naquela linha de trabalho. Foi Quinze dias de treinamento e mais três meses na prática, no serviço mesmo.

Se eu fui contratado pela empresa em que treinei? Não. Em três meses terminou. A empresa não tinha mais necessidade de contratar, porque existem aquelas empresas que realmente tinham necessidade de funcionário e contratavam, tinha também empresas que recebiam os estagiários, mas não contratavam. Tipo, recebiam o aluno do programa do primeiro emprego só para fomentar o projeto do estado, mas para a empresa poder ter a isenção de alguma coisa, tipo o imposto, mas exatamente essas empresas não tinham necessidade de ter um funcionário, como no meu caso, a empresa não quis contratar. Como não contratou a pessoa a pessoa é desligada do programa.

Mas não passei muito tempo desempregado não, fiquei pouco tempo, eu saí e arrumei logo um emprego em Teresina como Auxiliar de Médico Veterinário.

No emprego de Auxiliar de Médico Veterinário que consegui, eu ficava na atividade de recepção da clínica veterinária, também auxiliava em cirurgias, acompanhava durante a consulta com o veterinário, eu era o auxiliar dele, do médico. La era tudo direitinho na carteira de trabalho, tinha também vale-transporte, vale alimentação e ainda ganhei um curso profissionalizante pela empresa. A empresa

foi que me proporcionou o curso na área de Auxiliar Veterinário, passei 5 anos lá, só sai porque a empresa teve que cortar gastos aí fui demitido.

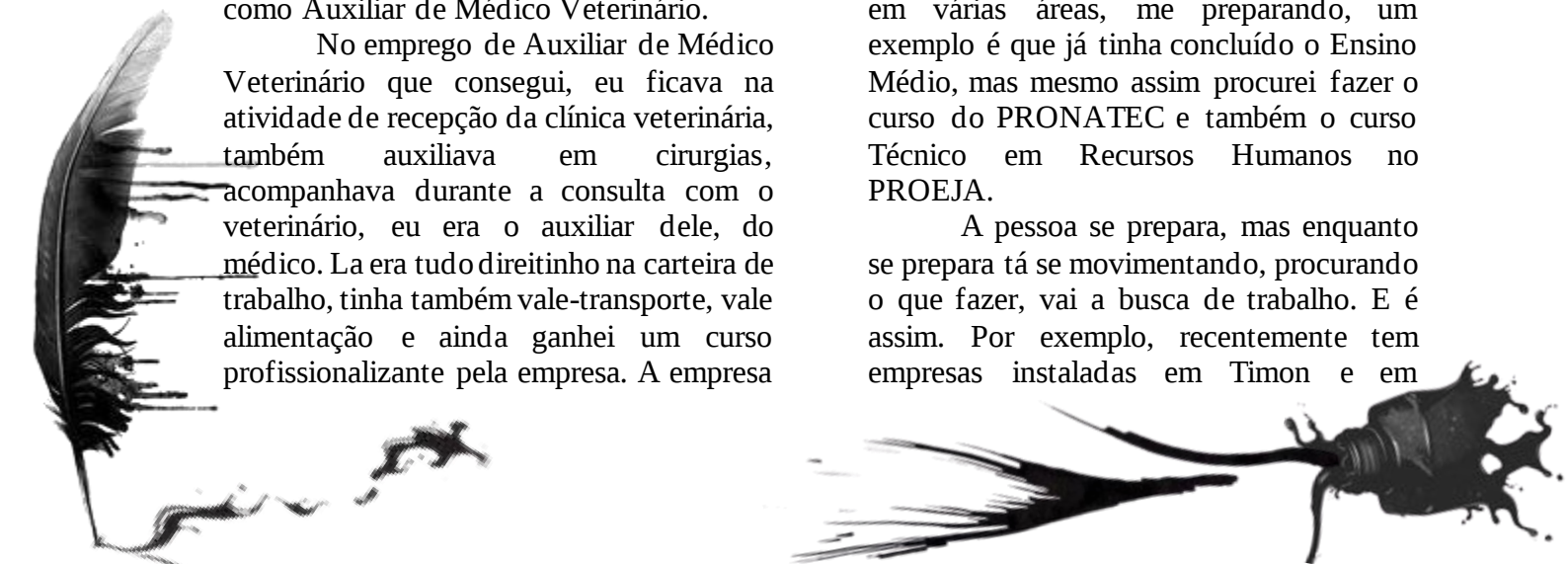
Se isso foi bom para mim? Lá eu entrei sem nenhuma experiência, foi lá que eu adquiri a minha experiência nessa área. Fui aprendendo na prática com o pessoal lá.

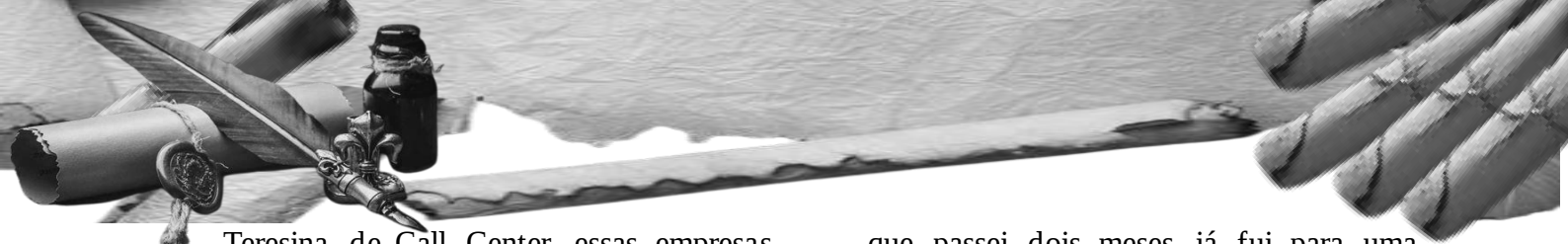
A experiência vai muito da astúcia da pessoa, não é só querer aprender, tem coisas que dá para desenvolver, mas tem coisas que não dá mesmo, você querendo não dá, tem profissão que não dá para a gente desenvolver. Eu sou desenrolado, acho que faço de tudo.

Os movimentos de emprego e desemprego

Como eu vejo a questão do emprego e desemprego atualmente? Eu acho que os jovens procuram emprego, mas não são todos, apenas uma minoria. Tem os que não querem realmente trabalhar, se qualificar, pensam que é só ter um pequeno Ensino Médio, e acham que já está tudo bem. Não é isso. Eles têm que descobrir primeiramente o que realmente eles querem executar na vida, como, o que funciona, o que quer seguir, que caminho ele quer para trabalhar, seja na área pública, na área privada, atendimento ao público, tem tudo isso. Porque eu por exemplo, eu faço qualquer serviço. Eu tenho cursos básicos de várias áreas, eu tenho experiência em várias áreas, tanto formal, como informal. Então foi assim que eu procurei desdobrar o desemprego desde cedo. Fui me qualificando ou desenvolvendo atividades em várias áreas, me preparando, um exemplo é que já tinha concluído o Ensino Médio, mas mesmo assim procurei fazer o curso do PRONATEC e também o curso Técnico em Recursos Humanos no PROEJA.

A pessoa se prepara, mas enquanto se prepara tá se movimentando, procurando o que fazer, vai a busca de trabalho. E é assim. Por exemplo, recentemente tem empresas instaladas em Timon e em





Teresina de Call Center, essas empresas estouraram no Brasil, disponibilizam várias vagas de emprego. Eu até passei por elas também para ter experiência de como é lá dentro.

A maioria das pessoas falam de forma negativa desse tipo de serviço. Ave maria! São muitas! E eu não encontrei nenhuma pessoa que falou bem dessas empresas de Call Center. Quando apareceu a oportunidade de um emprego temporário no Call Center eu disse: *vou lá tentar ter a experiência pra eu ter a certeza*. Eu gosto de desafio. Sou curioso. E eu passei seis meses, mas não sei por que isso das pessoas.

Lá no Call Center tive que pedir demissão, porque assumi um outro emprego bem melhor, quando eu assumi esse, sai de lá do Call Center. Eu passei para outra empresa com uma vaga melhor, lá tinha um salário melhor, mais vantagens trabalhistas. Temos que procurar o melhor para a gente, não é?

Mas eu acho assim, que essa juventude que está aí hoje, eles não olham o que tem de qualidade dentro das empresas, as vantagens que você tem. Porque elas pagam tudo. Tem carteira assinada, vale alimentação, promovem cursos de qualificação lá dentro para capacitar, para aprender e há também promoção de funcionários, pode acontecer também seleção interna para subir de cargo e você conseguir.

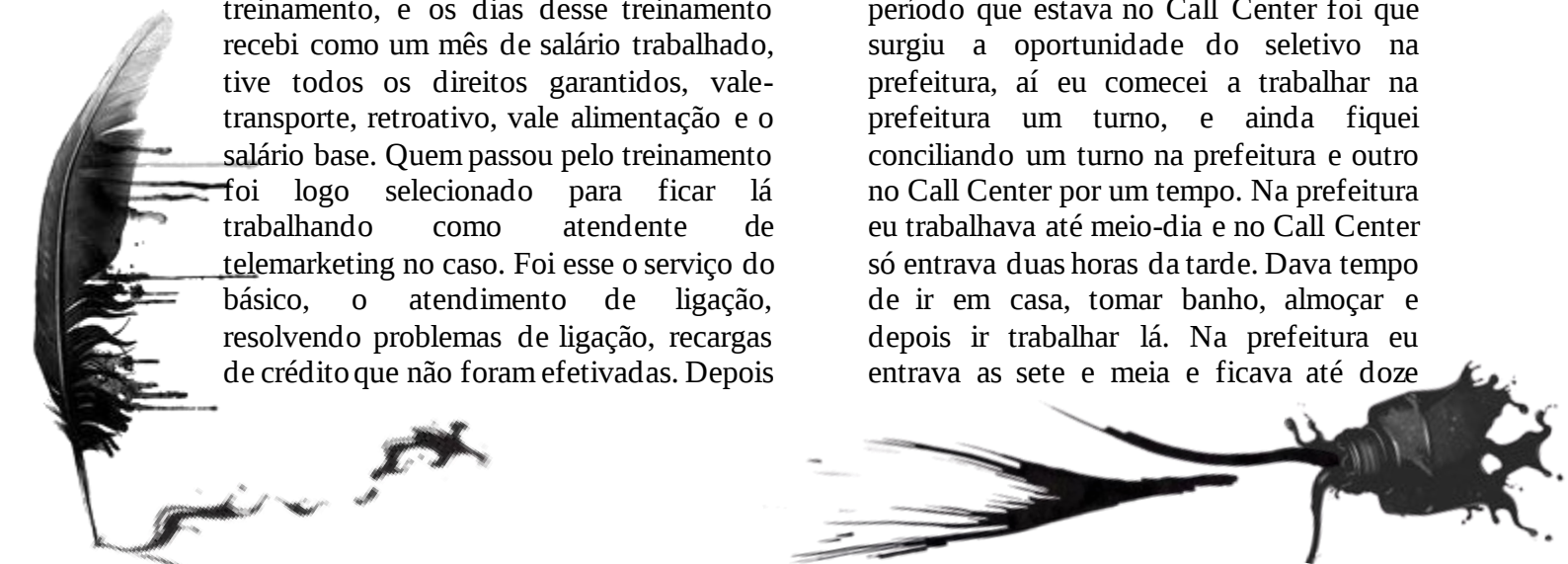
Lá trabalhávamos prestando serviço para operadoras de telefonia brasileiras, eu comecei no básico. Só com atendimento de ligações. Todo mundo entra primeiro no básico. Eu passei por um mês de treinamento, e os dias desse treinamento recebi como um mês de salário trabalhado, tive todos os direitos garantidos, vale-transporte, retroativo, vale alimentação e o salário base. Quem passou pelo treinamento foi logo selecionado para ficar lá trabalhando como atendente de telemarketing no caso. Foi esse o serviço do básico, o atendimento de ligação, resolvendo problemas de ligação, recargas de crédito que não foram efetivadas. Depois

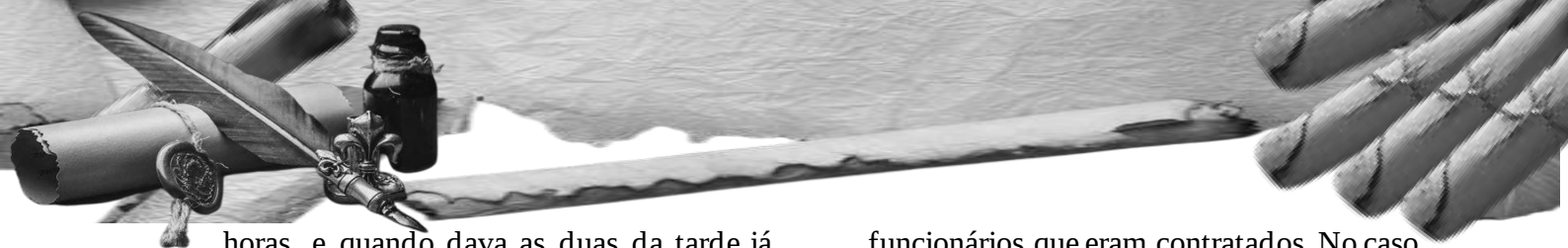
que passei dois meses já fui para uma segunda função mais burocrática. Trabalhei com casos de corte de internet, resolvendo problemas de conexão, problemas de faturas, cobranças indevidas. Lá quem ficava no básico era chamado pelo nome de massivo.

Lá funcionava assim, você recebia e atendia ligações do pessoal pré-pago, quem faz recargas de crédito. Era o básico. Depois já passei para a linha de atendimento de faturas, as pessoas que tinham conta de planos mensais, eram o público mais exigente, que tem o financeiro maior, mais significativo, mais conscientes dos seus direitos.

E sempre que você muda de nível sempre tinha um treinamento para exercer essa nova função, para poder se adaptar na nova atividade de trabalho. E sendo que esse treinamento sempre contava como hora de trabalho remunerada. Ainda encontrava colegas de trabalho reclamando que não gostavam do serviço, eu respondia: *“não sei porque você não gosta desse serviço!”* Porque lá as vantagens trabalhistas eram boas, nem eram seis horas de trabalho, eram apenas cinco horas e quarenta minutos, com vinte minutos de intervalo para descanso que tem lá. Eu consegui me adaptar, foi de boa, só saí porque eu pedi demissão devido eu ter que assumir outra atividade de trabalho que tinha mais vantagens.

Lembro que esse trabalho no Call Center foi depois do meu emprego de Auxiliar de Médico Veterinário. Foi quando eu sai de lá da clínica veterinária por conta do corte de gastos, a empresa estava passando por um momento ruim. Nesse período que estava no Call Center foi que surgiu a oportunidade do seletivo na prefeitura, aí eu comecei a trabalhar na prefeitura um turno, e ainda fiquei conciliando um turno na prefeitura e outro no Call Center por um tempo. Na prefeitura eu trabalhava até meio-dia e no Call Center só entrava duas horas da tarde. Dava tempo de ir em casa, tomar banho, almoçar e depois ir trabalhar lá. Na prefeitura eu entrava as sete e meia e ficava até doze





horas, e quando dava as duas da tarde já estava no outro serviço, que era o de Call Center no caso. Eu entrava as duas e saía as sete e quarenta da noite.

O que me fez ter um serviço e entrar no outro? Não foi a questão do salário. Foi mais a questão de desenvolver duas experiências diferentes ao mesmo tempo. Isso conta muito no currículo, como eu falei, que eu sou muito curioso, então achei interessante estar desenvolvendo duas atividades diferentes em um dia de trabalho. Duas funções! Eu era atendente de Call Center pela tarde, pela manhã era Auxiliar Administrativo. Isso melhorou também o meu ganho, mas depois pedi demissão do Call Center.

Mas sobre a questão do emprego e desemprego, o que eu vejo é jovem procurando emprego, mas não vai no ⁴SINE se cadastrar, não vai procurar um curso de educação profissional gratuito, até tem pelo ⁵SENAC, esses cursos gratuitos.

Se desses empregos temporários houve algum que me exigiu muito esforço? Sim. Foi um emprego que tive como balconista de pet shop durante a pandemia.

Eu já trabalhava na prefeitura antes da pandemia do COVID-19. Como lá era setor da educação ligado as escolas e não estava havendo aula durante a pandemia, ocorreu o desligamento de alguns

funcionários que eram contratados. No caso os alunos foram mandados para casa e só ficaram os professores que tinham que fazer aula online. A parte administrativa não tinha necessidade de trabalho durante a pandemia.

Como eu vivenciei esse momento de desemprego? Foi assim. Quando eu saí da prefeitura consegui esse emprego lá na loja de pet shop, então na pandemia ela funcionava em forma de delivery, e precisava de alguém para receber os pedidos via delivery e eu fiquei na empresa como atendente dos pedidos de delivery, ela também já tinha o entregador. Lá as pessoas entravam em contato através do WhatsApp no período do lockdown.

Essa função lá me exigia muito trabalho, mas eu ganhava bem. Porque lá a gente trabalhava online e tinha horário de abrir o atendimento e fechar a loja online. Trabalhava das sete as doze da manhã, das doze a quatorze horas a loja era fechada, voltava as quatorze horas e ia até as dezoito, funcionava no horário comercial.

Sobre o meu salário lá? Era bom, era só o salário, mas o salário tem suas vantagens trabalhistas da ⁶CLT, mas era muito puxado. Logo após a pandemia a carga horária foi mudada, isso tornou puxado porque era muito cliente, muito. E aí abriu novamente, voltou tudo ao normal.

⁴ O Sistema Nacional de Emprego (SINE) funciona como um banco de dados que capta oferta de empregos junto as empresas e intermedia contratações. Foi criado em 1975 no Brasil sob a égide da Convenção nº. 88 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que orientou cada país-membro a manter um serviço público e gratuito de cadastro e reserva de empregos para ajudar a democratizar a oferta de vagas trabalhistas e melhorar a organização interna do mercado de trabalho.

Para mais informações acessar: <<https://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/sistema-nacional-de-emprego-sine/>>. Acessado em 06/09/2023.

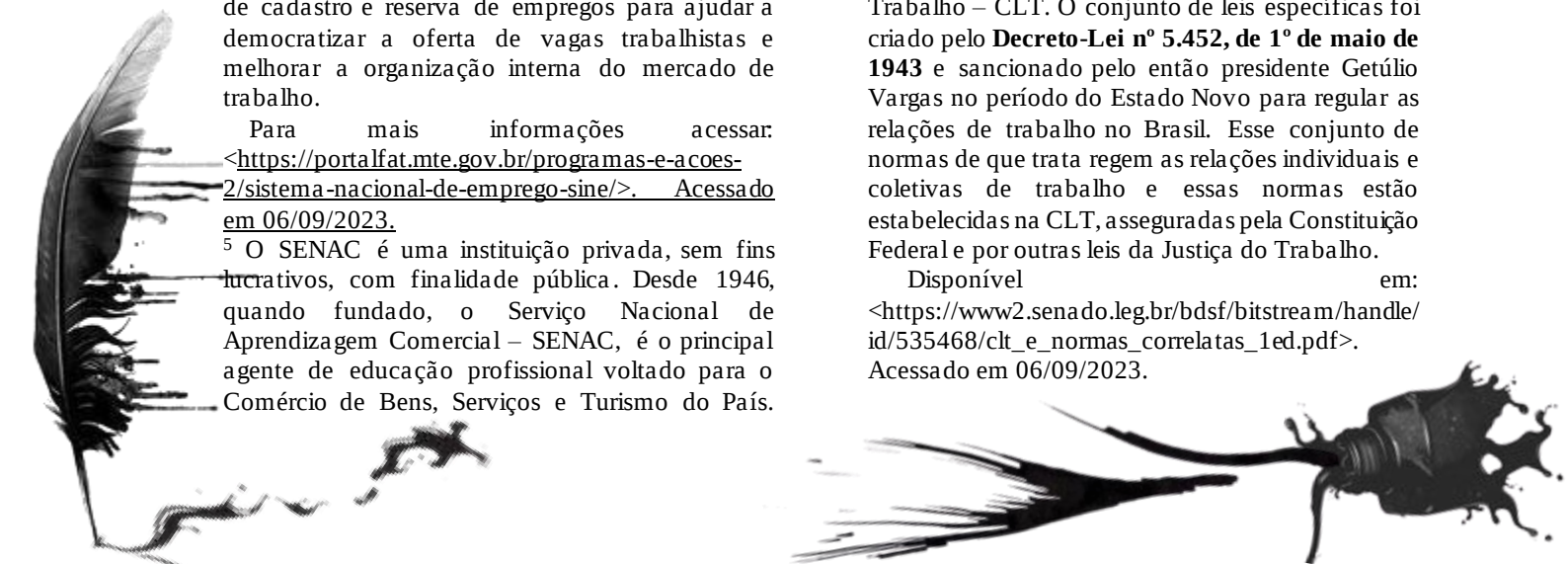
⁵ O SENAC é uma instituição privada, sem fins lucrativos, com finalidade pública. Desde 1946, quando fundado, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC, é o principal agente de educação profissional voltado para o Comércio de Bens, Serviços e Turismo do País.

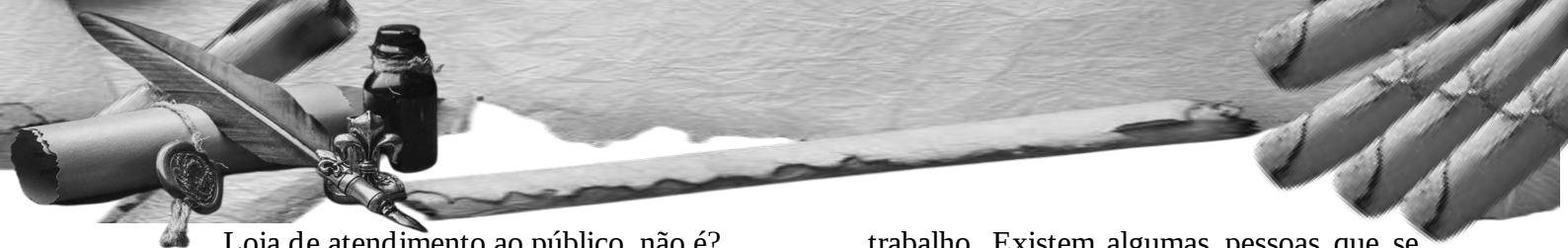
Hoje, está presente em mais de 1.800 municípios, de Norte a Sul do Brasil, onde mantém infraestrutura de ponta composta por mais de 600 unidades escolares, empresas pedagógicas e unidades móveis.

Para mais informações acessar: <<https://www.senac.br/>>. Acessado em 06/09/2023.

⁶ A sigla faz menção a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. O conjunto de leis específicas foi criado pelo **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943** e sancionado pelo então presidente Getúlio Vargas no período do Estado Novo para regular as relações de trabalho no Brasil. Esse conjunto de normas de que trata regem as relações individuais e coletivas de trabalho e essas normas estão estabelecidas na CLT, asseguradas pela Constituição Federal e por outras leis da Justiça do Trabalho.

Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_1ed.pdf>. Acessado em 06/09/2023.





Loja de atendimento ao público, não é?

O ganho era bom, mas eu pensava: *“não estou usufruindo do meu trabalho. Não está compensando, porque está tomando meu tempo de vida.”* Mas mesmo cansado para atender o povo você tem que ter uma mente tranquila, pra dar um bom atendimento, e lá o público era muito intenso, o fluxo de gente era muito grande. Eu fiquei lá durante toda a pandemia, depois pedi demissão. Quando acabou a pandemia fui chamado novamente pela prefeitura. Isso já está com mais de um ano que voltei para a prefeitura.

Se continuei no mesmo cargo quando voltei para a prefeitura? Não. Antes desempenhava a função de Auxiliar Administrativo, agora com a volta fui remanejado e estou como coordenador do programa de assistência à criança e ao adolescente.

Nessa nova função eu voltei a fazer o que eu já fazia, as atividades são quase as mesmas, no entanto estou trabalhando mais próximo de uma função de coordenação. Eu já tinha uma experiência de coordenação. Também tenho cursos de coordenação da igreja. Eu coordenava a juventude, coordenava grupo de jovens, passava formação, eu já tinha uma experiência de me comunicar, coordenar pessoas e grupos.

Eu gostei de ter voltado, no emprego de balconista de pet shop eu não tinha qualidade de vida no trabalho, não tinha tempo, e nesse agora está mais tranquilo. Eu consigo trabalhar e usufruir mais do meu trabalho, a desvantagem é que não é tão bom devido a informalidade, porque ainda é aquele regime contratual sem nenhum direito trabalhista. Mas estou bem!

As relações sociais no trabalho

Nas minhas relações sociais de trabalho tive vários atritos. Eles existem! Lógico! não é? Para quem tem uma convivência em grupos com pessoas os atritos existem. Mas no meu caso nada muito grave, só mesmo discussão por função, por querer desenvolver um bom

trabalho. Existem algumas pessoas que se incomodam quando você faz um bom trabalho, não é? Em relação aos patrões, eu sempre tive um bom relacionamento sempre. Nunca tive nenhum problema de demissão por conta de mau comportamento ou execução mal feita de trabalho. Mas assim, com o patrão mesmo sempre foi de boa, tudo legal. Já com os colegas, algumas vezes sim, sempre existem os atritos. Mas gosto de trabalhar.

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

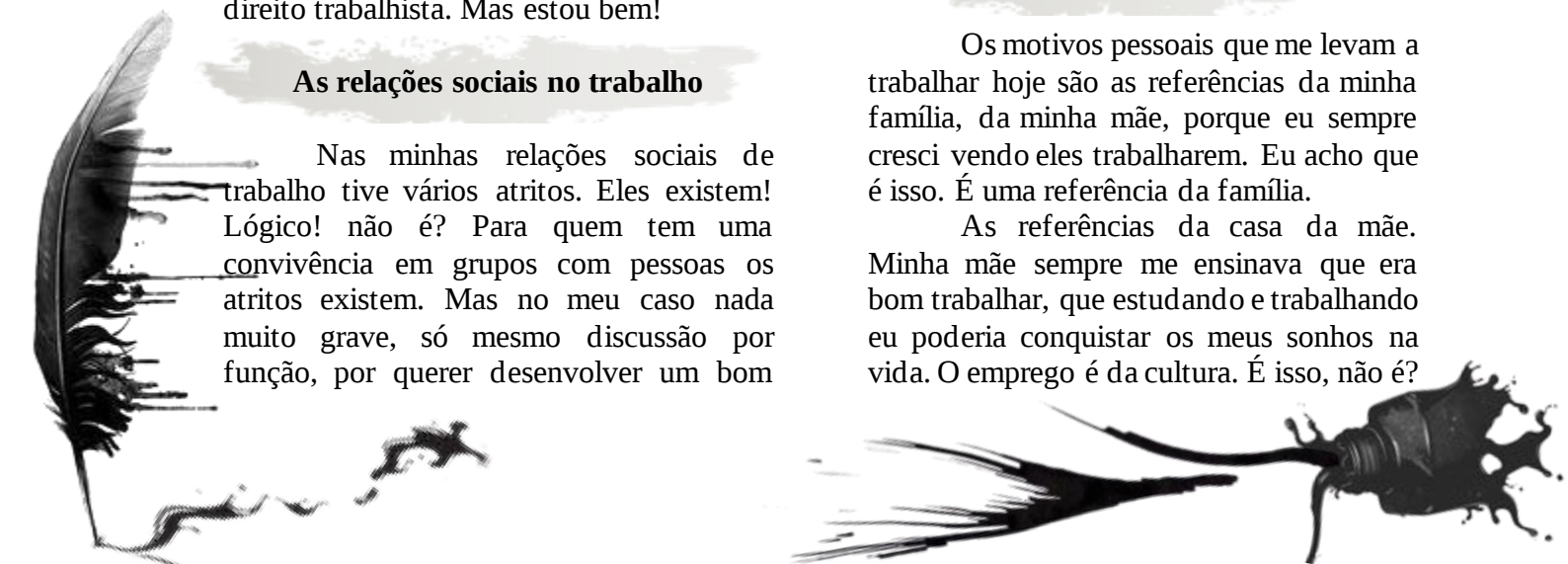
Minhas perspectivas e sonhos que projeto para o futuro é ser Assistente Social. Ainda vou realizar esse sonho! O trabalho em que estou hoje é na parte de coordenação de um programa de Assistência social. É um sonho me formar em uma área em que já tenho experiência. Gosto de desenvolver essa função.

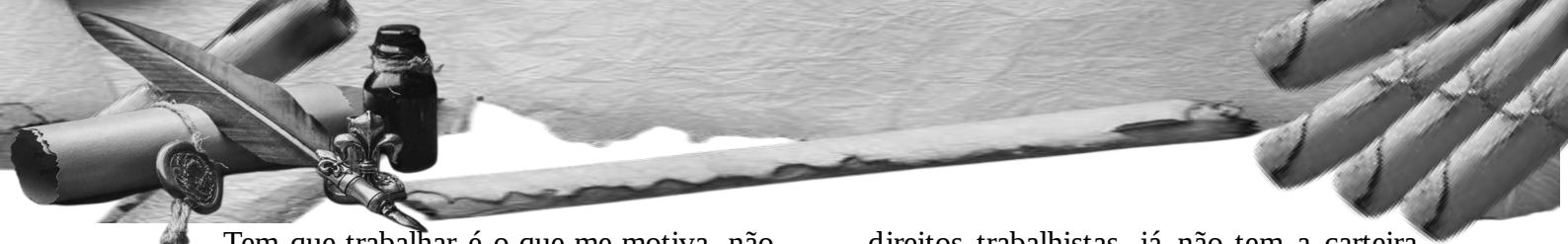
O que me faz gostar dessa função é que eu sempre gostei de atendimento ao público na verdade, e lá tem muito isso, o atendimento, a conversa com o público, também de resolver alguns problemas, não deixa de também ter as dificuldades, mas isso é bom, esses desafios que a gente é capaz de resolver. Eu consigo resolver, mandar algo resolvido. Quando você vê a pessoa que precisa daquele serviço e você resolve aquela situação para melhorar a vida da pessoa é muito gratificante para a gente, dá satisfação. Eu estou satisfeito nesse trabalho.

As razões para continuar trabalhando

Os motivos pessoais que me levam a trabalhar hoje são as referências da minha família, da minha mãe, porque eu sempre cresci vendo eles trabalharem. Eu acho que é isso. É uma referência da família.

As referências da casa da mãe. Minha mãe sempre me ensinava que era bom trabalhar, que estudando e trabalhando eu poderia conquistar os meus sonhos na vida. O emprego é da cultura. É isso, não é?





Tem que trabalhar é o que me motiva, não é? No caso, trabalhar para mim já é uma satisfação trabalhista. Eu tenho o prazer de estar executando uma certa função, estar desenvolvendo um certo trabalho, estar ali atuando naquela função, estar servindo para algo. Você não está trabalhando por obrigação e pelo salário, e sim, você está fazendo algo prazeroso, o que você gosta de fazer.

Imagens sociais construídas sobre o trabalho

O que as pessoas acham do meu trabalho e de mim como trabalhador nas funções que já exerci? As pessoas que já me conheciam em outras funções, por exemplo, na prefeitura. Éh... As pessoas que me viam trabalhar antes, que me veem trabalhar hoje reconhecem o meu trabalho e gostam do modo como eu presto serviço. Elas falam: *“Não! O Jorge faz um bom trabalho e vai dar certa nessa nova função. Pode botar ele”*. Então as pessoas me veem com bons olhos e falam: *“O Jorge enquanto trabalhador é desenrolado, ele sabe desenvolver e providenciar”*. Sempre ouvi isso. Quando não ouço, outras pessoas vão lá e me contam. Isso é bom. Ter o feedback de nosso trabalho, o que a gente ouve de outras pessoas. Se me considero um bom profissional? Sim! Me considero um bom profissional em tudo o que eu faço. Logo o meu plano de carreira profissional é o da Assistência Social. É o ideal que persigo no momento, e também sair da questão da informalidade.

Mesmo tendo contrato porque me considero na informalidade? Posso explicar. Isso é porque considero meu contrato de trabalho praticamente informal, devido ele não dá décimo, nem garantir leis trabalhistas. É assim dentro das prefeituras, existe o funcionário contratado, o comissionado, o celetista e o efetivo que passou através de concurso e tem todos direitos trabalhistas. Os comissionados são pessoas que tem cargos de confiança dentro de uma prefeitura e esses também têm os

direitos trabalhistas, já não tem a carteira assinada, mas tem os direitos trabalhista garantidos, tem décimo, recebe PIS/PASEP, entendeu? Tem tudo isso, tem férias, décimo terceiro. Esse meu contratado não tem nenhum direito trabalhista. Só o salário mesmo. Só contrato trabalhista mesmo. Eu aceitei essa função esperando uma possível mudança de função para o cargo de comissionado. E é para acontecer agora até o final do próximo mês de maio.

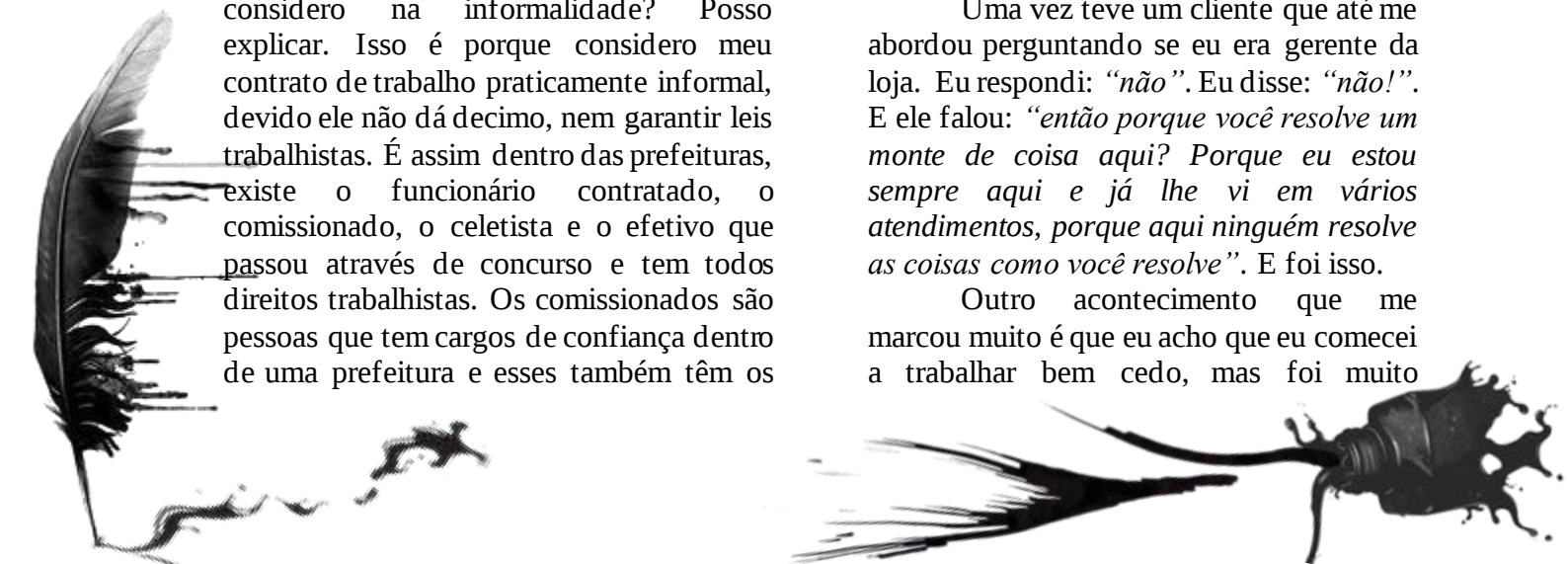
Lembranças que marcaram a vida de trabalho

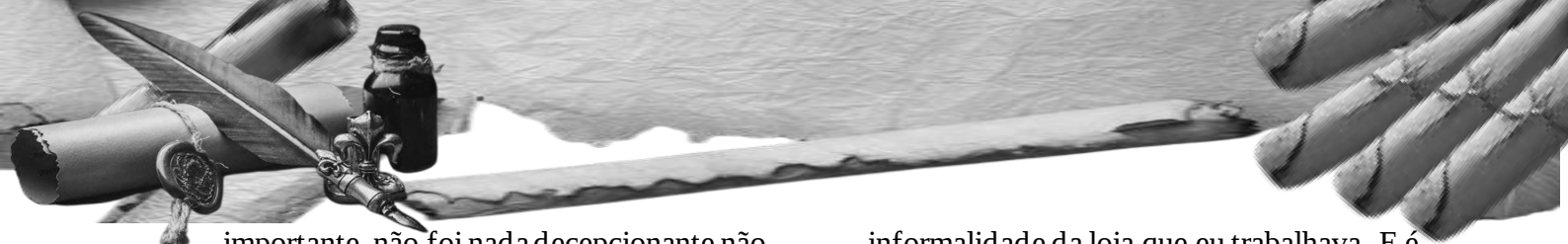
Se há algum acontecimento que marcou profundamente minha vida de trabalho? Como eu disse, essas experiências foram muito boas, me marcaram de forma positiva. Uma das coisas que me marcaram de forma positiva foram os elogios dos clientes onde já trabalhei que já tinham passado por outras pessoas, mas quando conheceram meu trabalho gostaram do meu atendimento e me elogiavam. Iam até meu patrão e me davam elogios também. Muitas vezes acontecia isso.

Para mim isso era um reconhecimento pelo meu trabalho, do meu atendimento prestado. Isso é muito importante pra gente, nos gratifica cada vez mais. Faz com que a gente queira melhorar cada vez mais nosso trabalho. O elogio é bom, e as críticas não importam. O elogio é bom, porque até anima mais, bastante. Porque para a pessoa está todo dia naquele serviço tem que gostar ou receber elogios. Éh... Tem que pelo menos suportar, não é?

Uma vez teve um cliente que até me abordou perguntando se eu era gerente da loja. Eu respondi: *“não”*. Eu disse: *“não!”*. E ele falou: *“então porque você resolve um monte de coisa aqui? Porque eu estou sempre aqui e já lhe vi em vários atendimentos, porque aqui ninguém resolve as coisas como você resolve”*. E foi isso.

Outro acontecimento que me marcou muito é que eu acho que eu comecei a trabalhar bem cedo, mas foi muito





importante, não foi nada decepcionante não. Eu gosto de trabalhar, por isso comecei mais cedo. Mesmo sendo criança ou adolescente, na época já ajudava minha mãe, já trabalhava. Ela era feirante. Na época eu ajudava em tudo. E isso me ajudou muito até hoje. Eu queria trabalhar. Eu acho que esse espírito de trabalho a gente já traz dessa época. Minha referência de trabalho é minha mãe. Eu nunca deixei de trabalhar desde lá até aqui, sempre estudei, sempre trabalhei, foi assim. Para mim a informalidade sempre foi um caminho para a formalidade, devido gerar experiência de trabalho. Essas experiências mesmo que informais ajudam a construir um perfil de trabalhador, ajudam para futuramente desempenhar outras funções. A aquisição de experiência está aí.

Porque as empresas cobram experiências, mas aquelas experiências comprovadas na carteira. Muitas pessoas tem experiências da informalidade, mas as empresas não querem experiências da informalidade. As empresas não aceitam nem fazer um teste, não falam nem assim: *“vamos ver se você consegue desenvolver a função para você ficar no cargo.”* Nem para isso elas chamam com experiência informal. Elas erram muito aí, por isso cresce o desemprego, por falta de oportunidade. Está faltando colocar novamente algum programa desse do primeiro emprego que participei para que possa inserir essas pessoas que tem experiência de informalidade dentro da formalidade. Certo?

Uma das experiências da informalidade que mais me marcaram positivamente foi essa em que trabalhei como Auxiliar Administrativo.

Quando eu cheguei para trabalhar a primeira vez, dentro dessa informalidade foi que eu consegui desenvolver a dinâmica lá do trabalho, e que as pessoas falaram: *“nossa!”* Gostaram e tudo. Viram que eu dava para aquilo, e era rápido e ágil. Enquanto os outros que passaram por lá já não eram assim como eu. Essa minha experiência que levei para lá, já veio da

informalidade da loja que eu trabalhava. E é isso.

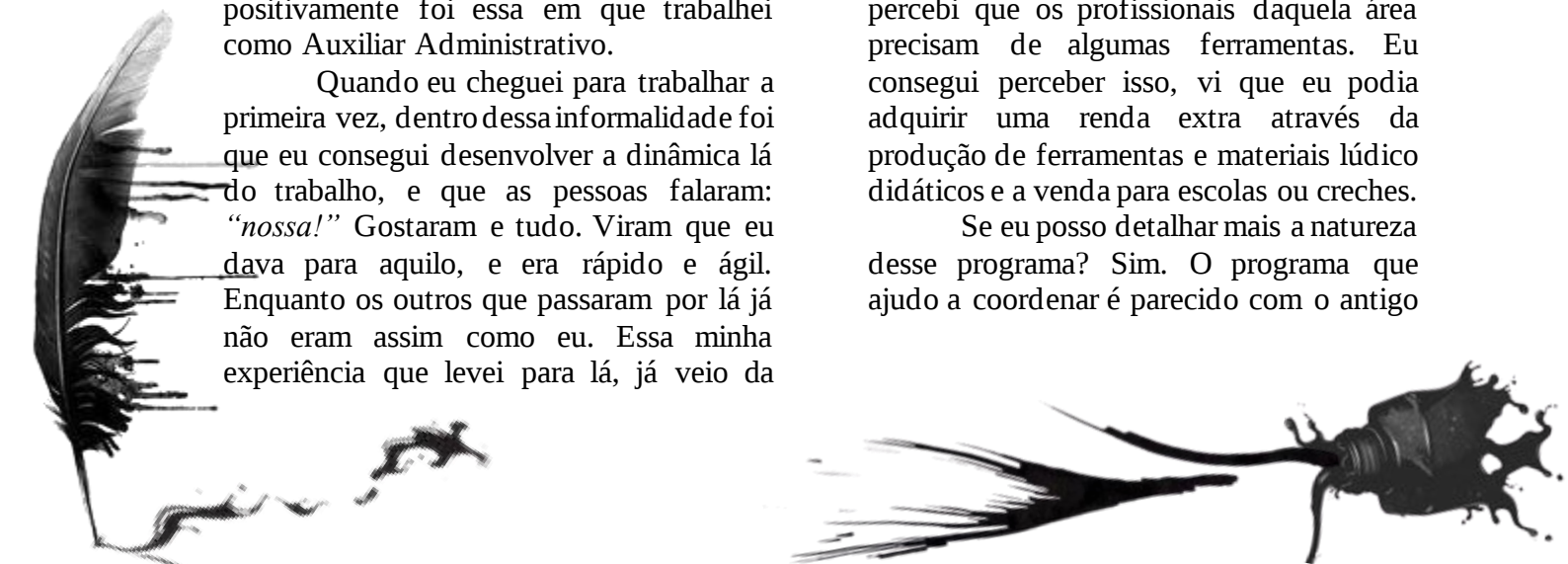
A atividade de trabalho atual e a ótica do trabalhador

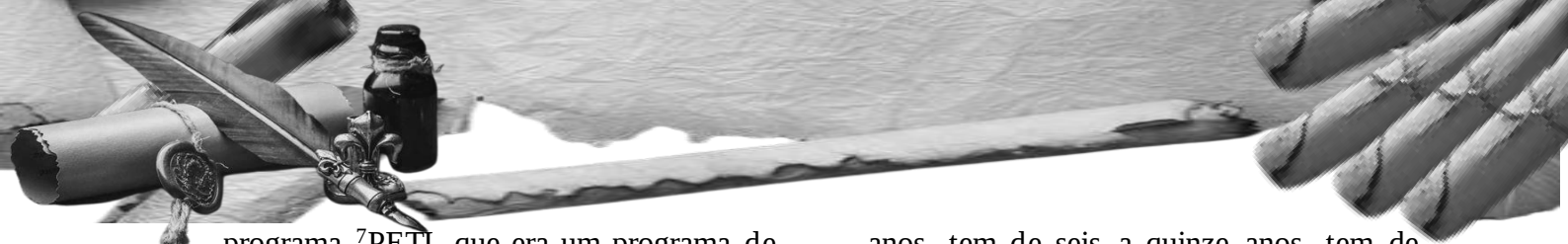
Se gostaria de acrescentar algo? Algo que gostaria de acrescentar é a visão que tenho do mundo do trabalho. Eu acho que o mundo do trabalho que temos hoje é bem complexo, e a única forma que temos de desdobrá-lo é se qualificando em várias áreas. É o que eu faço. Tipo... Por exemplo, eu consigo desenvolver uma função de garçom, eu consigo desenvolver uma função de Auxiliar Administrativo, de coordenador como é meu caso hoje auxiliando a junta de coordenação do programa de assistência à criança e ao adolescente em que estou inserido. Eu já desenvolvi até função de animador de festa infantil. Já fiz e consegui em uma empresa de evento como freelance. Me chamaram para trabalhar e dei conta. Daí em diante eu passei a desenvolver esse trabalho nas horas vagas. Já tenho fixo os clientes pra pintura de rosto em festas infantis, em aniversários, no período de outubro na semana da criança. Desenvolvendo essa atividade eu consigo o rendimento de mais um salário por mês, fora o salário do meu trabalho atual.

Dentro do setor da coordenação desse programa em que trabalho, aprendi a confeccionar materiais didáticos para professores e educadores. Materiais lúdicos, para utilizarem em sala de aula. Então eu também fabrico isso.

Nesse programa que estou, eu percebi que os profissionais daquela área precisam de algumas ferramentas. Eu consegui perceber isso, vi que eu podia adquirir uma renda extra através da produção de ferramentas e materiais lúdico didáticos e a venda para escolas ou creches.

Se eu posso detalhar mais a natureza desse programa? Sim. O programa que ajudo a coordenar é parecido com o antigo





programa ⁷PETI, que era um programa de erradicação do trabalho infantil. Lá é assim, a criança vai um turno para a escola, em outro vai para o programa, para não ficar ociosa ela vai desenvolver atividades lúdicas e esportivas lá. Então esse programa é uma parceria da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – SEMDES com o Governo Federal. Ele vem hoje com outro formato, chamado de programa de Convivência e Fortalecimento de Vínculos ⁸(SCFV). O nome hoje atual é esse. De Convivência, Fortalecimento de Vínculos. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, é um programa que atende as crianças aqui em Timon. Aqui temos crianças de várias idades, tem de zero a seis

anos, tem de seis a quinze anos, tem de quinze a vinte e um anos e tem idosos que participam do programa também. No meu caso específico coordeno o programa com crianças e adolescentes de seis a quinze anos. E eu venho coordenando os profissionais que ajudam executar o programa, como o educador físico, também tem os professores, tem um professor de capoeira, um professor de judô, um professor de balé e o orientador social. Cada dia da semana tem um atendimento de um profissional. E funciona pela manhã e pela tarde. Ainda conto também com o apoio de assistentes sociais, de psicólogos, se as crianças ou adolescentes precisarem dentro desse programa.

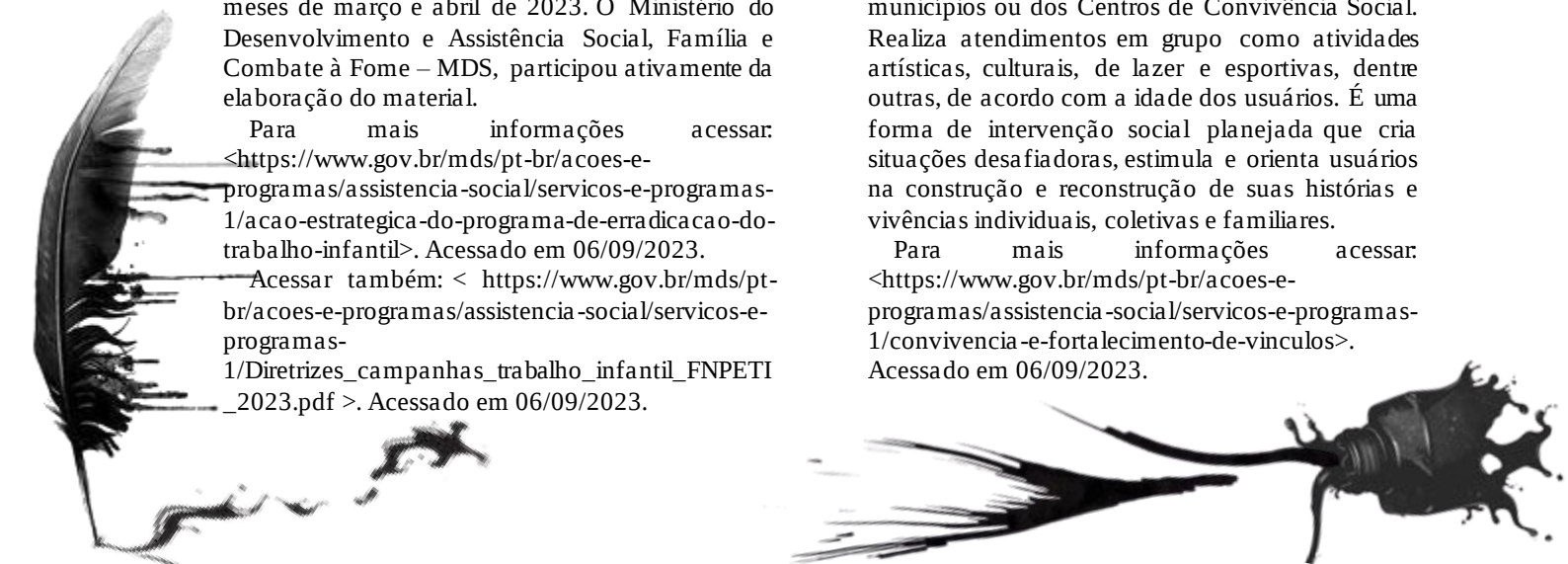
⁷ O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) teve início, em 1996, como ação do Governo Federal, com o apoio da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para combater o trabalho de crianças em carvoarias da região de Três Lagoas (MS). Sua cobertura foi, em seguida, ampliada para alcançar progressivamente todo o país num esforço do Estado Brasileiro para implantação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento do trabalho infantil, atendendo as demandas da sociedade, articuladas pelo Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI). Em 2011, o PETI foi instituído pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) como um programa de caráter intersetorial, integrante da Política Nacional de Assistência Social, que compreende: transferências de renda; trabalho social com famílias e oferta de serviços socioeducativos para crianças e adolescentes que se encontram em situação de trabalho. Atualmente o FNPETI, lançou 12 Diretrizes para nortear a elaboração de campanhas contra o trabalho infantil, incluindo as ações do 12 de junho, o Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil. O documento foi construído pelo grupo de trabalho "Campanha 2023" do FNPETI, durante os meses de março e abril de 2023. O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome – MDS, participou ativamente da elaboração do material.

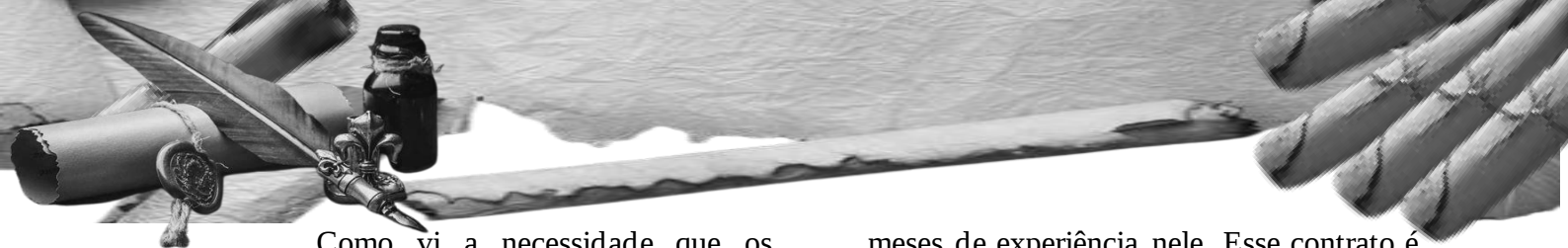
Para mais informações acessar: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/acao-estrategica-do-programa-de-erradicao-do-trabalho-infantil>>. Acessado em 06/09/2023.

Acessar também: < https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/Diretrizes_campanhas_trabalho_infantil_FNPETI_2023.pdf >. Acessado em 06/09/2023.

⁸ O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) é um serviço de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), foi primeiramente regulamentado pela Resolução do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) nº 109/2009, e, reordenado, anos depois, pela Resolução nº 01/2013. Atualmente o programa faz parte de um conjunto de políticas públicas geridas pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome – MDS. O programa funciona como mecanismo complementar ao trabalho social com famílias, realizado por meio do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI). O SCFV presta serviços e desenvolve atividades para um público variado e de diversas faixas etárias, atende crianças até 6 anos, crianças e adolescentes entre 6 a 15 anos, adolescentes entre 15 a 17 anos, jovens de 18 a 29 anos e adultos de 30 a 59 anos, as ações do programa também se estendem a pessoas idosas. O referido programa do governo federal centraliza suas ações através dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), dos municípios ou dos Centros de Convivência Social. Realiza atendimentos em grupo como atividades artísticas, culturais, de lazer e esportivas, dentre outras, de acordo com a idade dos usuários. É uma forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta usuários na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais, coletivas e familiares.

Para mais informações acessar: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/assistencia-social/servicos-e-programas-1/convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acessado em 06/09/2023.





Como vi a necessidade que os profissionais do programa tinham de adquirir os materiais lúdico didáticos? Eu via que muitas vezes a equipe não conseguia fabricar o próprio material devido não terem habilidade ou tempo. E eu já conseguia, tinha essa habilidade, a de produção desses materiais, como cartazes, jogos e outros. Os profissionais lá viam meu talento, as vezes iam falando para outras pessoas, diziam: “Joga no grupo de WhatsApp.” E alguém via, notavam, me pediam para confeccionar e falam: “isso é com o Jorge”. Daí então eu já estou atendendo até Teresina, já atendi uma escola em Teresina. Eu Confecciono, negocio o preço e eu mesmo faço a entrega. Então, o pouco tempo que eu tenho, eu consigo desenvolver essa outra atividade, não é? Porque eu posso fabricar esses materiais o ano inteiro. E Eu não consigo ter estoque pronto para pronta entrega. Tem que ser encomendado. Porque cada encomenda tem um tema, e é muito específico. Pra cada coisa, tem um material, para cada escola, cada série, existe um tipo de material que é destinado.

Conclusões

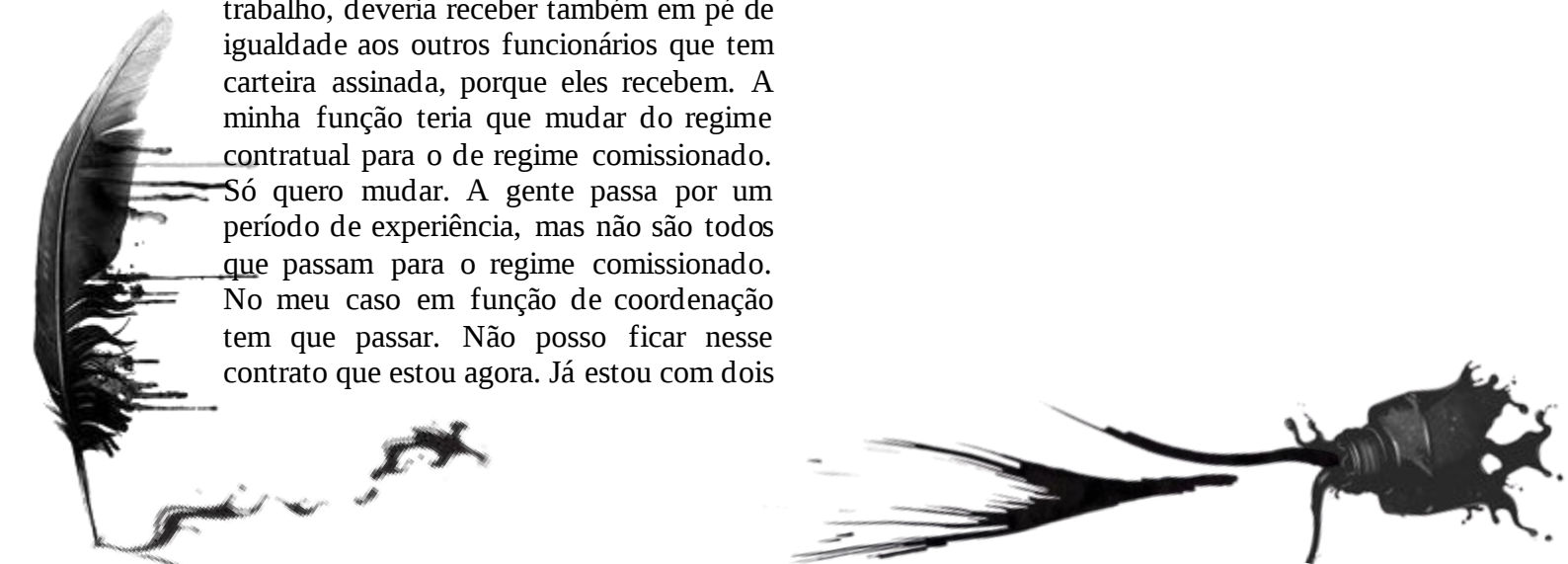
Eu estou na informalidade praticamente. Mas eu me vejo como um multiprofissional. Eu posso desenvolver qualquer função. Eu não vejo o desemprego como uma ameaça.

Por desenvolver essa função de coordenador do programa de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, deveria ter os direitos garantidos em carteira, pois estou desenvolvendo o trabalho, deveria receber também em pé de igualdade aos outros funcionários que tem carteira assinada, porque eles recebem. A minha função teria que mudar do regime contratual para o de regime comissionado. Só quero mudar. A gente passa por um período de experiência, mas não são todos que passam para o regime comissionado. No meu caso em função de coordenação tem que passar. Não posso ficar nesse contrato que estou agora. Já estou com dois

meses de experiência nele. Esse contrato é como se eles quisessem contratar de forma aligeirada no momento para suprir a função que precisava. Chegou o período escolar tem que começar, não tem ninguém na área, falaram: “bota fulano, depois a gente muda a função”. Depois eles ajustam para comissionado para executarem o programa. Tipo para digamos legalizar, ajustar isso da execução do programa, que requer prestação de contas, essas coisas.

Então concluindo todas as minhas experiencias de trabalho, foram, de feirante com minha mãe, flanelinha, garçom, coordenador de juventude na igreja, Auxiliar Administrativo, balconista, Auxiliar de Médico Veterinário, atendente e agora eu estou como coordenador. Uma vasta experiência. E é só isso.

Obrigado! O prazer foi todo meu em participar dessa entrevista.



Capítulo VI

“

E

*lisrejane Barbosa, os desafios
de uma microempreendedora
no mundo do trabalho*

”

“Com toda dificuldade que tenho hoje, quero empreender mesmo, montar meu próprio negócio...”



Apresentação

Meu nome é Elis Rejane Barbosa dos Santos, tenho trinta e sete anos, resido no antigo bairro de Timon chamado Cinturão Verde que hoje é conhecido como Vila Bandeirante.

¹ No Brasil, o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica – CNPJ, é um número único que identifica uma pessoa jurídica e outros tipos de arranjo jurídico. O CNPJ é designado pela Receita Federal na abertura legal de qualquer empreendimento comercial. Ele serve para identificar o negócio nos mais diversos tipos de atividades, como a emissão de notas fiscais ou o pagamento dos impostos. A partir do momento de emissão do número de registro, o empreendedor está assegurado de que a relação que tem com os diversos órgãos reguladores é legal (claro que são necessários procedimentos mensais, como o pagamento de impostos, para manter a empresa em dia). Ele também pode ser considerado imprescindível para a relação cliente e empresa: a partir do CNPJ são definidas as relações do cliente com a prestadora de serviços, em um momento inicial. Por exemplo, para adquirir grande quantidade de determinado produto que será matéria prima ou, serviço em grande escala, o cliente estará obrigado a consultar a situação do CNPJ desse fornecedor para avaliar a situação da empresa – o que é um indicativo importante para saber se há idoneidade no negócio. Segundo o site da Receita Federal, “O Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) é um banco de dados gerenciado pela Receita Federal, que armazena informações cadastrais das pessoas jurídicas de interesse das

O trabalho

Eu trabalho informalmente como cabeleireira em um salão próprio do lado da minha casa e já estou desempregada a três anos. O salão não é registrado e nem tem ¹CNPJ. Eu até abri um CNPJ, mas eu não tive condições de estar pagando. Cancelei o CNPJ. Eu fechei porque não estava tendo dinheiro para poder manter o CNPJ. Eu estou nesse empreendimento há três anos. Só que o CNPJ não deixei aberto, porque eu não consegui pagar os tributos.

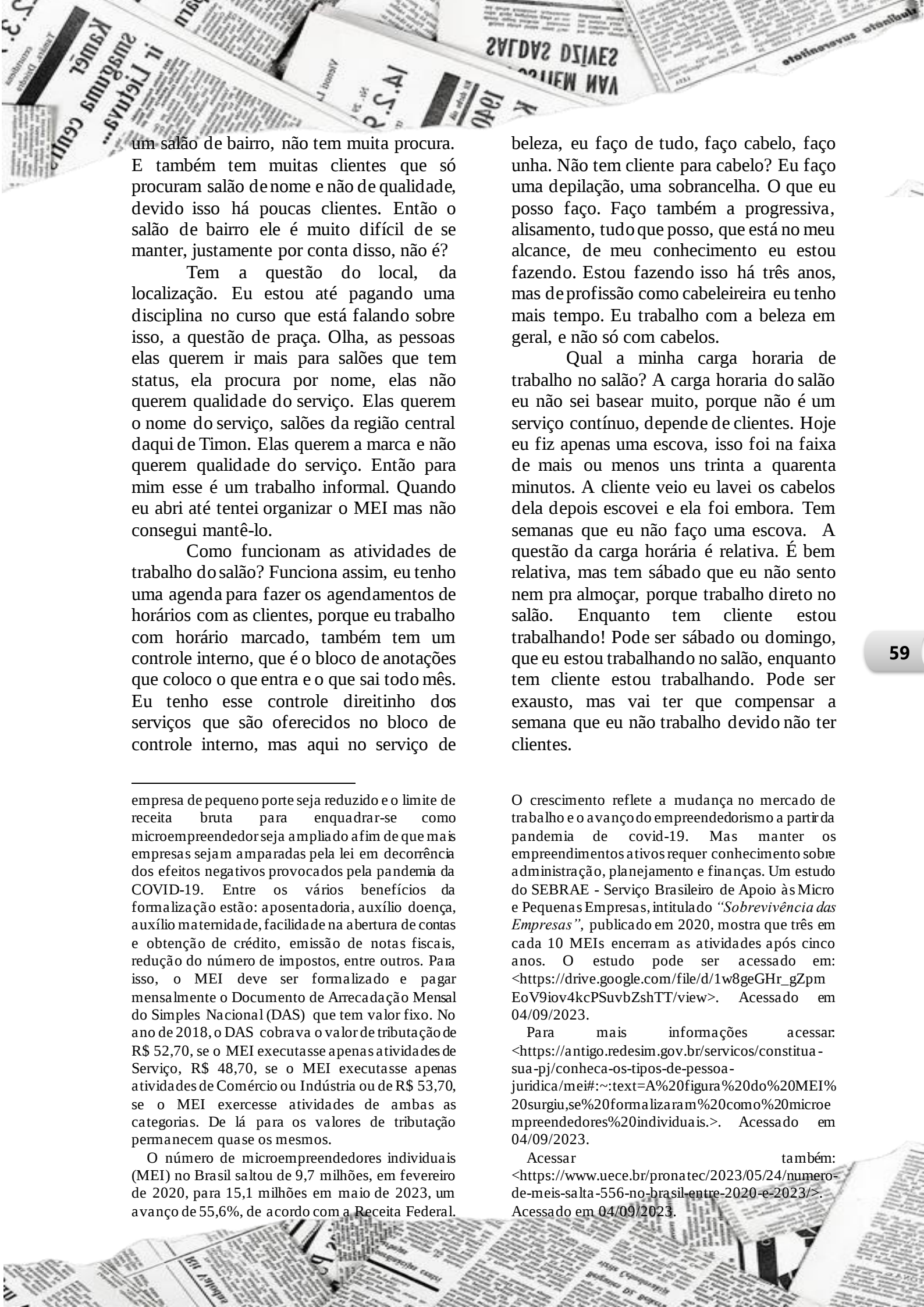
Eu abri esse salão quando fui demitida de um salão que passei nove anos e seis meses. Com o pequeno valor que eu recebi dessa demissão, eu montei o salão para trabalhar. Depois de um ano que abri o salão decidi abrir o CNPJ pelo ²MEI, mas aí eu não consegui pagar direitinho. Porque

administrações tributárias da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.”

Para mais informações acessar: <https://www.gov.br/receita-federal/pt-br/assuntos/orientacao-tributaria/cadastros/cnpj/legislacao-cnpj>. Acessado em 04/09/2023.

Acessar também: <https://www.anoregmt.org.br/novo/wp-content/uploads/2021/04/MANUAL-INICIO-CNPJ-EDICAO-2021.pdf>. Acessado em 04/09/2023.

² O MEI – Microempreendedor Individual – é aquele que trabalha por conta própria, tem registro de pequeno empresário e exerce uma das mais de 400 modalidades de serviços, comércio ou indústria em território brasileiro. A figura do MEI surgiu em 2006, com a Lei nº123 de 14 de dezembro de 2006, buscando formalizar trabalhadores brasileiros que, até então, desempenhavam diversas atividades sem nenhum amparo legal ou segurança jurídica. Com a legislação em vigor desde 2006, mais de 7 milhões de pessoas já se formalizaram como microempreendedores individuais. Entre 2021 a 2023, projetos de lei em tramitação na câmara dos deputados visam alterar os dispositivos da lei original com o propósito de que o valor devido em tributação mensalmente pela microempresa ou



um salão de bairro, não tem muita procura. E também tem muitas clientes que só procuram salão de nome e não de qualidade, devido isso há poucas clientes. Então o salão de bairro ele é muito difícil de se manter, justamente por conta disso, não é?

Tem a questão do local, da localização. Eu estou até pagando uma disciplina no curso que está falando sobre isso, a questão de praça. Olha, as pessoas elas querem ir mais para salões que tem status, ela procura por nome, elas não querem qualidade do serviço. Elas querem o nome do serviço, salões da região central daqui de Timon. Elas querem a marca e não querem qualidade do serviço. Então para mim esse é um trabalho informal. Quando eu abri até tentei organizar o MEI mas não consegui mantê-lo.

Como funcionam as atividades de trabalho do salão? Funciona assim, eu tenho uma agenda para fazer os agendamentos de horários com as clientes, porque eu trabalho com horário marcado, também tem um controle interno, que é o bloco de anotações que coloco o que entra e o que sai todo mês. Eu tenho esse controle direitinho dos serviços que são oferecidos no bloco de controle interno, mas aqui no serviço de

beleza, eu faço de tudo, faço cabelo, faço unha. Não tem cliente para cabelo? Eu faço uma depilação, uma sobrancelha. O que eu posso fazer. Faço também a progressiva, alisamento, tudo que posso, que está no meu alcance, de meu conhecimento eu estou fazendo. Estou fazendo isso há três anos, mas de profissão como cabeleireira eu tenho mais tempo. Eu trabalho com a beleza em geral, e não só com cabelos.

Qual a minha carga horária de trabalho no salão? A carga horária do salão eu não sei basear muito, porque não é um serviço contínuo, depende de clientes. Hoje eu fiz apenas uma escova, isso foi na faixa de mais ou menos uns trinta a quarenta minutos. A cliente veio eu lavei os cabelos dela depois escovei e ela foi embora. Tem semanas que eu não faço uma escova. A questão da carga horária é relativa. É bem relativa, mas tem sábado que eu não sento nem pra almoçar, porque trabalho direto no salão. Enquanto tem cliente estou trabalhando! Pode ser sábado ou domingo, que eu estou trabalhando no salão, enquanto tem cliente estou trabalhando. Pode ser exausto, mas vai ter que compensar a semana que eu não trabalho devido não ter clientes.

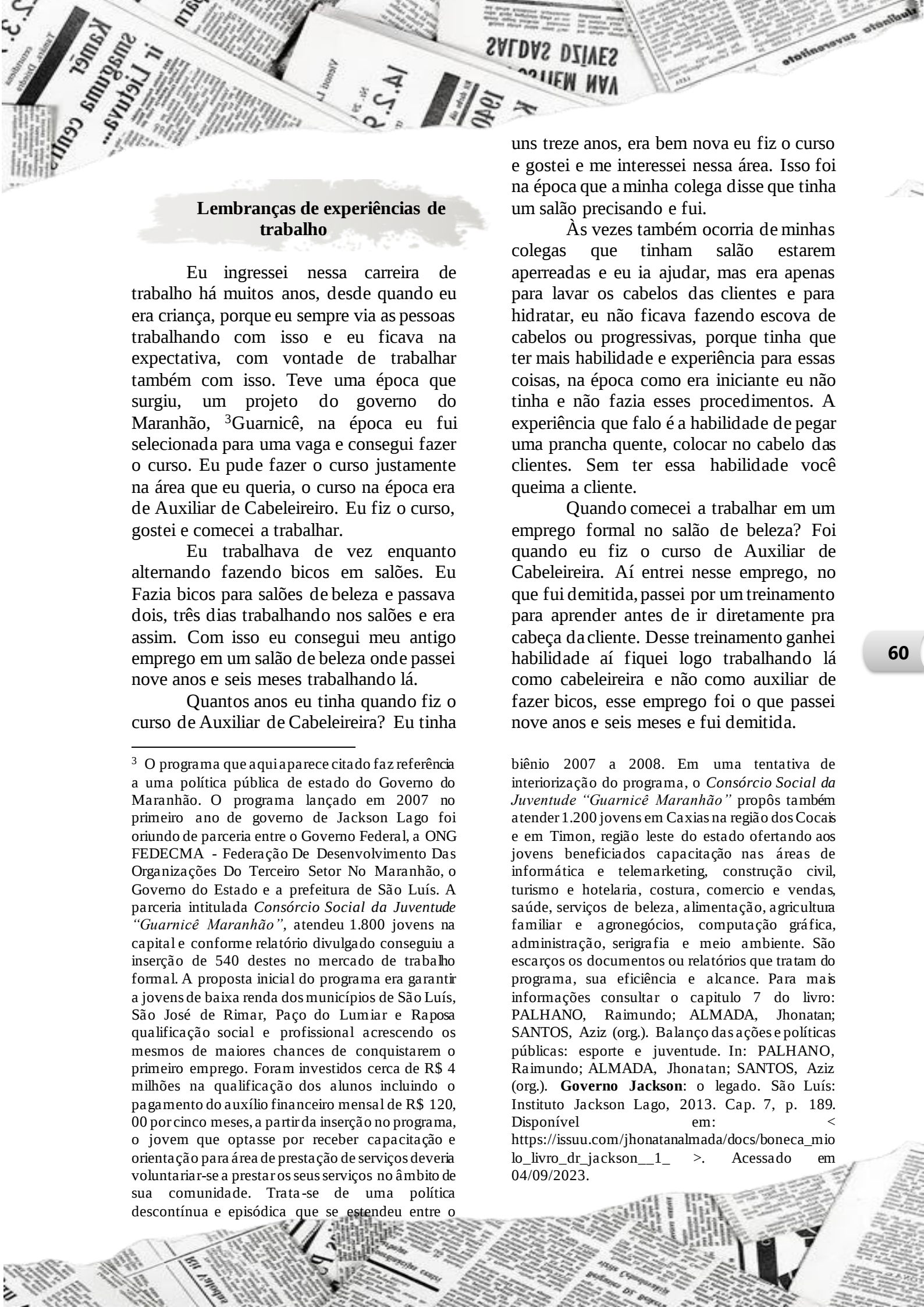
empresa de pequeno porte seja reduzido e o limite de receita bruta para enquadrar-se como microempreendedor seja ampliado afim de que mais empresas sejam amparadas pela lei em decorrência dos efeitos negativos provocados pela pandemia da COVID-19. Entre os vários benefícios da formalização estão: aposentadoria, auxílio doença, auxílio maternidade, facilidade na abertura de contas e obtenção de crédito, emissão de notas fiscais, redução do número de impostos, entre outros. Para isso, o MEI deve ser formalizado e pagar mensalmente o Documento de Arrecadação Mensal do Simples Nacional (DAS) que tem valor fixo. No ano de 2018, o DAS cobrava o valor de tributação de R\$ 52,70, se o MEI executasse apenas atividades de Serviço, R\$ 48,70, se o MEI executasse apenas atividades de Comércio ou Indústria ou de R\$ 53,70, se o MEI exercesse atividades de ambas as categorias. De lá para os valores de tributação permanecem quase os mesmos.

O número de microempreendedores individuais (MEI) no Brasil saltou de 9,7 milhões, em fevereiro de 2020, para 15,1 milhões em maio de 2023, um avanço de 55,6%, de acordo com a Receita Federal.

O crescimento reflete a mudança no mercado de trabalho e o avanço do empreendedorismo a partir da pandemia de covid-19. Mas manter os empreendimentos ativos requer conhecimento sobre administração, planejamento e finanças. Um estudo do SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, intitulado “*Sobrevivência das Empresas*”, publicado em 2020, mostra que três em cada 10 MEIs encerram as atividades após cinco anos. O estudo pode ser acessado em: <https://drive.google.com/file/d/1w8geGHR_gZpmEoV9iov4kcPSuvbZshTT/view>. Acessado em 04/09/2023.

Para mais informações acessar: <<https://antigo.redesim.gov.br/servicos/constitua-sua-pj/conheca-os-tipos-de-pessoa-juridica/mei#:~:text=A%20figura%20do%20MEI%20surgiu,se%20formalizaram%20como%20microempreendedores%20individuais.>>. Acessado em 04/09/2023.

Acessar também: <<https://www.uece.br/pronatec/2023/05/24/numero-de-meis-salta-556-no-brasil-entre-2020-e-2023/>>. Acessado em 04/09/2023.



Lembranças de experiências de trabalho

Eu ingressei nessa carreira de trabalho há muitos anos, desde quando eu era criança, porque eu sempre via as pessoas trabalhando com isso e eu ficava na expectativa, com vontade de trabalhar também com isso. Teve uma época que surgiu, um projeto do governo do Maranhão, ³Guarnicê, na época eu fui selecionada para uma vaga e consegui fazer o curso. Eu pude fazer o curso justamente na área que eu queria, o curso na época era de Auxiliar de Cabeleireiro. Eu fiz o curso, gostei e comecei a trabalhar.

Eu trabalhava de vez enquanto alternando fazendo bicos em salões. Eu fazia bicos para salões de beleza e passava dois, três dias trabalhando nos salões e era assim. Com isso eu consegui meu antigo emprego em um salão de beleza onde passei nove anos e seis meses trabalhando lá.

Quantos anos eu tinha quando fiz o curso de Auxiliar de Cabeleireira? Eu tinha

uns treze anos, era bem nova eu fiz o curso e gostei e me interessei nessa área. Isso foi na época que a minha colega disse que tinha um salão precisando e fui.

Às vezes também ocorria de minhas colegas que tinham salão estarem aperreadas e eu ia ajudar, mas era apenas para lavar os cabelos das clientes e para hidratar, eu não ficava fazendo escova de cabelos ou progressivas, porque tinha que ter mais habilidade e experiência para essas coisas, na época como era iniciante eu não tinha e não fazia esses procedimentos. A experiência que falo é a habilidade de pegar uma prancha quente, colocar no cabelo das clientes. Sem ter essa habilidade você queima a cliente.

Quando comecei a trabalhar em um emprego formal no salão de beleza? Foi quando eu fiz o curso de Auxiliar de Cabeleireira. Aí entrei nesse emprego, no que fui demitida, passei por um treinamento para aprender antes de ir diretamente pra cabeça da cliente. Desse treinamento ganhei habilidade aí fiquei logo trabalhando lá como cabeleireira e não como auxiliar de fazer bicos, esse emprego foi o que passei nove anos e seis meses e fui demitida.

³ O programa que aqui aparece citado faz referência a uma política pública de estado do Governo do Maranhão. O programa lançado em 2007 no primeiro ano de governo de Jackson Lago foi oriundo de parceria entre o Governo Federal, a ONG FEDECMA - Federação De Desenvolvimento Das Organizações Do Terceiro Setor No Maranhão, o Governo do Estado e a prefeitura de São Luís. A parceria intitulada *Consórcio Social da Juventude "Guarnicê Maranhão"*, atendeu 1.800 jovens na capital e conforme relatório divulgado conseguiu a inserção de 540 destes no mercado de trabalho formal. A proposta inicial do programa era garantir a jovens de baixa renda dos municípios de São Luís, São José de Rimar, Paço do Lumiar e Raposa qualificação social e profissional acrescentando os mesmos de maiores chances de conquistarem o primeiro emprego. Foram investidos cerca de R\$ 4 milhões na qualificação dos alunos incluindo o pagamento do auxílio financeiro mensal de R\$ 120,00 por cinco meses, a partir da inserção no programa, o jovem que optasse por receber capacitação e orientação para área de prestação de serviços deveria voluntariar-se a prestar os seus serviços no âmbito de sua comunidade. Trata-se de uma política descontínua e episódica que se estendeu entre o

biênio 2007 a 2008. Em uma tentativa de interiorização do programa, o *Consórcio Social da Juventude "Guarnicê Maranhão"* propôs também atender 1.200 jovens em Caxias na região dos Cocaís e em Timon, região leste do estado ofertando aos jovens beneficiados capacitação nas áreas de informática e telemarketing, construção civil, turismo e hotelaria, costura, comercio e vendas, saúde, serviços de beleza, alimentação, agricultura familiar e agronegócios, computação gráfica, administração, serigrafia e meio ambiente. São escarços os documentos ou relatórios que tratam do programa, sua eficiência e alcance. Para mais informações consultar o capítulo 7 do livro: PALHANO, Raimundo; ALMADA, Jhonatan; SANTOS, Aziz (org.). *Balanço das ações e políticas públicas: esporte e juventude*. In: PALHANO, Raimundo; ALMADA, Jhonatan; SANTOS, Aziz (org.). **Governo Jackson: o legado**. São Luís: Instituto Jackson Lago, 2013. Cap. 7, p. 189. Disponível em: <
https://issuu.com/jhonatanalmada/docs/boneca_mio_lo_livro_dr_jackson__1_>. Acessado em 04/09/2023.



Os serviços que eu faço aqui hoje muitos deles não podia fazer lá porque o serviço lá era um serviço monopolizado. Tinha alguns serviços que só a dona podia fazer, sendo que a gente tinha capacidade de fazer, mas ela não permitia, como cortar cabelo, lá a gente não podia, só a dona cortava o cabelo, também fazer mechas para deixar a mulher loira, só a dona podia fazer. Então tinha serviços que só ela podia fazer. Ela podendo ganhar em cima do meu trabalho e eu podendo aumentar a minha renda, mas ela não permitia. E eu fiquei assim nove anos e seis meses. Um bom tempo!

Se nesse salão minha carteira era assinada? Sim, minha carteira era assinada. Ela pagava tudo direitinho como INSS e FGTS, só que perante o registro da carteira era uma coisa, mas na prática era outra coisa. Se a fiscalização trabalhista batesse lá dentro, ela tinha como mostrar os documentos porque estava tudo certinho na carteira. Salário todo mês direitinho. Mas na prática você só ganhava o que você fazia. Era por comissão de produção. Na teoria da carteira assinada eu ganhava um salário mínimo. Tudo direitinho! Mas na prática, era totalmente diferente. Se eu fizesse trezentos reais por mês na comissão do que atendia as clientes eu só ganhava aqueles trezentos reais. Ela nos pagava em espécie os valores das produções, eu recebia só o que produzia.

Um exemplo é a gente vê muitas funcionárias que trabalham em salões renomados e pensamos que aquela pessoa ganha bem, não é? Mas não sabemos a realidade de cada um, do que se passa dentro do salão. Antigamente eu julgava muito, e falava: *“mas fulano ganha bem, Fulano tem um carro, que trabalha num salão chique, ganha muito dinheiro.”* Mas não era assim. O salão em que trabalhava era em um salão renomado que tem um nome bem conceituado aqui em Timon. Para você ver como é que são tipos de trabalhos, me permita dizer assim: *“um trabalho análogo ou um escravo, não é?”* Praticamente isso, porque muitas vezes

quando ela fechava um contrato com uma turma de formandas, debutantes e casamentos nos finais de semana. Porque lá não abria domingo. Geralmente eu era escalada! Eu não recebia uma remuneração extra e nem um obrigado. Mas eu sou muito grata. Porque hoje eu tenho minha pequena residência. Eu não digo que ela me deu essa residência, e digo também que sim, porque ela me deu a oportunidade de trabalhar e ter minhas coisas. Porque ela me deu a oportunidade de trabalhar no espaço dela, então ela estava me dando alguma coisa, não é? Ela me deu a oportunidade, ela abriu espaço para eu mostrar meu trabalho. Me manteve lá por esse tempo, porque eu tive a capacidade e estava trabalhando bem.

Se ela gostava do meu serviço dentro do salão? Eu nem digo que gostava do meu serviço, mas sim do lucro que eu dava para ela, que é o principal foco do empresário, é o lucro, não é?

Se os clientes gostavam de meu trabalho? Sim, eu era uma das mais procuradas, sem querer me achar superior as demais cabeleireiras, mas é porque eu tinha muita agilidade, tinha muita rapidez. As clientes chegavam e falavam: *“Eu tenho meia hora de almoço”*. Eu em meia hora, dava conta de escovar o cabelo dela e ela saía do salão no horário. Entendeu?

Também tinha uma meta todo mês, eu mãe solteira, construindo a minha casa, tinha que ter uma meta todo mês pra bater. Falava com a recepcionista do salão que podia marcar cliente pra mim até no horário de meu almoço. Todo mês eu tinha uma meta, se eu ganhasse quinhentos em um mês, no outro mês eu queria que fosse mil e seiscentos, outro que fosse mil e setecentos. Então assim, eu estipulava a meta todo mês. Para isso eu corria atrás. Eu tinha hora de entrar e não tinha hora de sair.

Quando eu entrei lá, meu filho ia fazer um ano, ele estava com nove meses. Tinha vezes que eu passava três dias trabalhando sem ver ele, eu chegava em casa e ele já estava dormindo. Eu saía ele ainda estava dormindo. Eu deixava ele com a vizinha, e era assim!



Hoje eu sou rica por ter mais tempo. Hoje eu tenho qualidade de vida. Pronto! É a palavra certa, a qualidade de vida. Porque nesse período que eu trabalhei nove anos lá, eu adquiri doenças como a Bursite e Tendinite. Hoje já está calcificando, ataca a cárie e está no ombro direito, de tanto passar calor. E teve um período da minha vida que eu tive que tomar remédio para dormir. Porque eu não estava mais conseguindo dormir devido a doença. Também Tive que ir no psiquiatra, por conta do estresse de trabalho. Passei nove anos e não conheci uma praia, não sabia o que era viajar, não sabia o que era um final de semana, nem o que era sair com os amigos para tomar cerveja e comer uma pizza, não. Era de casa para o serviço, e do serviço para casa.

Eu estou com três anos trabalhando aqui para mim mesma e já viajei para São Paulo e Bahia. Eu fiz uma viagem de onze dias. Já fui também para Canoa Quebrada. Foi aquela coisa, que eu morria de vontade de viajar. Também já fui em Canindé duas vezes. Então hoje eu tenho qualidade de vida! Eu não tenho dinheiro hoje, como eu também antes não tinha, mas hoje eu tenho qualidade de vida. E hoje eu não quero mais trabalhar para ninguém.

Hoje eu não tenho dinheiro, o que eu tenho hoje são vinte e cinco reais de uma escova que eu fiz agora, mas se eu quiser me deitar agora, eu durmo a tarde toda, se eu não quiser trabalhar eu não trabalho. Pode até ser uma visão egoísta da minha parte como empreendedora, mas já essa parte é até da questão de traumas que eu enfrentei no trabalho.

Se hoje tenho vontade de voltar a trabalhar lá no salão que fui demitida? Para um serviço igual aquele, não. Quero não! Não quero! Tem várias clientes que falam: *“amiga vou te arrumar uma vaga em um salão para ganhar três mil reais.”* Eu respondo: *“quero mais não filha!”* Porque eu prefiro ganhar mil reais dentro da minha casa.

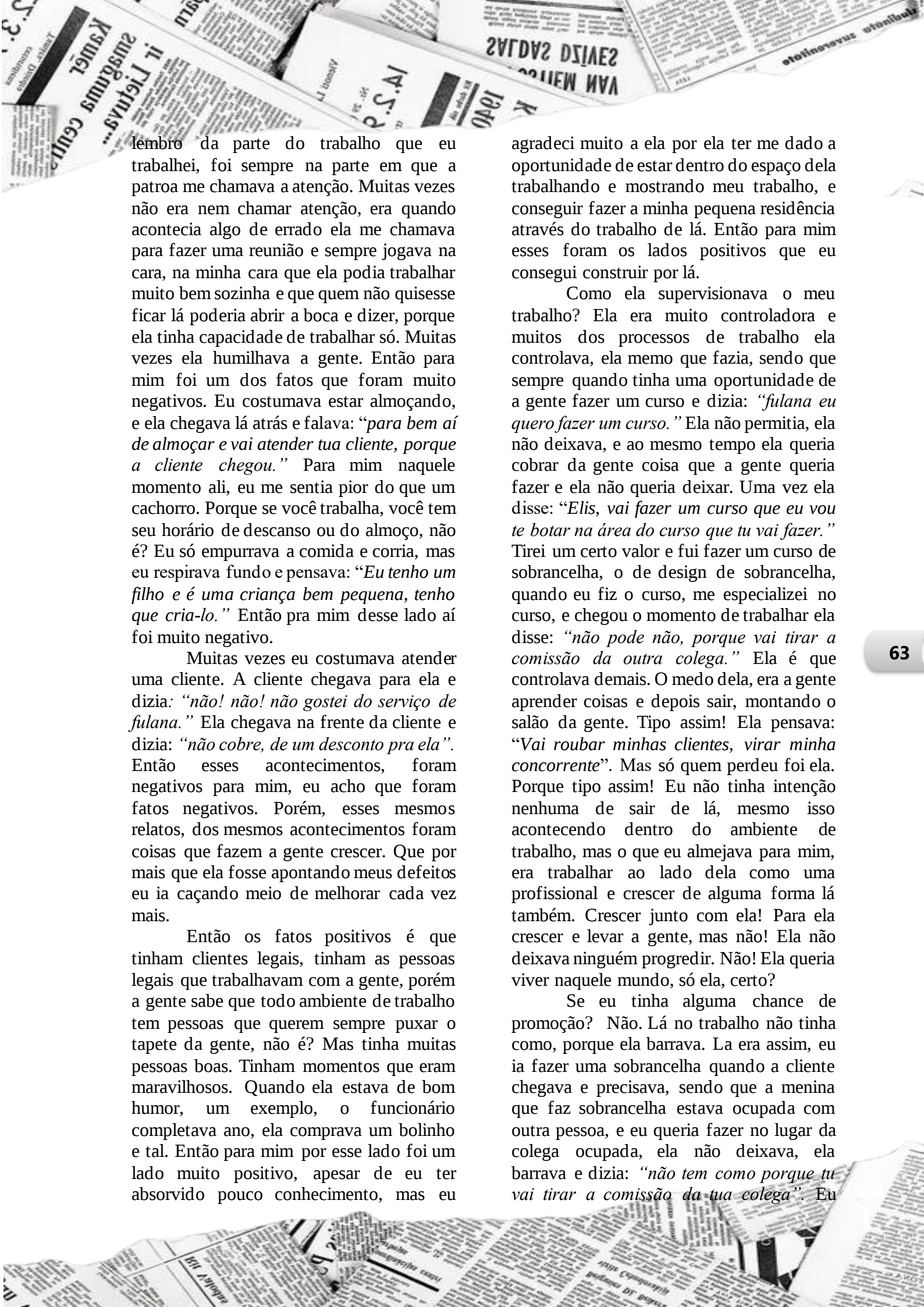
Se tenho outras experiências profissionais que lembro? Sim, tenho! Antes de ingressar na área do cabelo, eu

trabalhei muito em casa de família. Comecei a trabalhar com quinze anos em casa de família. Eu trabalhava disso. A primeira casa em que eu trabalhei foi bem em frente ao IFMA. Na época não era o IFMA ainda. Era um clube de festa. Antigamente era um clube de festa dos maçons. Só quem frequentava eram os maçons. Era um clube de festa muito grande. Lá tinha duas piscinas, área de futebol, quadra de esporte, uma área bem grande que é hoje essa área do IFMA todinha. E aí tinha uma casa de família na frente. Lá na frente residia umas quatro a cinco casas, e eu tinha quinze anos. Lá eu trabalhava de manhã até meio dia arrumava e deixava a casa toda pronta. Eu trabalhava até meio-dia, e do meio dia à tarde. Sabe quanto era que eu ganhava? Trinta reais por mês. Lá não era diária era pagamento por mês.

Quando meu irmão foi casar, o salário não deu nem para eu comprar uma sandália. A sandália da época era trinta e seis reais! Lembro como se fosse hoje, mas a minha família muito pobre, todo mundo passando necessidade. Então o que traz para gente? É trabalho ilegal de casa de família. E do mesmo modo os homens da minha família eram dedicados em construção civil. Pode observar que a maioria do povo que trabalha na construção civil, na parte que bota o trabalho pesado mesmo, é só as pessoas que não tiveram a oportunidade. Até tiveram a oportunidade, mas não quiseram foi estudar. (risos) Não é? É! Ajudante e servente, todos nessas coisas, dessa área. (risos). Praticamente para o pessoal que não quis estudar, porque oportunidade de estudar hoje em dia tem muita.

Lembranças que marcaram a vida de trabalho

Se existe algum acontecimento, uma vivência, alguma coisa relacionada a essas experiências de trabalho que me marcaram de alguma forma? Sim, foram acontecimentos negativos, quando eu



lembro da parte do trabalho que eu trabalhei, foi sempre na parte em que a patroa me chamava a atenção. Muitas vezes não era nem chamar atenção, era quando acontecia algo de errado ela me chamava para fazer uma reunião e sempre jogava na cara, na minha cara que ela podia trabalhar muito bem sozinha e que quem não quisesse ficar lá poderia abrir a boca e dizer, porque ela tinha capacidade de trabalhar só. Muitas vezes ela humilhava a gente. Então para mim foi um dos fatos que foram muito negativos. Eu costumava estar almoçando, e ela chegava lá atrás e falava: *“para bem aí de almoçar e vai atender tua cliente, porque a cliente chegou.”* Para mim naquele momento ali, eu me sentia pior do que um cachorro. Porque se você trabalha, você tem seu horário de descanso ou do almoço, não é? Eu só empurrava a comida e corria, mas eu respirava fundo e pensava: *“Eu tenho um filho e é uma criança bem pequena, tenho que cria-lo.”* Então pra mim desse lado aí foi muito negativo.

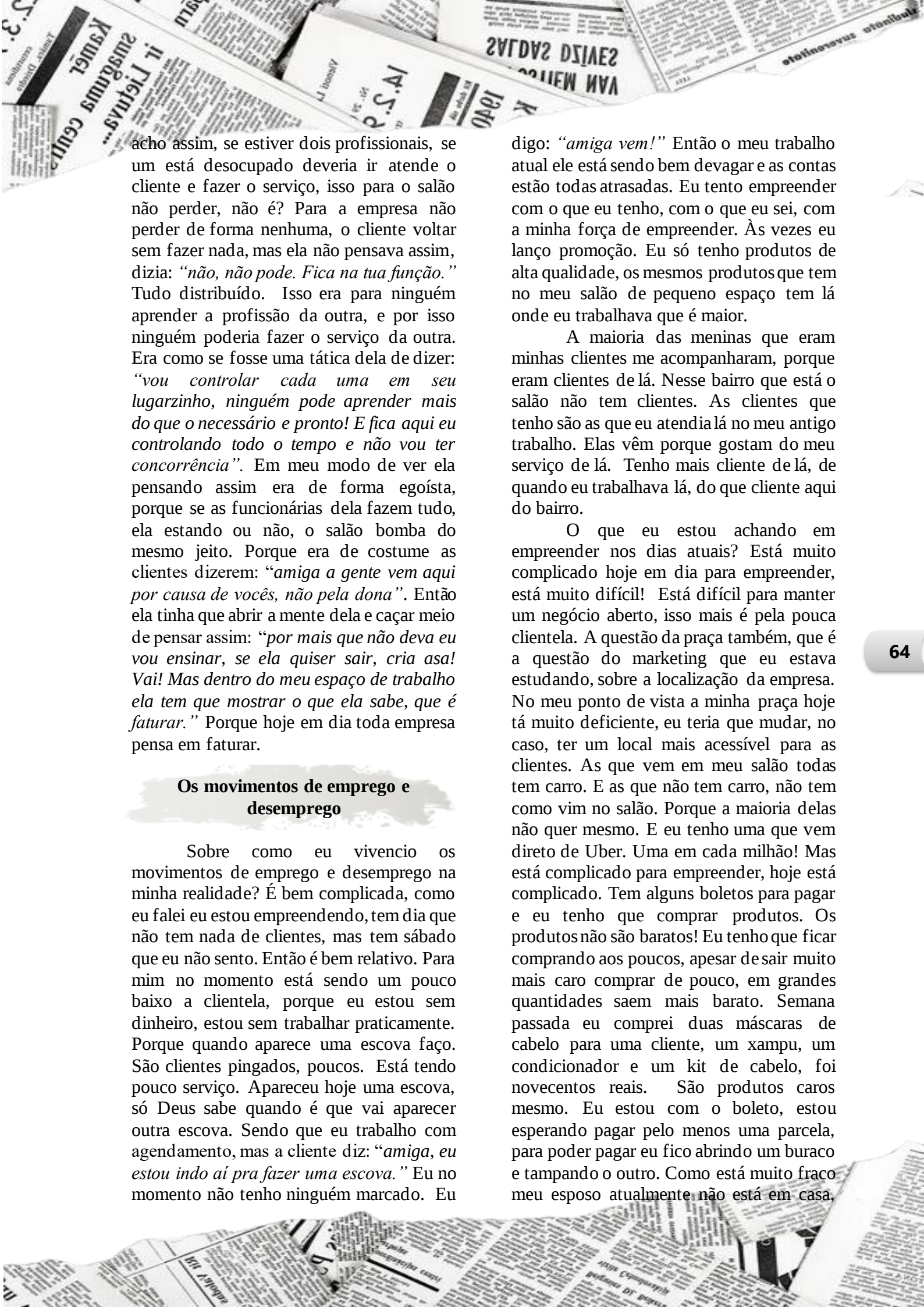
Muitas vezes eu costumava atender uma cliente. A cliente chegava para ela e dizia: *“não! não! não gostei do serviço de fulana.”* Ela chegava na frente da cliente e dizia: *“não cobre, de um desconto pra ela”.* Então esses acontecimentos, foram negativos para mim, eu acho que foram fatos negativos. Porém, esses mesmos relatos, dos mesmos acontecimentos foram coisas que fazem a gente crescer. Que por mais que ela fosse apontando meus defeitos eu ia caçando meio de melhorar cada vez mais.

Então os fatos positivos é que tinham clientes legais, tinham as pessoas legais que trabalhavam com a gente, porém a gente sabe que todo ambiente de trabalho tem pessoas que querem sempre puxar o tapete da gente, não é? Mas tinha muitas pessoas boas. Tinha momentos que eram maravilhosos. Quando ela estava de bom humor, um exemplo, o funcionário completava ano, ela comprava um bolinho e tal. Então para mim por esse lado foi um lado muito positivo, apesar de eu ter absorvido pouco conhecimento, mas eu

agradei muito a ela por ela ter me dado a oportunidade de estar dentro do espaço dela trabalhando e mostrando meu trabalho, e conseguir fazer a minha pequena residência através do trabalho de lá. Então para mim esses foram os lados positivos que eu consegui construir por lá.

Como ela supervisionava o meu trabalho? Ela era muito controladora e muitos dos processos de trabalho ela controlava, ela memo que fazia, sendo que sempre quando tinha uma oportunidade de a gente fazer um curso e dizia: *“fulana eu quero fazer um curso.”* Ela não permitia, ela não deixava, e ao mesmo tempo ela queria cobrar da gente coisa que a gente queria fazer e ela não queria deixar. Uma vez ela disse: *“Elis, vai fazer um curso que eu vou te botar na área do curso que tu vai fazer.”* Tirei um certo valor e fui fazer um curso de sobancelha, o de design de sobancelha, quando eu fiz o curso, me especializei no curso, e chegou o momento de trabalhar ela disse: *“não pode não, porque vai tirar a comissão da outra colega.”* Ela é que controlava demais. O medo dela, era a gente aprender coisas e depois sair, montando o salão da gente. Tipo assim! Ela pensava: *“Vai roubar minhas clientes, virar minha concorrente”.* Mas só quem perdeu foi ela. Porque tipo assim! Eu não tinha intenção nenhuma de sair de lá, mesmo isso acontecendo dentro do ambiente de trabalho, mas o que eu almejava para mim, era trabalhar ao lado dela como uma profissional e crescer de alguma forma lá também. Crescer junto com ela! Para ela crescer e levar a gente, mas não! Ela não deixava ninguém progredir. Não! Ela queria viver naquele mundo, só ela, certo?

Se eu tinha alguma chance de promoção? Não. Lá no trabalho não tinha como, porque ela barrava. La era assim, eu ia fazer uma sobancelha quando a cliente chegava e precisava, sendo que a menina que faz sobancelha estava ocupada com outra pessoa, e eu queria fazer no lugar da colega ocupada, ela não deixava, ela barrava e dizia: *“não tem como porque tu vai tirar a comissão da tua colega”.* Eu



acho assim, se estiver dois profissionais, se um está desocupado deveria ir atender o cliente e fazer o serviço, isso para o salão não perder, não é? Para a empresa não perder de forma nenhuma, o cliente voltar sem fazer nada, mas ela não pensava assim, dizia: *“não, não pode. Fica na tua função.”* Tudo distribuído. Isso era para ninguém aprender a profissão da outra, e por isso ninguém poderia fazer o serviço da outra. Era como se fosse uma tática dela de dizer: *“vou controlar cada uma em seu lugarzinho, ninguém pode aprender mais do que o necessário e pronto! E fica aqui eu controlando todo o tempo e não vou ter concorrência”*. Em meu modo de ver ela pensando assim era de forma egoísta, porque se as funcionárias dela fazem tudo, ela estando ou não, o salão bomba do mesmo jeito. Porque era de costume as clientes dizerem: *“amiga a gente vem aqui por causa de vocês, não pela dona”*. Então ela tinha que abrir a mente dela e caçar meio de pensar assim: *“por mais que não deva eu vou ensinar, se ela quiser sair, cria asa! Vai! Mas dentro do meu espaço de trabalho ela tem que mostrar o que ela sabe, que é faturar.”* Porque hoje em dia toda empresa pensa em faturar.

Os movimentos de emprego e desemprego

Sobre como eu vivencio os movimentos de emprego e desemprego na minha realidade? É bem complicada, como eu falei eu estou empreendendo, tem dia que não tem nada de clientes, mas tem sábado que eu não sento. Então é bem relativo. Para mim no momento está sendo um pouco baixo a clientela, porque eu estou sem dinheiro, estou sem trabalhar praticamente. Porque quando aparece uma escova faço. São clientes pingados, poucos. Está tendo pouco serviço. Apareceu hoje uma escova, só Deus sabe quando é que vai aparecer outra escova. Sendo que eu trabalho com agendamento, mas a cliente diz: *“amiga, eu estou indo aí pra fazer uma escova.”* Eu no momento não tenho ninguém marcado. Eu

digo: *“amiga vem!”* Então o meu trabalho atual ele está sendo bem devagar e as contas estão todas atrasadas. Eu tento empreender com o que eu tenho, com o que eu sei, com a minha força de empreender. Às vezes eu lanço promoção. Eu só tenho produtos de alta qualidade, os mesmos produtos que tem no meu salão de pequeno espaço tem lá onde eu trabalhava que é maior.

A maioria das meninas que eram minhas clientes me acompanharam, porque eram clientes de lá. Nesse bairro que está o salão não tem clientes. As clientes que tenho são as que eu atendia lá no meu antigo trabalho. Elas vêm porque gostam do meu serviço de lá. Tenho mais cliente de lá, de quando eu trabalhava lá, do que cliente aqui do bairro.

O que eu estou achando em empreender nos dias atuais? Está muito complicado hoje em dia para empreender, está muito difícil! Está difícil para manter um negócio aberto, isso mais é pela pouca clientela. A questão da praça também, que é a questão do marketing que eu estava estudando, sobre a localização da empresa. No meu ponto de vista a minha praça hoje tá muito deficiente, eu teria que mudar, no caso, ter um local mais acessível para as clientes. As que vem em meu salão todas tem carro. E as que não tem carro, não tem como vim no salão. Porque a maioria delas não quer mesmo. E eu tenho uma que vem direto de Uber. Uma em cada milhão! Mas está complicado para empreender, hoje está complicado. Tem alguns boletos para pagar e eu tenho que comprar produtos. Os produtos não são baratos! Eu tenho que ficar comprando aos poucos, apesar de sair muito mais caro comprar de pouco, em grandes quantidades saem mais barato. Semana passada eu comprei duas máscaras de cabelo para uma cliente, um xampu, um condicionador e um kit de cabelo, foi novecentos reais. São produtos caros mesmo. Eu estou com o boleto, estou esperando pagar pelo menos uma parcela, para poder pagar eu fico abrindo um buraco e tampando o outro. Como está muito fraco meu esposo atualmente não está em casa,



ele viajou e está trabalhando fora. Só que lá o serviço dele também não está legal. Eu até espero que ele venha embora. O que entra no salão só está dando para comer. Só para manter mesmo o básico do básico. Uma cliente hoje fez uma escova. Amanhã já tem que comprar açúcar e café que acabou. Eu Ganho hoje para gastar amanhã. Tem a parte da contabilidade do curso, a professora diz: *“você tem que guardar.”* Como eu vou guardar o dinheiro estando com fome? Não tem como não! É por isso que a maioria dos empreendimentos falem. Não tem como separar o dinheiro pessoal do da empresa. Eu não tenho capital de giro, entrei no negócio por necessidade. Não tinha aquela estrutura. Quando eu fui demitida, eu pretendi construí minha casa e hoje está desse jeito, não tem piso no banheiro. Nunca terminei só construí e entrei para dentro.

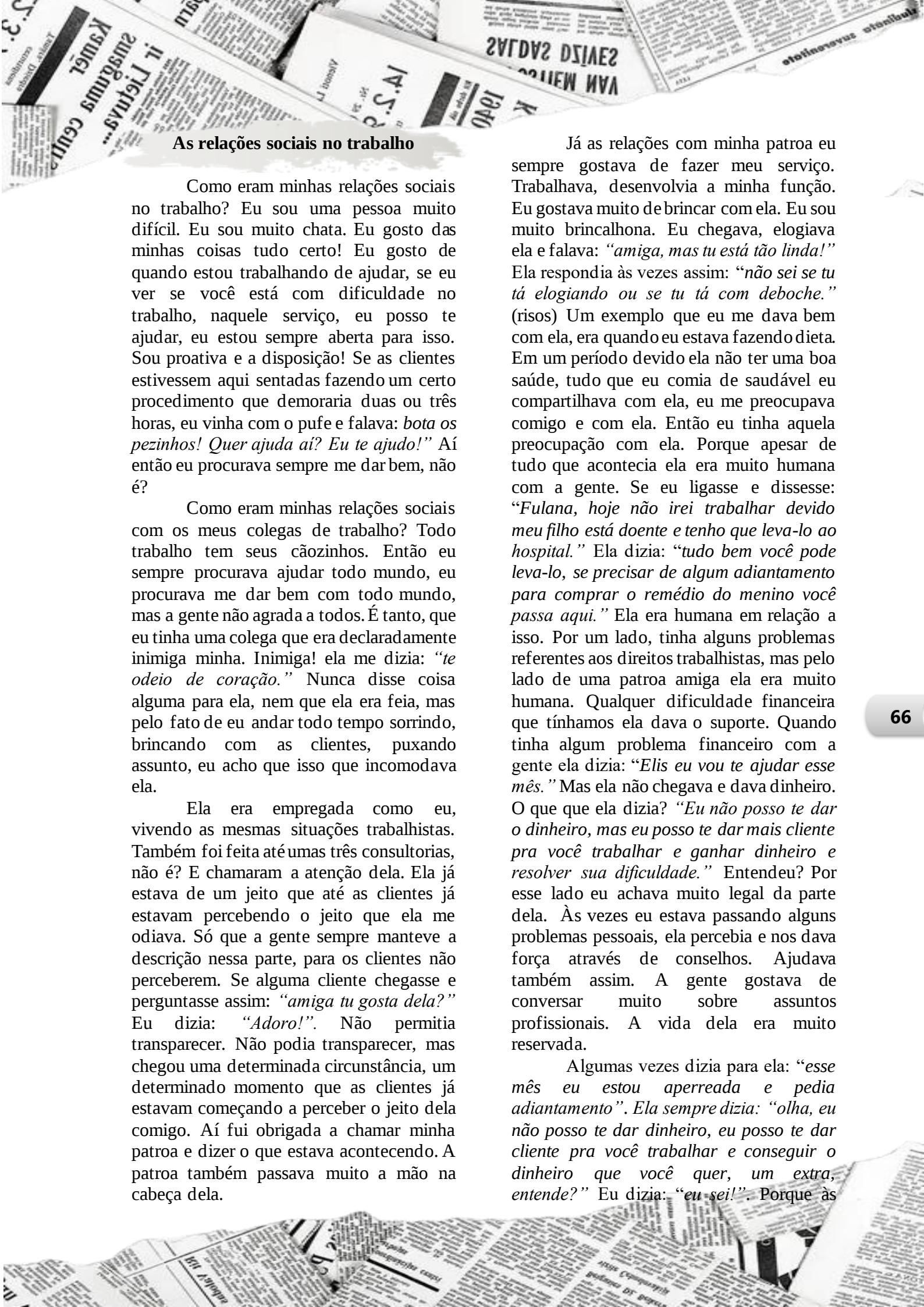
Eu fui demitida e pensei que dezessete mil reais era dinheiro. Quando recebi o dinheiro pensei: *“agora eu vou comprar uma moto, vou ajeitar a minha casa.”* Mas pensei novamente: *“se eu vou ajeitar eu fico com a casa bonita e a moto na garagem e eu vou ficar morrendo de fome junto com meu filho.”* Eu peguei o dinheiro e investi dentro do meu espaço. Então eu usei todo o dinheiro aqui, e ficou faltando o capital de giro, que era para manter o salão os três primeiros anos poque é uma empresa. Mas aí não tem condição! E é assim. Hoje o emprego está muito complicado, essa questão de emprego que você entra hoje, aí passa dois, três meses e a empresa já demite.

O que me define hoje enquanto trabalhadora vivendo essa questão que trata do emprego e desemprego eu acredito que seja insegurança, porque muitas vezes não é nem tanto insegurança de você ter aquela capacidade, mas eu sempre me questiono: *“Será se eu vou ter cliente? Será? Oh senhor! Será se hoje eu vou ter atendimento? Será se vai entrar algum dinheiro esse mês?”* Eu sempre fico nessa dúvida dessa questão. Quando eu fui demitida eu fiquei assim, sem chão! Eu

disse: *“o que que eu vou fazer agora?”* Fiquei pensando, com o pouco de conhecimento que tenho eu acredito que eu consiga um salão de beleza nem que seja para limpar o chão.

As condições de trabalho

Se dessas atividades de trabalho que já exerci alguma delas já me forneceu condições de trabalho favoráveis como o ambiente, conforto, salubridade, segurança e salário? Onde eu estava trabalhando como cabeleireira não, porque onde eu estava trabalhando não tinha a questão de salubridade, lá você não recebia por isso, só o salário mesmo e mais nada. É porque o que eu entendo de salubridade é se você estiver trabalhando em algo de risco ou se você fizer uma hora extra você ganha, trabalhar feriado ganhar o dobro. Nada disso tinha! Não tinha! Um ambiente confortável só para as clientes. Eu sempre reclamava e falava com minha patroa: *“amiga arruma um quartinho para na hora do almoço a gente se deitar um pouquinho”*. Tinha a nossa cozinha para a gente almoçar, era bem pequena. Praticamente um metro quadrado. Pequeninho! A questão é que para o funcionário não tinha conforto nenhum, mas para os clientes tinha conforto sim, um bom ambiente, a estrutura era muito boa, os lavatórios perfeitos, a cadeira que é de centro de balcão era perfeita, também tinha televisão, tinha água gelada, tinha biscoito, tinha cafezinho. O cliente tinha, mas a gente não! A gente não podia tomar um cafezinho, a gente não podia comer nenhum biscoitinho, a gente só sentava no sofá para esperar as clientes, a gente só podia sentar no sofá enquanto não tivesse nada pra fazer, porque se tivesse ela saia caçando o que fazer para a gente. Não podia ficar parado. De forma alguma! Para os funcionários não tinha, mais para os clientes tinha conforto.

A background collage of various newspaper clippings, some in Portuguese and some in English, creating a textured, journalistic feel. The text is partially obscured and oriented in different directions.

As relações sociais no trabalho

Como eram minhas relações sociais no trabalho? Eu sou uma pessoa muito difícil. Eu sou muito chata. Eu gosto das minhas coisas tudo certo! Eu gosto de quando estou trabalhando de ajudar, se eu ver se você está com dificuldade no trabalho, naquele serviço, eu posso te ajudar, eu estou sempre aberta para isso. Sou proativa e a disposição! Se as clientes estivessem aqui sentadas fazendo um certo procedimento que demoraria duas ou três horas, eu vinha com o pufe e falava: *bota os pezinhos! Quer ajuda aí? Eu te ajudo!*” Aí então eu procurava sempre me dar bem, não é?

Como eram minhas relações sociais com os meus colegas de trabalho? Todo trabalho tem seus cãozinhos. Então eu sempre procurava ajudar todo mundo, eu procurava me dar bem com todo mundo, mas a gente não agrada a todos. É tanto, que eu tinha uma colega que era declaradamente inimiga minha. Inimiga! ela me dizia: *“te odeio de coração.”* Nunca disse coisa alguma para ela, nem que ela era feia, mas pelo fato de eu andar todo tempo sorrindo, brincando com as clientes, puxando assunto, eu acho que isso que incomodava ela.

Ela era empregada como eu, vivendo as mesmas situações trabalhistas. Também foi feita até umas três consultorias, não é? E chamaram a atenção dela. Ela já estava de um jeito que até as clientes já estavam percebendo o jeito que ela me odiava. Só que a gente sempre manteve a descrição nessa parte, para os clientes não perceberem. Se alguma cliente chegasse e perguntasse assim: *“amiga tu gosta dela?”* Eu dizia: *“Adoro!”*. Não permitia transparecer. Não podia transparecer, mas chegou uma determinada circunstância, um determinado momento que as clientes já estavam começando a perceber o jeito dela comigo. Aí fui obrigada a chamar minha patroa e dizer o que estava acontecendo. A patroa também passava muito a mão na cabeça dela.

Já as relações com minha patroa eu sempre gostava de fazer meu serviço. Trabalhava, desenvolvia a minha função. Eu gostava muito de brincar com ela. Eu sou muito brincalhona. Eu chegava, elogiava ela e falava: *“amiga, mas tu está tão linda!”* Ela respondia às vezes assim: *“não sei se tu tá elogiando ou se tu tá com deboche.”* (risos) Um exemplo que eu me dava bem com ela, era quando eu estava fazendo dieta. Em um período devido ela não ter uma boa saúde, tudo que eu comia de saudável eu compartilhava com ela, eu me preocupava comigo e com ela. Então eu tinha aquela preocupação com ela. Porque apesar de tudo que acontecia ela era muito humana com a gente. Se eu ligasse e dissesse: *“Fulana, hoje não irei trabalhar devido meu filho está doente e tenho que leva-lo ao hospital.”* Ela dizia: *“tudo bem você pode leva-lo, se precisar de algum adiantamento para comprar o remédio do menino você passa aqui.”* Ela era humana em relação a isso. Por um lado, tinha alguns problemas referentes aos direitos trabalhistas, mas pelo lado de uma patroa amiga ela era muito humana. Qualquer dificuldade financeira que tínhamos ela dava o suporte. Quando tinha algum problema financeiro com a gente ela dizia: *“Elis eu vou te ajudar esse mês.”* Mas ela não chegava e dava dinheiro. O que que ela dizia? *“Eu não posso te dar o dinheiro, mas eu posso te dar mais cliente pra você trabalhar e ganhar dinheiro e resolver sua dificuldade.”* Entendeu? Por esse lado eu achava muito legal da parte dela. Às vezes eu estava passando alguns problemas pessoais, ela percebia e nos dava força através de conselhos. Ajudava também assim. A gente gostava de conversar muito sobre assuntos profissionais. A vida dela era muito reservada.

Algumas vezes dizia para ela: *“esse mês eu estou aperreada e pedia adiantamento”*. Ela sempre dizia: *“olha, eu não posso te dar dinheiro, eu posso te dar cliente pra você trabalhar e conseguir o dinheiro que você quer, um extra, entende?”* Eu dizia: *“eu sei!”*. Porque às



vezes acontecia de eu estar aperreada, as contas atrasadas e ela chegava a saber, porque as vezes comentava com as minhas colegas de trabalho e eu acho que caía nos ouvidos dela, ela achava ruim e dizia: *“você precisou de mim e não me falou que estava com essa dificuldade?”* Eu dizia: *“é porque não tinha necessidade de falar isso com você.”* Mas quando chegava o momento de chegar para ela e falar isso, ela dizia: *“não! eu não posso te dar dinheiro, mas o que eu posso te dar é cliente para você trabalhar e ganhar no extra, se você quiser trabalhar eu vou lhe dar cliente. Então é o meu dever não dar o dinheiro e sim dar a oportunidade de trabalhar.”*

Como ela me dava clientes? Ela marcava mais clientes para mim poder trabalhar mais do que as outras e poder conseguir o dinheiro do qual eu estava precisando. Isso era na mesma função. Era um percentual maior de cliente.

Se eu ganhava o salário fixo e ainda o percentual da produção quando ela me dava clientes? Não. Eu ganhava apenas o que produzia, meu salário era por comissão apenas. Não ganhava nenhum abono por produção. Nunca nesse Brasil! Só recebia o que fazia. Um percentual da produção.

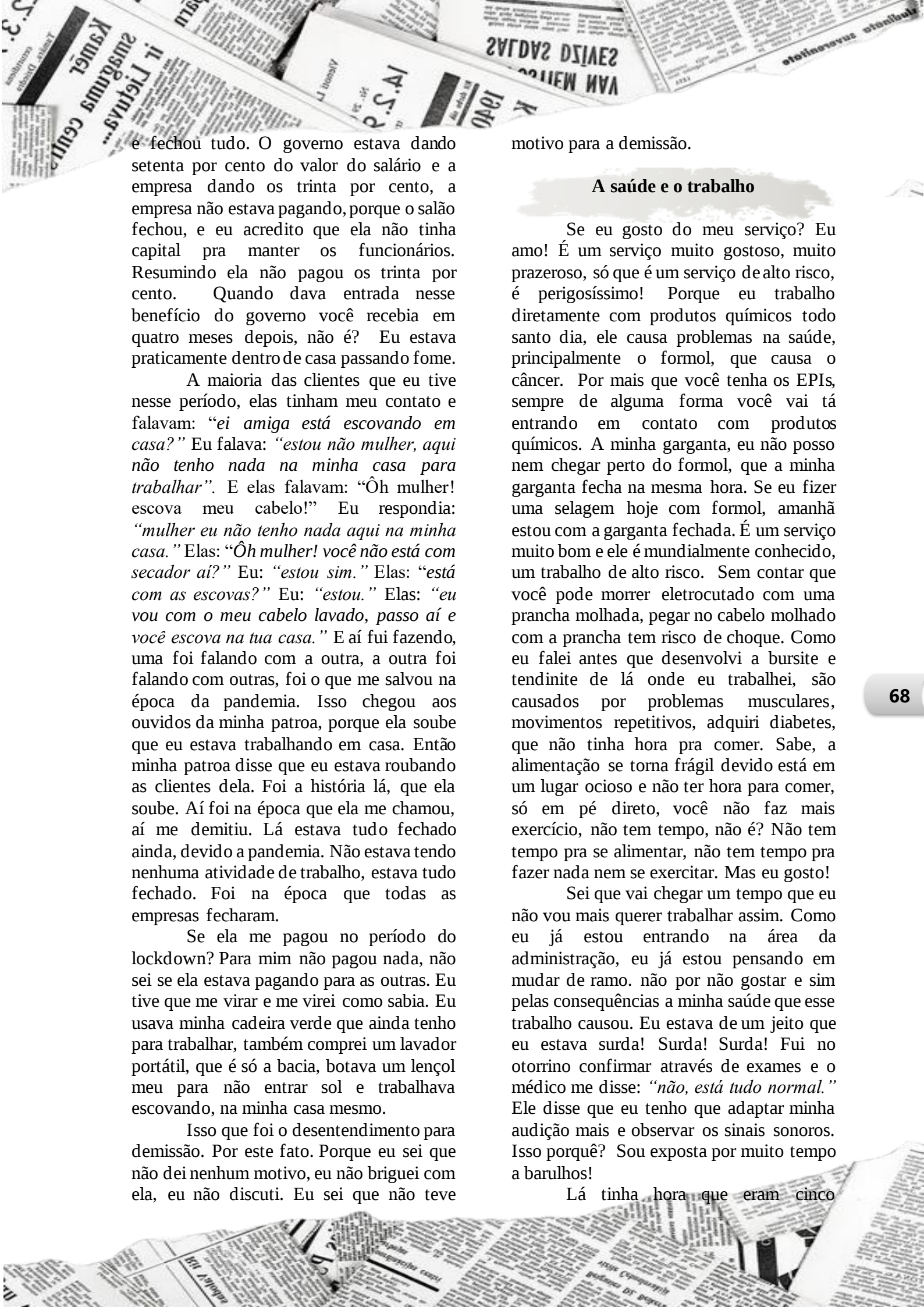
Funciona assim, o pagamento de cada produção para você fazer seu salário era trinta por cento, mas tinha as porcentagens tabeladas, esses trinta por cento não eram fixos para tudo que fazia, cada serviço tinha sua porcentagem específica, de cada produção. Eu passei nove anos com os valores que eu vou citar agora. Eu lavava um cabelo e ganhava um real. A lavagem do cabelo podia ser cem reais com o produto mais caro que tivesse, mas eu só ganhava um real de cada lavagem de cabelo. Uma hidratação era três reais que a gente ganhava. Ainda hoje me lembro, com nove anos na empresa não é possível esquecer, não é? Um real o lavado, três reais uma hidratação, cinco reais uma coloração, cinco reais uma cauterização, e você passa quarenta minuto pra fazer esse tratamento. É só um tratamento sem a escova. Trinta por cento em cima da escova. Uma escova

de vinte e cinco reais eu ganhava sete e cinquenta. já os procedimentos mais demorados e mais caros, uma selagem de duzentos e cinquenta reais eu só tinha cinquenta reais.

Hoje aqui no meu salão eu faço uma selagem de cem reais ou de cento e cinquenta, o dinheiro é todo meu. Então os preços tabelados eu sempre dizia para ela: *“eu estou esse tempo todo! Começo de ano mulher! um bora ajustar nosso valor! Está muito barato! As escovas estão muito baratas para nós funcionárias.”* Porque ela sempre aumentava os valores dos serviços para as clientes, mas para aumentar nossa comissão ela não aumentava. Ela dizia como justificativa para não aumentar a comissão: *“depois a gente vai conversar sobre isso, depois a gente acerta, porque os produtos aumentaram e não posso aumentar as comissões de vocês.”* Era sempre assim. Passei nove anos assim. Então eu era vista como ovelha negra da família, porque lá ela sempre dizia, que era uma família. Porque eu sempre questionava, eu sempre procurava o melhor, falava com as meninas: *“bora! Bora! Bora fazer uma reunião com a chefe sobre nosso salário que está muito pouco.”* Eu tinha hora de entrada e não tinha hora de saída, também não tinha hora de almoço. Pra gente ganhar mil e quinhentos reais num salão do qual eu trabalhava, eu tinha que ralar mesmo! ralar mesmo! Chegava em casa dez, onze horas da noite. Eu era quem tinha os olhos mais abertos para o aumento de salário, e as outras não tinham, para elas aquilo que elas ganhavam e faziam, sempre estava bom. Eu dizia que elas eram abastadas devido isso. Eu tinha os olhos abertos e as outras não, para elas o que faziam e ganhavam estava bom. Depois fui demitida.

A demissão devido a pandemia de Covid - 19

Como ocorreu a minha demissão? Eu fui demitida no período da pandemia. Porque teve o período do pico da pandemia



e fechou tudo. O governo estava dando setenta por cento do valor do salário e a empresa dando os trinta por cento, a empresa não estava pagando, porque o salão fechou, e eu acredito que ela não tinha capital pra manter os funcionários. Resumindo ela não pagou os trinta por cento. Quando dava entrada nesse benefício do governo você recebia em quatro meses depois, não é? Eu estava praticamente dentro de casa passando fome.

A maioria das clientes que eu tive nesse período, elas tinham meu contato e falavam: “*ei amiga está escovando em casa?*” Eu falava: “*estou não mulher, aqui não tenho nada na minha casa para trabalhar*”. E elas falavam: “Ôh mulher! escova meu cabelo!” Eu respondia: “*mulher eu não tenho nada aqui na minha casa.*” Elas: “Ôh mulher! você não está com secador aí?” Eu: “*estou sim.*” Elas: “*está com as escovas?*” Eu: “*estou.*” Elas: “*eu vou com o meu cabelo lavado, passo aí e você escova na tua casa.*” E aí fui fazendo, uma foi falando com a outra, a outra foi falando com outras, foi o que me salvou na época da pandemia. Isso chegou aos ouvidos da minha patroa, porque ela soube que eu estava trabalhando em casa. Então minha patroa disse que eu estava roubando as clientes dela. Foi a história lá, que ela soube. Aí foi na época que ela me chamou, aí me demitiu. Lá estava tudo fechado ainda, devido a pandemia. Não estava tendo nenhuma atividade de trabalho, estava tudo fechado. Foi na época que todas as empresas fecharam.

Se ela me pagou no período do lockdown? Para mim não pagou nada, não sei se ela estava pagando para as outras. Eu tive que me virar e me virei como sabia. Eu usava minha cadeira verde que ainda tenho para trabalhar, também comprei um lavador portátil, que é só a bacia, botava um lençol meu para não entrar sol e trabalhava escovando, na minha casa mesmo.

Isso que foi o desentendimento para demissão. Por este fato. Porque eu sei que não dei nenhum motivo, eu não briguei com ela, eu não discuti. Eu sei que não teve

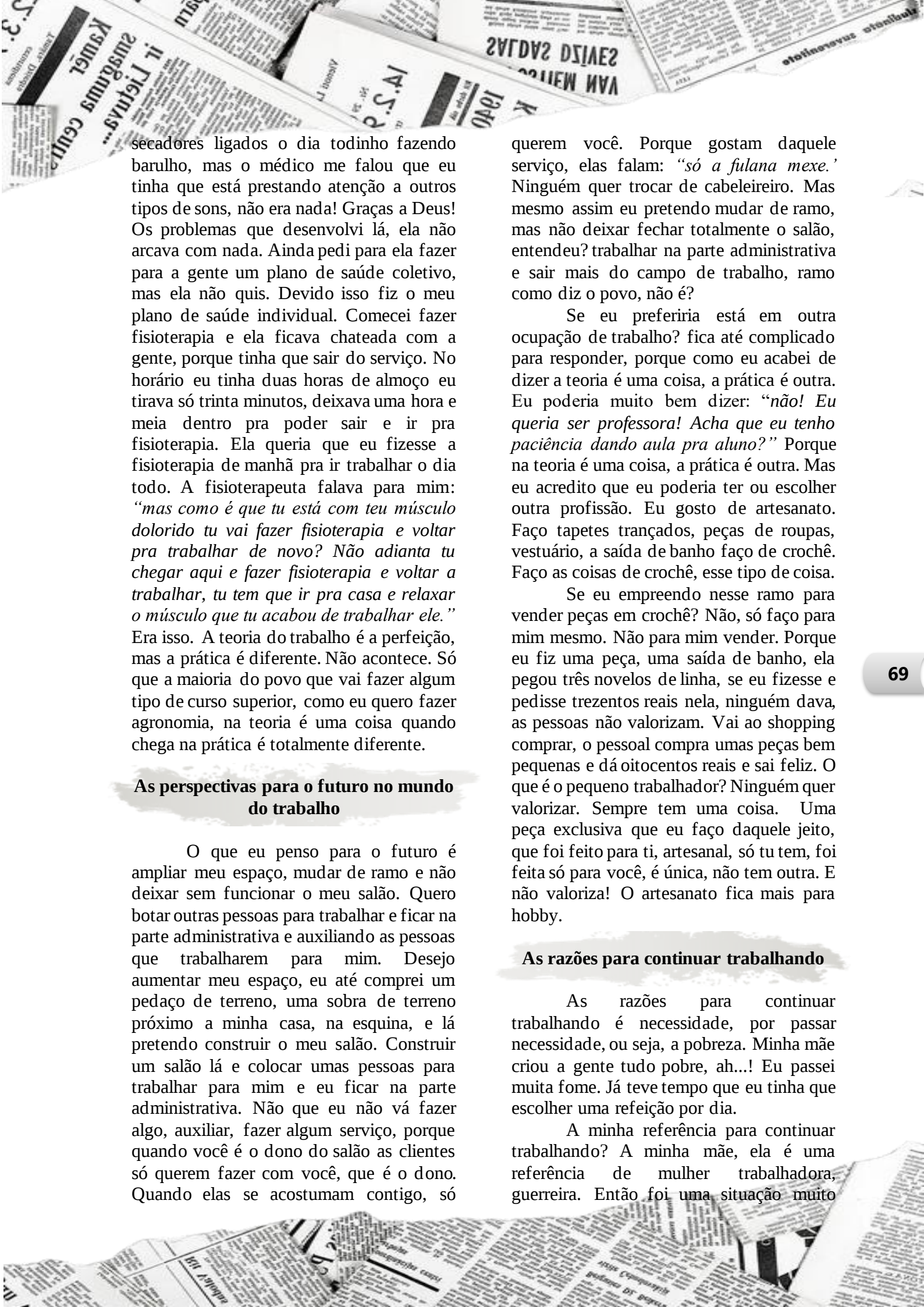
motivo para a demissão.

A saúde e o trabalho

Se eu gosto do meu serviço? Eu amo! É um serviço muito gostoso, muito prazeroso, só que é um serviço de alto risco, é perigosíssimo! Porque eu trabalho diretamente com produtos químicos todo santo dia, ele causa problemas na saúde, principalmente o formol, que causa o câncer. Por mais que você tenha os EPIs, sempre de alguma forma você vai tá entrando em contato com produtos químicos. A minha garganta, eu não posso nem chegar perto do formol, que a minha garganta fecha na mesma hora. Se eu fizer uma selagem hoje com formol, amanhã estou com a garganta fechada. É um serviço muito bom e ele é mundialmente conhecido, um trabalho de alto risco. Sem contar que você pode morrer eletrocutado com uma prancha molhada, pegar no cabelo molhado com a prancha tem risco de choque. Como eu falei antes que desenvolvi a bursite e tendinite de lá onde eu trabalhei, são causados por problemas musculares, movimentos repetitivos, adquiri diabetes, que não tinha hora pra comer. Sabe, a alimentação se torna frágil devido está em um lugar ocioso e não ter hora para comer, só em pé direto, você não faz mais exercício, não tem tempo, não é? Não tem tempo pra se alimentar, não tem tempo pra fazer nada nem se exercitar. Mas eu gosto!

Sei que vai chegar um tempo que eu não vou mais querer trabalhar assim. Como eu já estou entrando na área da administração, eu já estou pensando em mudar de ramo. não por não gostar e sim pelas consequências a minha saúde que esse trabalho causou. Eu estava de um jeito que eu estava surda! Surda! Surda! Fui no otorrino confirmar através de exames e o médico me disse: “*não, está tudo normal.*” Ele disse que eu tenho que adaptar minha audição mais e observar os sinais sonoros. Isso porquê? Sou exposta por muito tempo a barulhos!

Lá tinha hora que eram cinco



secadores ligados o dia todinho fazendo barulho, mas o médico me falou que eu tinha que está prestando atenção a outros tipos de sons, não era nada! Graças a Deus! Os problemas que desenvolvi lá, ela não arcava com nada. Ainda pedi para ela fazer para a gente um plano de saúde coletivo, mas ela não quis. Devido isso fiz o meu plano de saúde individual. Comecei fazer fisioterapia e ela ficava chateada com a gente, porque tinha que sair do serviço. No horário eu tinha duas horas de almoço eu tirava só trinta minutos, deixava uma hora e meia dentro pra poder sair e ir pra fisioterapia. Ela queria que eu fizesse a fisioterapia de manhã pra ir trabalhar o dia todo. A fisioterapeuta falava para mim: *“mas como é que tu está com teu músculo dolorido tu vai fazer fisioterapia e voltar pra trabalhar de novo? Não adianta tu chegar aqui e fazer fisioterapia e voltar a trabalhar, tu tem que ir pra casa e relaxar o músculo que tu acabou de trabalhar ele.”* Era isso. A teoria do trabalho é a perfeição, mas a prática é diferente. Não acontece. Só que a maioria do povo que vai fazer algum tipo de curso superior, como eu quero fazer agronomia, na teoria é uma coisa quando chega na prática é totalmente diferente.

As perspectivas para o futuro no mundo do trabalho

O que eu penso para o futuro é ampliar meu espaço, mudar de ramo e não deixar sem funcionar o meu salão. Quero botar outras pessoas para trabalhar e ficar na parte administrativa e auxiliando as pessoas que trabalharem para mim. Desejo aumentar meu espaço, eu até comprei um pedaço de terreno, uma sobra de terreno próximo a minha casa, na esquina, e lá pretendo construir o meu salão. Construir um salão lá e colocar umas pessoas para trabalhar para mim e eu ficar na parte administrativa. Não que eu não vá fazer algo, auxiliar, fazer algum serviço, porque quando você é o dono do salão as clientes só querem fazer com você, que é o dono. Quando elas se acostumam contigo, só

querem você. Porque gostam daquele serviço, elas falam: *“só a fulana mexe.”* Ninguém quer trocar de cabeleireiro. Mas mesmo assim eu pretendo mudar de ramo, mas não deixar fechar totalmente o salão, entendeu? trabalhar na parte administrativa e sair mais do campo de trabalho, ramo como diz o povo, não é?

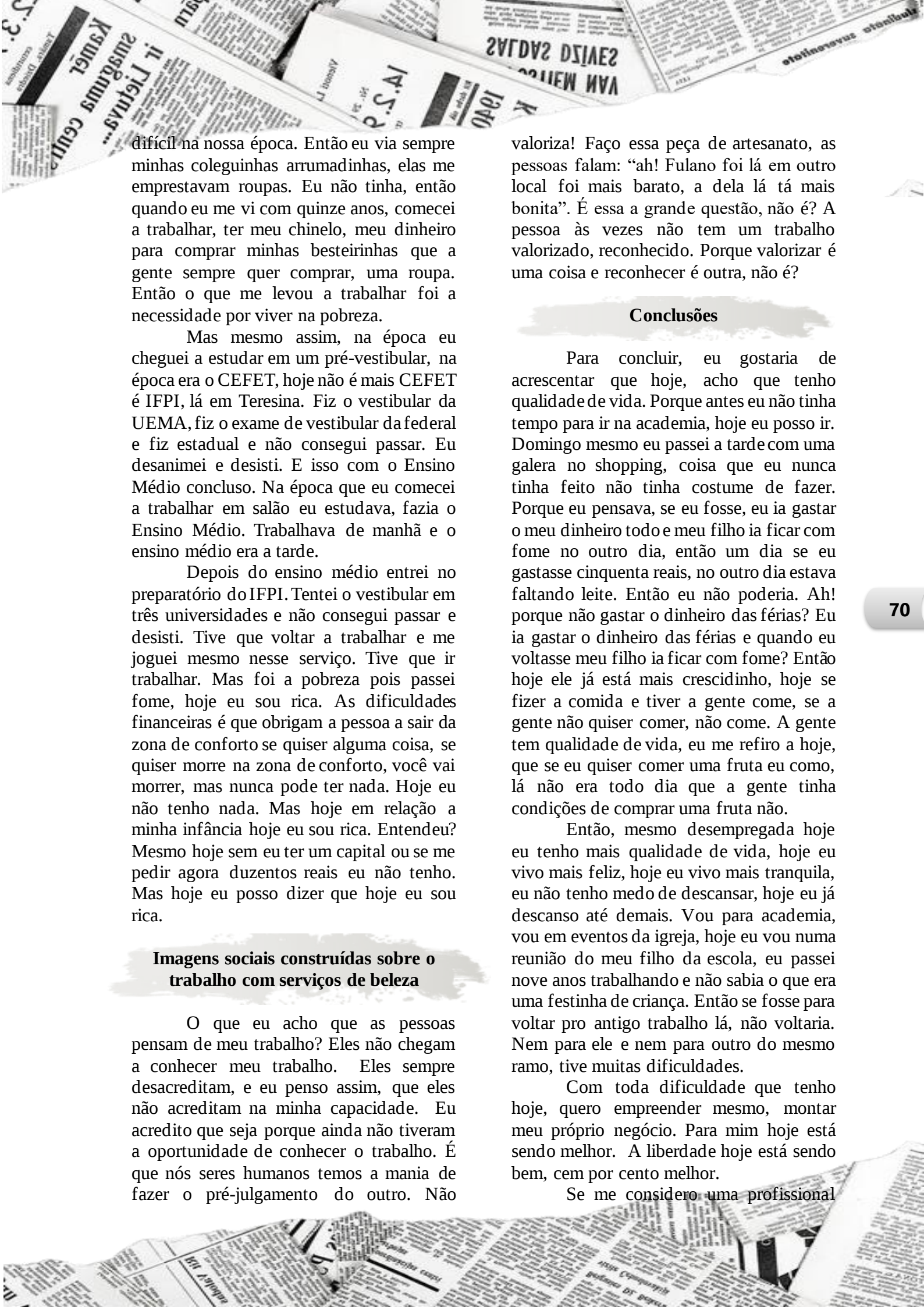
Se eu preferiria está em outra ocupação de trabalho? fica até complicado para responder, porque como eu acabei de dizer a teoria é uma coisa, a prática é outra. Eu poderia muito bem dizer: *“não! Eu queria ser professora! Acha que eu tenho paciência dando aula pra aluno?”* Porque na teoria é uma coisa, a prática é outra. Mas eu acredito que eu poderia ter ou escolher outra profissão. Eu gosto de artesanato. Faço tapetes trançados, peças de roupas, vestuário, a saída de banho faço de crochê. Faço as coisas de crochê, esse tipo de coisa.

Se eu empreendo nesse ramo para vender peças em crochê? Não, só faço para mim mesmo. Não para mim vender. Porque eu fiz uma peça, uma saída de banho, ela pegou três novelos de linha, se eu fizesse e pedisse trezentos reais nela, ninguém dava, as pessoas não valorizam. Vai ao shopping comprar, o pessoal compra umas peças bem pequenas e dá oitocentos reais e sai feliz. O que é o pequeno trabalhador? Ninguém quer valorizar. Sempre tem uma coisa. Uma peça exclusiva que eu faço daquele jeito, que foi feito para ti, artesanal, só tu tem, foi feita só para você, é única, não tem outra. E não valoriza! O artesanato fica mais para hobby.

As razões para continuar trabalhando

As razões para continuar trabalhando é necessidade, por passar necessidade, ou seja, a pobreza. Minha mãe criou a gente tudo pobre, ah...! Eu passei muita fome. Já teve tempo que eu tinha que escolher uma refeição por dia.

A minha referência para continuar trabalhando? A minha mãe, ela é uma referência de mulher trabalhadora, guerreira. Então foi uma situação muito



difícil na nossa época. Então eu via sempre minhas coleguinhas arrumadinhas, elas me emprestavam roupas. Eu não tinha, então quando eu me vi com quinze anos, comecei a trabalhar, ter meu chinelo, meu dinheiro para comprar minhas besteirinhas que a gente sempre quer comprar, uma roupa. Então o que me levou a trabalhar foi a necessidade por viver na pobreza.

Mas mesmo assim, na época eu cheguei a estudar em um pré-vestibular, na época era o CEFET, hoje não é mais CEFET é IFPI, lá em Teresina. Fiz o vestibular da UEMA, fiz o exame de vestibular da federal e fiz estadual e não consegui passar. Eu desanimei e desisti. E isso com o Ensino Médio concluso. Na época que eu comecei a trabalhar em salão eu estudava, fazia o Ensino Médio. Trabalhava de manhã e o ensino médio era a tarde.

Depois do ensino médio entrei no preparatório do IFPI. Tentei o vestibular em três universidades e não consegui passar e desisti. Tive que voltar a trabalhar e me joguei mesmo nesse serviço. Tive que ir trabalhar. Mas foi a pobreza pois passei fome, hoje eu sou rica. As dificuldades financeiras é que obrigam a pessoa a sair da zona de conforto se quiser alguma coisa, se quiser morre na zona de conforto, você vai morrer, mas nunca pode ter nada. Hoje eu não tenho nada. Mas hoje em relação a minha infância hoje eu sou rica. Entendeu? Mesmo hoje sem eu ter um capital ou se me pedir agora duzentos reais eu não tenho. Mas hoje eu posso dizer que hoje eu sou rica.

Imagens sociais construídas sobre o trabalho com serviços de beleza

O que eu acho que as pessoas pensam de meu trabalho? Eles não chegam a conhecer meu trabalho. Eles sempre desacreditam, e eu penso assim, que eles não acreditam na minha capacidade. Eu acredito que seja porque ainda não tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho. É que nós seres humanos temos a mania de fazer o pré-julgamento do outro. Não

valoriza! Faço essa peça de artesanato, as pessoas falam: “ah! Fulano foi lá em outro local foi mais barato, a dela lá tá mais bonita”. É essa a grande questão, não é? A pessoa às vezes não tem um trabalho valorizado, reconhecido. Porque valorizar é uma coisa e reconhecer é outra, não é?

Conclusões

Para concluir, eu gostaria de acrescentar que hoje, acho que tenho qualidade de vida. Porque antes eu não tinha tempo para ir na academia, hoje eu posso ir. Domingo mesmo eu passei a tarde com uma galera no shopping, coisa que eu nunca tinha feito não tinha costume de fazer. Porque eu pensava, se eu fosse, eu ia gastar o meu dinheiro todo e meu filho ia ficar com fome no outro dia, então um dia se eu gastasse cinquenta reais, no outro dia estava faltando leite. Então eu não poderia. Ah! porque não gastar o dinheiro das férias? Eu ia gastar o dinheiro das férias e quando eu voltasse meu filho ia ficar com fome? Então hoje ele já está mais crescidinho, hoje se fizer a comida e tiver a gente come, se a gente não quiser comer, não come. A gente tem qualidade de vida, eu me refiro a hoje, que se eu quiser comer uma fruta eu como, lá não era todo dia que a gente tinha condições de comprar uma fruta não.

Então, mesmo desempregada hoje eu tenho mais qualidade de vida, hoje eu vivo mais feliz, hoje eu vivo mais tranquila, eu não tenho medo de descansar, hoje eu já descanso até demais. Vou para academia, vou em eventos da igreja, hoje eu vou numa reunião do meu filho da escola, eu passei nove anos trabalhando e não sabia o que era uma festinha de criança. Então se fosse para voltar pro antigo trabalho lá, não voltaria. Nem para ele e nem para outro do mesmo ramo, tive muitas dificuldades.

Com toda dificuldade que tenho hoje, quero empreender mesmo, montar meu próprio negócio. Para mim hoje está sendo melhor. A liberdade hoje está sendo bem, cem por cento melhor.

Se me considero uma profissional



do meu ramo? Hoje eu me considero uma profissional. Porque muitas vezes chega a pessoa para usar o serviço que a gente oferece, a cliente olha no espelho e vê que o cabelo está desse jeito lindo e fala: “*eu não acreditava que meu cabelo ficava assim tão lindo.*” Então aquilo ali é a maior satisfação que o profissional pode ter. Costumam fazer um serviço aqui e falar: “*nunca meu cabelo ficou desse jeito, tu conseguiu deixar meu cabelo desse jeito, lindo.*” Então pra mim ali é tudo. Importante é a pessoa reconhecer o serviço e dizer, está perfeito! Então são pequenos detalhes que fazem com que a gente ao mesmo tempo se sinta um profissional. Eu posso não ter nome na praça, mas eu acredito que eu sou uma profissional qualificada no que eu faço.

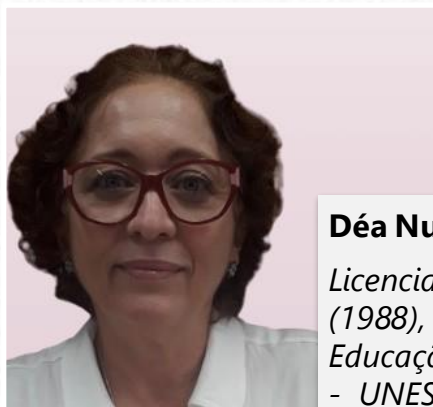
Pois é isso, muito obrigada! Foi um prazer participar da entrevista.



Andrey Giordanio Lopes Salazar

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Maranhão (ProfEPT/IFMA). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (CEAD/UFPI). Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia (UESPI). Professor de projetos integradores do Programa de Educação de Jovens e Adultos Integrado à Educação Profissional Técnica-EJATEC (IEMA-TIMON).

Email: razalas40@gmail.com



Déa Nunes Fernandes

Licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA (1988), Mestre em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, campus Rio Claro (2001). Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista- UNESP campus Rio Claro (2011). Membro do grupo de pesquisa " História Oral e Educação Matemática"- GH OEM/UNESP. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática - GEPEM. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Profissional e Tecnológica - GEPEPT/IFMA. Professora do 3º grau do Departamento de Matemática do IFMA.

Email: dea.fernandes@ifma.edu.br

Eliane Maria Pinto Pedrosa

Graduada em Pedagogia, com Mestrado em Educação Profissional e Doutorado em Educação em Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática –REAMEC/UFMT. Docente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão IFMA/Campus São Luís/Monte Castelo.

Professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfPET/ IFMA. Professora do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física. Atualmente, é Coordenadora Institucional do Programa de Formação de Professores de Educação Básica – Parfor. Consultora ad hoc da Fapema.

Email: elianempedrosa@ifma.edu.br



